



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
HUMANIDADES/CMIH
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES
LINHA: EDUCAÇÃO, POLÍTICA E LINGUAGENS

**AS NARRATIVAS DE INFÂNCIA EM CONTEXTO DE GUERRA - ANGOLA
E GUINÉ-BISSAU**

MARIA CESALÂNIA PEREIRA DOS SANTOS

Redenção/CE

2021



MARIA CESALÂNIA PEREIRA DOS SANTOS

**AS NARRATIVAS DE INFÂNCIA EM CONTEXTO DE GUERRA - ANGOLA E
GUINÉ-BISSAU**

Texto apresentado ao Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, para a obtenção de título de Mestre em Estudos Interdisciplinares em Humanidades

Autora: Maria Cesalânia Pereira Dos Santos
Orientadora: Profa. Dra. Larissa Oliveira e Gabarra
Coorientadora: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro

Redenção/CE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Santos, Maria Cesalânia Pereira dos.

S233n

As narrativas de infância em contexto de guerra - Angola e Guiné-Bissau / Maria Cesalânia Pereira dos Santos. - Redenção, 2021.

100f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Orientadora: Profa. Dra. Larissa Oliveira e Gabarra.
Coorientador: Coorientadora: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro.

1. Literatura africana. 2. Violência. 3. Infância. 4. Angola. 5. Guiné-Bissau. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 809

**AS NARRATIVAS DE INFÂNCIA EM CONTEXTO DE GUERRA - ANGOLA E
GUINÉ-BISSAU**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Humanidades

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Oliveira e Gabarra

Coorientador: Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro

Aprovado em: 29/10/2021


BANCA EXAMINADORA PARA A DEFESA



Profa. Dra. Larissa Oliveira e Gabarra
Presidente



Profa. Dra. Andrea Cristina Muraro
Vice-presidente - Externa ao Programa



Profa. Dra. Sueli da Silva Saraiva
Examinadora Externa ao Programa



Profa. Dra. Maria Aurinívea Sousa de Assis
Examinadora Externa ao Programa



Profa. Dra. Cristina Teodoro
Examinador Externa ao Programa

**REDENÇÃO
2021**

Dedico este trabalho:

às minhas filhas Umbewé Dalíllan e Dahaní Manlíllan e, em especial, a Laninha/Lana (apelidos na infância para Cesalânia) que lutou e ainda luta para lidar com os traumas ocasionados pelas formas de violência sofrida na infância.

AGRADECIMENTOS

Nesses anos de mestrado, de muito estudo, esforço, empenho e superação, gostaria de agradecer a algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a realização de mais este sonho. Por isso, expresso aqui, através de palavras sinceras, um pouco da importância que elas tiveram, e ainda têm, nesta conquista e minha sincera gratidão a todas elas. Primeiro agradeço a minha mãe Sônia Maria Pereira Dos Santos, por não medir esforços para sempre proporcionar o melhor para meus irmãos e eu. Sou grata aos meus irmãos Francisco Antônio e Jonas Rafael pelo apoio e motivação. e minha irmã Francisca Sâmia pelos encontros presenciais e virtuais de descontração e leveza e, principalmente pelos risos que extraí de mim quando eu já nem acreditava que o dia terminaria bem.

Agradeço ao meu companheiro e amigo Ianes Augusto Cá pelas conversas informais sobre a pesquisa e as revisões ortográficas e o incentivo à caminhada. As minhas filhas Umbewé Dalíllan e Dahain Manlíllan pelo amor e compreensão “de mamãe estudar tanto”. Sem a paciência e sapiência da minha família em me acolher nos momentos mais difíceis não teria conseguido concluir o mestrado.

Aos colegas de mestrado, em especial a Rosane Lorena de Brito pelos diálogos e trocas de experiências e o João Paulo de Castro pelas caronas, conselhos, e brincadeiras que ajudaram a descontrair os momentos de ensino e aprendizado, principalmente, durante os intervalos das aulas. Ao meu amigo angolano Gilson Lubalo Pembele pelas conversas onlines e mensagens de apoio e força nessa caminhada. Meu amigo, Katé!

A professora Dra. Natália Cabanillas que aceitou o convite para compor a banca de qualificação e que me permitiu encontrar outros olhares e modos de pensar a pesquisa. A professora Dra. Sueli da Silva Saraiva por quem tenho uma grande admiração como professora, pesquisadora e estudiosa, e que, desde o começo, sempre apoiou, incentivou e engrandeceu com muito carinho os caminhos que fui trilhando ao longo destes quase 8 anos de vida acadêmica.

Agradeço às professoras Dra. Maria Aurinívea Sousa de Assis e a Dra. Cristina Teodoro por ter aceito o convite para compor a banca de defesa, Grata pelas ricas contribuições e orientações feitas e por ampliar meu olhar sobre o tema infância.

E em especial à professora Dra. Andrea Cristina Muraro com quem compartilhei saberes, conhecimentos, experiências, textos, orientações e, escutas e partilhas de outras conversas. Grata pelo apoio e por acreditar no meu potencial. E por fim, não menos importante, meus sinceros agradecimentos à professora Dra. Larissa Oliveira e Gabarra por acreditar no potencial dessa pesquisa, pelo incentivo à continuidade dos estudos e doutorado, pela conselhos e orientação de mestrado, pela partilha e trocas de opiniões através dos textos e conversas. Sou grata pela sua parceria e compreensão.

Agradeço aos servidores terceirizados da Unilab, em especial a Maria, responsável pela limpeza do bloco do campus do Aurora, onde fica a sala de estudo de pós-graduação e secretaria do MIH. Ao Sr. Claudinei, responsável por abastecer o cartão do RU no campus da Liberdade e que por diversas vezes me socorreu quando eu perdia o meu cartão de alimentação e principalmente, pela amizade que construímos desde o primeiro dia como universitária na instituição, em Redenção-CE.

Agradeço a equipe do mestrado (secretárias, auxiliares, coordenadoras e professores) e a Funcap pelo auxílio financeiro durante a pesquisa de mestrado que foi fundamental para o desenvolvimento do projeto de mestrado.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo duas novelas africanas em língua portuguesa enredadas na história do pós-independência em Angola e Guiné-Bissau: *A bicicleta que tinha bigodes: estórias sem luz elétrica*, do angolano Ondjaki (2015) e *Comandante Hussi*, do cabo-verdiano Jorge Araújo (2006). O objetivo é compreender, de maneira interdisciplinar, as manifestações de violências e representações de infâncias que se revelam por meio do discurso literário nos contextos históricos, políticos e sociais das décadas de 80 e 90 do século XX, tendo em conta as novas configurações sociais instauradas depois da independência em Guiné-Bissau e Angola. Partindo das temáticas que as narrativas têm em comum: a guerra civil e seus desdobramentos, como medo, violência, carência e a infância, simbolizada pelas bicicletas. Os trabalhos de Mahmood Mamdani (2016), Frantz Fanon (1968), Homi Bhabha (1998), Édouard Glissant (1995) e Antonio Cândido (2010), norteiam a nossa perspectiva. Em hipótese, a pesquisa procura demonstrar que o silêncio é um dos meios pelo qual a violência se manifesta e traz à tona as configurações sociais e rastros de violências que, após os desejos utópicos projetados durante a luta de libertação, afloraram ainda mais nos contextos de guerra civil depois da independência. A guerra civil configura os espaços e brincadeira, na qual notamos através do amadurecimento das crianças em seus comportamentos que os modifica psicologicamente e fisicamente, as tomadas de consciência sobre a guerra e os artifícios de proteção e de defesa usados pelas personagens para preservar a infância em contexto de violência de guerra civil pós independência em Guiné e Angola.

Palavras-Chave: Literatura. Violência. Infância. Angola. Guiné-Bissau.

Abstract

This work has as object of study two novels with context of Angolan and Bissau-Guinean plot, namely, *A bicicleta que tinha bigodes: estórias sem luz elétrica*, de Ondjaki (2015) and *Comandante Hussi*, de Jorge Araújo (2009). The goal is to understand, in an interdisciplinary way, the manifestations of violence and childhood representations that are revealed through literary discourse in the historical, political and social contexts of the 80s and 90s of the 20th century, taking into account the new social configurations after independence in Guinea-Bissau and Angola. Starting from the themes that the narratives have in common: the civil war and its consequences, such as fear, violence, lack; and childhood, symbolized by bicycles, the works of Mahmood Mamdani (2016), Frantz Fanon (1968), Homi Bhabha (1998), Édouard Glissant (1995) and Antonio Cândido (2010) guide our perspective. In hypothesis, the research seeks to demonstrate that silence is one of the means by which violence manifests itself and brings to light the social configurations and traces of violence that, after the utopian desires projected during the liberation struggle, surfaced even more in the context of civil war after independence. The civil war configures the spaces and play, in which we notice through the maturation of children in their behavior that changes them psychologically and physically, the awareness of the war and the protection and defense devices used by the characters to preserve childhood in context of post-independence civil war violence in Guinea and Angola.

Key-words: Literature. Violence. Childhood. Angola. Guinea-Bissau.

LISTA DE SIGLAS

CEI - Casa dos estudantes do império

CNE - Comissão Nacional de Eleições

CPLP - Comunidade dos Países da Língua

Portuguesa EUA - Estados Unidos da América

FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola

FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique

MADEM - G15- Movimento para Alternância Democrática

MEC - Ministério da Educação

MNC - Movimento Nacional Congolês

MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola

PAIGC - Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo

Verde PAICV - Partido Africano para a Independência de Cabo Verde

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PIBC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PRS - Partido de Renovação Social

SWAPO - South-West Africa People's Organization

UNITA - União Nacional para a Independência de Angola

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SWAPO - Organização do Povo do Sudoeste Africano

SUMÁRIO

Intrudução -----	09
1. Contexto histórico e político de Angola e Guiné-Bissau no Pós-independência -----	19
1.1 Uma lupa em Angola -----	23
1.2 Uma Lupa em Guiné-Bissau -----	26
1.3 Um continuum violência -----	33
2. Uma atmosfera de violência nas narrativas literárias A bicicleta que tinha bigodes estórias sem luz elétrica e Comandante Hussi -----	37
2.1 Infância e silêncio -----	40
2.2 Infância e sociedade -----	51
3. A infância de um EU - personagem -----	66
3.1 As ruas de Luanda pelo narrador-menino -----	73
3.1 O que ainda temos de Isaura? -----	77
3.2 O rito de passagem de Hussi: “Numa guerra não há crianças” -----	81
3.3 As bicicletas: desejos e utopias -----	88
Considerações finais -----	92
Referências -----	95

Introdução

Nas últimas décadas os estudos sobre literaturas africanas e, em geral, temas relacionados à África se expandiram no Brasil. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro brasileira (UNILAB), a partir dos princípios do seu projeto de cooperação e de interiorização, assume um papel de suma importância nessa expansão, uma vez que os resultados desse projeto são destacados nas avaliações do MEC e na quantidade de estudantes oriundos dessa instituição que estão nos programas de pós-graduação e/ou atuando como profissionais, em especial os da área da educação, atuando na perspectiva de estudos africanos e diaspóricos. Portanto, essa rede de conhecimentos que se propaga por diversas vias não foi diferente com essa pesquisa, que surgiu ainda na graduação a qual me possibilitou o contato com os estudantes e professores estrangeiros e pesquisadores brasileiros que estudam as literaturas desses países. A curiosidade inicial era conhecer as culturas destes estudantes, não só pelo contato cotidiano que mantínhamos, mas também por meio da ampliação dos meus conhecimentos, apreciando os livros de histórias, textos literários e crítica literária. O meu primeiro contato com estudos de História e Literaturas dos países de língua portuguesa foi como bolsista voluntária no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no período de setembro de 2013 a setembro de 2014. Nesse primeiro projeto, fui pesquisar como a História e a Literatura se entrelaçam nas obras dos escritores africanos, principalmente, moçambicanas.

A minha visão se aguçou sobre os Estudos Africanos quando participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de 2014 a 2016, cujo tema do subprojeto “Leituras da África pela via da Literatura” – tendo como objetivo construir, nas escolas de ensino médio na cidade de Redenção, localizada no Estado do Ceará, práticas de ensino e de aprendizagem descolonizadas, abertas à diversidade e à educação para as relações étnico-raciais. Esse segundo projeto me permitiu um contato maior com os textos africanos, pois participamos de oficinas, palestras, eventos nacionais e principalmente elaboração e aplicação das oficinas para os alunos do ensino médio na sala de aula, já que se tratava do cumprimento da Lei 11645/2008.

No meu último ano do curso de graduação em Letras – Língua Portuguesa, fui contemplada no Programa de Bolsa do Programa de Iniciação Científica – PIBIC de julho 2016 a julho de 2017, cujo projeto intitulado “Rumores: Memória e História na literatura angolana e guineense”, tendo como objetivo investigar as tensões e contradições representadas

em rumores em obras literárias de Angola e Guiné-Bissau¹. Dentro deste projeto, pesquisei como as tensões e contradições são representadas no contexto de guerra pela voz da criança, em textos de autores desses países.

A partir dessa pesquisa, compreendi que pesquisar os dois países constitui um desafio, tendo em consideração as peculiaridades e divergências entre os dois, mas, ao mesmo tempo, as suas proximidades quanto ao percurso histórico e social, no que diz respeito ao projeto da construção da nação. Angola e Guiné-Bissau têm pouco mais de quatro décadas de libertação do colonialismo português (Angola 1975; Guiné-Bissau 1973), após lutas de independência iniciadas em 1961; após a heroica vitória, as duas nações já passaram por conjunturas políticas, econômicas e sociais complexas, com fortes efeitos de desestruturação, cada uma nas suas especificidades e ambas conectadas com um processo global.

Dando continuidade a linha de pesquisa, no mestrado, procuramos, com uma visão exógena, mas sincera e respeitosa, estudar Literatura e História de Angola e Guiné-Bissau, por meio das obras: *A bicicleta que tinha bigodes: estórias sem luz elétrica* (2015) de Ondjaki e *Comandante Hussi* (2009), de Jorge de Araújo. O foco é compreender, de maneira interdisciplinar, as manifestações de violências que se revelam por meio do discurso literário, no contexto histórico das décadas de 80 e 90 do século XX

Apesar das suas características (aproximação e distanciamento), este trabalho parte do que tem em comum nas obras estudadas: guerra civil e seus desdobramentos. Ressaltamos que os fatores políticos na guerra civil nos dois países são diferentes, embora tenha como ponto de partida rastros coloniais. Em Guiné-Bissau, o fator político eclodiu depois de quase 20 anos de independência e durou menos de um ano, enquanto em Angola o fator político foi logo após a independência e durou 20 anos. Portanto, abordar a guerra civil e seus desdobramentos é discutir sobre as violências que crianças sofrem em guerras, nesse caso, a guerra civil pós-independência em Guiné-Bissau e Angola.

Angola e Guiné-Bissau foram colônias portuguesas (para evitar a cacofonia). Diferentemente do Brasil, para alcançar a independência político-econômica, esses países estiveram em luta armada. Portanto, mesmo após a independência, os dois países, embora com dimensões diferentes, enfrentaram guerras civis. No que diz respeito à Angola, essa violência foi por um período maior pois iniciou logo após a independência entre o Movimento Popular

¹ Mais informações sobre esse sistemas de rumores e tensões e contradições
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-06112012-113225/pt-br.php>

de Libertação de Angola - MPLA e União Nacional para Independência Total de Angola – UNITA. Mesmo com alguns acordos como o de 1992, houve uma esperança de que a guerra cessasse, no entanto, isso não se deu na prática. Nessa perspectiva, não é possível datar com exatidão o ano a narrativa *A bicicleta que tinha bigodes- estórias sem luz elétrica* (2015.a), mas há alguns indícios dentro dela: a presença dos cubanos e a estrutura geográfica do espaço narrativo sugere-nos que o enredo se passa em meados dos anos 80.

Guiné-Bissau enfrentou, em 1998, uma das suas mais violentas guerras civis, depois da independência. Mesmo com período de duração menor se comparado à Angola, a guerra fez com que muitos ficassem desabrigados e fugissem para o interior. Depois dessa guerra, outras seguiram dando continuidade ao processo de instabilidade social, vinculado à violência. Esses contextos de crises políticas, para a sociedade civil, se transformaram em crises relativas aos problemas fundamentais do desenvolvimento. As metas de desenvolver uma Guiné-Bissau justa, democrática e com acesso aos bens de educação, de lazer, de economia, de moradia satisfatórios a todos, foram comprometidas pelos atos negligentes e criminosos de comportamentos dos altos dirigentes. Segundo Lars Rudebeck, a data de 1998 se configurou principalmente porque

Os rebeldes de Senegal em Casamança (...) compravam armas do exército e forças de segurança da Guiné-Bissau que lhe eram fornecidas através de mediações feitas pelos detentores de cargos superiores nas forças armadas, fortes indícios apontam para o envolvimento do próprio presidente [Nino Vieira]. No intuito de desviar as atenções e de atenuar a preocupação, pelos menos em relação ao Senegal, o presidente tentou em 1998, sacrificar o seu colaborador mais próximo e companheiro de armas desde há trinta anos, o brigadeiro Ansumane Mané, suspendeu-o do seu posto por suspeita de envolvimento no tráfico de armas (...). Soldados e comandantes frustrados e que já há bastante tempo não recebiam salários solidarizaram-se com Ansumane Mané. (2001, p.18)

A narrativa *Comandante Hussi* (2009) ocorre ficcionalmente nesse contexto de guerra civil que eclodiu em 7 de junho de 1998. Em síntese, a obra conta a história de uma criança, o mais velho de quatro irmãos, que repentinamente assume a responsabilidade de levar sua família para a aldeia dos antepassados, a fim de protegê-la dos desastres da guerra. Separado da família e de sua bicicleta — o seu bem mais precioso —, o garoto precisará de muita coragem e imaginação para seguir em frente.

O enredo inicia-se em uma comunidade denominada Porto do Batuquinhos, na zona periférica da capital (Bissau). Posteriormente, o espaço é mesclado entre as paisagens pelo caminho em direção ao interior do país e o retorno à capital, este último espaço que se configura

como ápice das compilações de violências. Essa mudança de espaço é percebida pela mobilidade do protagonista, uma criança de aproximadamente 12 anos de idade, chamada Hussi.

Na narrativa angolana de Ondjaki, há, por sua vez, um deslocamento em sentido contrário ao vivenciado por Hussi. Aqui, a criança permanece em Luanda e a guerra é sentida, principalmente, no interior. Tais percepções são construídas e apresentadas lentamente até a tomada de consciência sobre os desdobramentos da guerra civil no país.

As crianças (narrador-menino, Isaura² e JorgeTemCalma) querem participar do concurso proposto pela rádio angolana cujo prêmio seria uma bicicleta, mas como a ideia de uma boa história para vencer não é imaginada pelos três, JorgeTemCalma sugere pedir ajuda aos seus primos que moram em “Benguela e os de Malange”. A percepção das crianças sobre o interior do país é de “[menino-narrador] que nas províncias não acontece nada. [JorgeTemCalma] — Então, isso pode ser bom. Eles devem ter mais tempo para ter boas ideias” (ONDJAKI, 2015, p.44). A imagem de Angola, através na fala da criança e do narrador, é construída por uma visão egocêntrica,³ no sentido de que considera Luanda como o centro de todo o interesse em relação a outros territórios da zona rural. Sobre Luanda, de fato, há espaços a serem considerados e, recorrentemente, aparecem nos enredos literários.

Luanda tem multiplicidade de espaços e histórias que vão desde a “Baixa - parte da cidade que fica próximo ao mar (...), com seus edifícios do período colonial”, a vista da cidade também passa pelos “prédios públicos de construção pós-independência do país (...) e as praças públicas, como o Largo 1º de maio e do Kinaxixi, adornados com estátuas de Agostinho Neto e Rainha Nzinga” (MACÊDO, 2006, p.177-178). Além de outras realidades, como os musseques, os mercados, as ruas sem pavimentação, as falhas de energias elétricas e de água, as construções em ruínas. Ainda segundo Tania Macêdo, Luanda é uma cidade emblemática, portanto, não causa admiração “que a cidade seja referência obrigatória no imaginário nacional e cenário privilegiado da literatura produzida no país”. Desse modo, para a autora, estudar a literatura de Angola é necessário “referir-se a Luanda, sua história e sua gente” (2006, p.178).

O princípio dos conflitos pós-independência, certamente, teve raízes nos conflitos que se estabeleceram e perduraram durante todo o período da luta armada e que influenciaram o

² A personagem Isaura é a única menina na obra de Ondjaki e cabe um trabalho sobre essa temática de gênero. Não iremos fazer nesta pesquisa, mas reconhecemos essa perspectiva de análise.

³ Traduz como egocentrismo uma perspectiva criada pelo autor angolano sobre as crianças de Luanda. Na narrativa, há trecho em que elas conversam entre si e afirmam que nas províncias não sucede nada, por isso as crianças de lá têm mais tempo de elaborarem uma boa história para o concurso da Rádio com o prêmio da bicicleta como podem ver nas citações no texto.

período posterior a 1975, marcando a história política de Angola, conseqüentemente a história social, econômica, educacional e todas as áreas afetadas pela guerra. Refletir sobre a guerra civil não só em Angola, mas em Guiné-Bissau também, é falar sobre os campos adjacentes, para além do fator político.

Nesse contexto, é importante o campo de estudos em literatura sob a modalidade interdisciplinar, criando uma ponte entre as literaturas africanas de língua portuguesa e os estudos das ciências humanas, como caminho que possibilita a melhor compreensão dos aspectos sociais instaurados depois da independência. A pesquisa interdisciplinar em humanidades pressupõe adentrar nas discussões que envolvam o ser humano, para além das disciplinas, esse caminho requer uma intimidade com as obras e reflexões, a partir das suas múltiplas dimensões.

Para compreender esses fatores, a nossa crítica opera-se por meio de aspectos sincrônicos e diacrônicos da obra, uma vez que segundo Antonio Cândido “a análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelos aspectos e significado da obra, unificados para tornar um todo indissolúvel” (2014, p.15). Ou seja, na análise crítica do texto ficcional não basta se deter nos aspectos formais e linguísticos propriamente ditos, como por exemplo analisar as repetições do trecho “era domingo, dia de missa e futebol” no início e no fim da “parte I” da obra *Comandante Hussi* (2009, p.15-19) tão pouco se prender apenas aos aspectos sociais, pois a literatura já “depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais” (p.20). Porém, essas análises, mesmo que seja “indissolúvel” não “impede que cada crítico ressalte o elemento de sua preferência” (p.16), uma vez que,

a literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representações ficcionalmente conforme um princípio de organização adequada à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra (p.186).

Nesse sentido, compreendemos que o pesquisador é essencialmente múltiplo de visões, embora cada um esteja representado, predominantemente, em uma determinada ciência, as trocas, os intercâmbios, os confrontos e o enriquecimento recíproco de saberes estabelecem uma reflexão a partir das múltiplas extensões, levando em consideração as diferentes abordagens que possibilitem ampliar nossa visão diante do objeto. Pensando deste modo, as narrativas proporcionam releituras de mundos invisibilizados pela História. Portanto, as literaturas ou as

artes, no geral, tem um árduo trabalho de fazer emergir as complexidades e heterogeneidades, o que denominamos de microrrealidades de um sistema maior de conjunturas sociais.

Embora a literatura não represente e nem tenha a pretensão de representar a realidade exatamente como ela foi experimentada, uma vez que o representar está atrelado a questões como: Quais as intenções de quem discursa/narra? De onde se está falando? Quem está falando? E quais as ideologias e crenças de quem está falando/narrando? Ou seja, representar ou descrever uma das visões de um determinado acontecimento, dependerá do lugar que o sujeito que narra ocupa na sociedade. Como salienta Michel Foucault, o autor deve ser compreendido não como sujeito que fala, o indivíduo que pronuncia ou escreve um texto, porém, “como princípio de agrupamento do discurso como unidade e origem das suas significações”, como lastro da sua coerência (1996, p.26).

Ao encontro desse pensamento, o escritor e ensaísta Édouard Glissant aponta que a literatura defende uma concepção do mundo, ou seja, “praticar uma poética da totalidademundo é unir de maneira remissível o lugar de onde uma poética ou uma literatura é emitida, a totalidade-mundo e, inversamente”. A obra literária provém de um determinado lugar e, como o autor salienta, “a obra literária convirá tanto mais ao lugar quanto mais estabelecer uma relação entre esse lugar e a totalidade-mundo”. Desse modo, podemos dizer que o mundo repercute sua totalidade em cada um de seus lugares narrativos específicos, o que se torna um desafio escrever nesses contextos de imbricamento cultural, nessa “totalidade-mundo” (2013, p.38).

Para Glissant (2013, p.70) a história apresenta “espaços brancos dos mapas planetários [que] estão agora entremeados de opacidade” para compreender e “fragilizar para disseminar, (...) a totalidade”. Portanto, é através de “rastros/resíduos” deixado entre as lacunas da história, ou seja, a obra literária pode ser vista como pistas de um caminho possível a percorrer a fim de elucidar essas opacidades. Ela funciona como uma “raiz rizoma” que tem como pretensão alcançar, ou melhor, expandir possibilidades narrativas verossímeis de realidades para além de suas extensões.

Por certo, a literatura é uma aliada da história, portanto é concebível pensar que durante o regime colonial português, as literaturas africanas de língua portuguesa tornaram-se um grande instrumento de luta de libertação e continuam sendo um lugar de protesto, de resistência, de representação de ideias e de sentimentos. Por meio da literatura, os autores expressam o

amor pela pátria, pelas belezas naturais, denunciam as violências, as injustiças, às misérias, as insatisfações pelas lideranças políticas. Enfim, os escritores mostram os anseios por mudanças, que foram projetadas no discurso da geração de líderes das lutas de libertação e, que ainda não se concretizaram para a maioria da população.

Nessa pesquisa, os anseios dizem respeito, nomeadamente, aos dois países: Angola e Guiné-Bissau. Mas o que esses países têm em comum e diferente para serem escolhidos nesta pesquisa? Qual a justificativa para a escolha dessas obras? Certamente, será motivo de muita especulação dizer que um dos pontos são as conjunturas políticas e sociais presentes em ambos os países: a própria colonização portuguesa, a data e amparo de um país para com o outro durante a luta de libertação, a diversidade das línguas étnicas, as guerras civis, mas principalmente, as narrativas têm como tema central: a guerra, a infância e a bicicleta, este último, como objeto de desejo pelos protagonistas.

A partir desses contextos, partimos de outras indagações com foco nas manifestações de violências nas duas narrativas em análise: Como as crianças são representadas nas duas obras literárias? Como as crianças nas narrativas lidam com seus mundos, ou seja, quais os artifícios de defesa e de proteção? Quais as ludicidades que encontramos nesses contextos? Como é o espaço das crianças? Essas questões se tornam desafiadoras, porque mesmo existindo valiosas pesquisas sobre essa temática nas literaturas africanas em língua oficial portuguesa, por exemplo, os estudos de Paula de Oliveira Cortines (2012), Elena Colonna (2009), MarluCIA Nogueira Nascimento (2018) e Maria di Napoli Pastore (2020), ainda é escasso os estudos mais profundos no âmbito sociológico, literário, antropológico, principalmente, no que diz respeito a Guiné-Bissau. Sobre a literatura Angolana, há uma porcentagem significativa de textos que abordam ou focam o tema infância: o próprio Ondjaki tem obras sobre o tema como *Os da minha rua* (2007), *Ynari, menina de cinco tranças* (2010), *Ombela: A origem das chuvas* (2015), enquanto que na Guiné-Bissau existe uma certa invisibilidade, para não dizer escassez de material sobre essa temática, embora tenhamos consciência que a literatura se dá também através da oralidade, no caso de Guiné-Bissau, especialmente, em língua crioula, como por exemplo das músicas e cantigas como a música *Kê Ki mininu na Tchora*⁴ Por quê chora criança, que aborda o tema guerra, mas a luta de independência.

⁴ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eVHjJqvYYyw> Ficha técnica Autor e compositor: José

Em perspectiva de análise, *A bicicleta que tinha bigodes - estórias sem luz elétrica* (2015) é uma elaboração ficcional de elementos expostos através da memória infantil e coletiva do escritor angolano, como poderemos ver no capítulo 3 desta dissertação, quando Ondjaki discute sobre o processo de criação literária em que tenta elaborar as percepções de como uma criança via e entendia os contornos históricos da década de 80 em Angola.

E que podemos perceber também através de outras narrativas de Ondjaki cujo espaço e personagem-menino se repetem. A obra publicada em 2011 faz parte do projeto do autor em ressignificar a escuridão, pois em *Uma escuridão bonita - estórias sem luz elétrica* (2015), publicada pela primeira vez em 2013 considera que uma “pessoa também pode dizer coisas bonitas sem ser com a voz de falar, foi a primeira descoberta assim estranha que eu fiz nessa noite numa bendita, bonita, falta de luz” (ONDJAKI, 2015b, p.16). O terceiro livro *Convidador de pirilampos - estórias sem luz elétrica* (2018), publicado em 2017, completa as três obras que fazem parte das experiências noturnas de ouvir e contar histórias dos protagonistas infantis do autor.

Assim como ocorre na obra *A bicicleta que tinha bigodes*, em *Comandante Hussi*⁵(2009) a criança é descrita pelo filtro de um narrador onisciente. Em ambas as histórias, a guerra está presente e há insegurança ou medo; seja o simples medo de não conseguir escrever uma boa história para o concurso da rádio (Ondjaki) ou pelo fato de, na narrativa de Jorge Araújo, o menino Hussi é incitado a participar da dura realidade, pois a guerra torna-o precocemente “adulto”. “(Pai Abdelei) — Agora és o homem da casa” e como tal “não podia dar o braço a torcer, mostrar a sua fraqueza agora que a sobrevivência da família lhe repousava nos ombros” (ARAÚJO, 2009, p.35). Ele sabe que está sujeito a ser agredido, a sofrer dor e desamparo, o que de fato ocorre. Destacamos ainda as questões relacionadas a classe social do menino Hussi e sua família e do menino-narrador e seus amigos.

Hussi vive em situação precária, como podemos notar na descrição de sua casa, o garoto mal tem o que comer no café da manhã, já os personagens do enredo angolano o garoto vive em condições sociais melhores e mesmo enfrentando problemas com alimentação, água e saneamento básicos ele ainda se enquadra no que seria a classe média no Brasil além de que

⁵Carlos Schwarz Vocalista: Felício Mendes Acompanhamento musical: Os Úntués.

sua residência fica no bairro de grandes circulação e moradia das pessoas do alto escalão do governo MPLA.

A partir dos breves contextos históricos dos dois países e breve contextualização das duas obras, levando em consideração os nossos questionamentos, esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo partimos de uma leitura não imanente, relacionando texto e contexto, isto é, de uma literatura de mundo que, segundo Glissant, a literatura sempre proveio de uma concepção de mundo, e isto estaria evidente desde um simples poema até em grandes epopeias (GLISSANT, 2013, p. 38). Desse modo, apresentamos um panorama do contexto histórico e político de Guiné-Bissau e Angola, situando, especificamente, os acontecimentos que antecedem e sucedem o período proposto neste trabalho. Esses dois países conheceram vários períodos de instabilidade política governativa que impossibilitaram o término da maioria dos mandatos executivos em Guiné-Bissau.

Do ponto de vista do regime político, o país viveu, desde a independência até 1991, data em que foi aprovado o multipartidarismo, em um sistema de partido único tendo o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC) como partido-Estado e “a partir das décadas de 1990, com o processo da democratização, assistiu-se uma tendência à instalação de regimes autoritários mediante golpes de Estado, o que significou a repressão de qualquer forma de contestação aos regimes militares instalados” (TEIXEIRA, p.70, 2015). Foi esse mesmo partido que ganhou as eleições multipartidárias que só ocorreram em 1994 e que presidiu até 1999. A alternância de poder só aconteceu em 2000. Já no caso de Angola houve apenas três presidentes - Agostinho Neto, José Eduardo dos Santos e João Lourenço - em mais de quatro décadas e todos ligados ao partido MPLA.

Apesar de ambos os países terem participações pluripartidários nas eleições, MPLA e PAIGC contabilizam um indagador e expressivo tempo com partidos presidenciais em Angola e Guiné-Bissau, respectivamente. Por outro lado, notamos através dos contextos históricos e das narrativas literárias, que a instabilidade inviabilizou a realização de objetivo de desenvolvimentos econômicos, educacionais, de infraestruturas e a redução da pobreza, formas de violência retratadas nos enredos analisados.

No segundo capítulo retomamos os enredos das narrativas e exploramos o conceito de violência tendo como suporte Mahmood Mamdani e Frantz Fanon⁶. Aprofundamos a análise com citações das narrativas que a nosso ver colaboram para aquilo que Fanon denomina de “violência atmosférica” e “violência em ação” (1968, p. 54). Para então no subcapítulo intitulado “Uma atmosfera de violência nas narrativas literárias” oferecermos um panorama sobre como os sujeitos lidam com a violência, isto é, os sujeitos estão em processos de subjetivação em contexto violentos, no qual não perde a capacidade de iniciativa para gerir a sua vida. Assim, os silêncios, que ora, são manifestações de violências reprimidas pelo inconsciente dos personagens, mas que são manifestadas pelas atitudes dos sujeitos ficcionais, como a criança Isaura, a avó, o CamaradaMudo, comandante Raio de Sol, o Abdelei Sissé pai de Hussi. O silêncio é utilizado como arma de proteção, como sobrevivência, e por vezes, tornando-a uma aliada nas dinâmicas de poder e violência.

No terceiro capítulo abordaremos a temática infância, que perpassa pela simbologia da bicicleta, dos espaços, e das análises das crianças, em especial, Isaura e os dois meninos protagonistas. O medo será também um ponto de análise neste capítulo, pois tendo em conta o contexto de violência, observamos quais os artifícios de defesa e proteção utilizados pelas crianças e, para preservar o mundo infantil. Embora essa última categoria esteja predominante no capítulo três, ela também está presente no capítulo dois, quando abordamos a relação do silêncio, medo e poder. O medo constitui uma tomada de consciência dos acontecimentos que sucedem a guerra em ambas às narrativas. Assim como em *Comandante Hussi* (2009), notamos em *A bicicleta que tinha bigodes: estórias sem luz elétrica* (2015) a tomada de consciência que se dá, principalmente, através da consciência da escassez de alimentos, luz e água. Compreendemos que há uma necessidade de estudos em diversas áreas sobre esse tema nos países africanos de língua oficial portuguesa, assim, esperamos também que essa análise possa desobstruir os modos como as infâncias são impostas, principalmente pelo olhar ocidental. Entendemos que não há uma única infância, a partir de um contexto específico, pautado pelo espaço-tempo em que vivem as duas narrativas, respectivamente, dos escritores Jorge Araújo

⁶ Apesar de Fanon tratar da violência colonial, acreditamos que a violência colonial tem relação com a violência pós-colonial, uma vez que os ciclos de violências presentes e representados nas obras apontam para uma raiz vinda das relações do sistema colonial. “A descolonização é a substituição de uma espécie humana por outra” Essa afirmação do Fanon nos assegura a dizer que depois da colonização permaneceu essa herança colonial.

e Ondjaki narram o direito das crianças de vir a ser e, de serem protagonistas dos mundos aos quais partilham e pertencem.

Portanto, ao expor o tema infância e a falta de aprofundamento de conceito de infâncias que por ser no plural, não foi possível, neste trabalho, dar conta de todas as leituras sobre esse tema. Assim, se deu a liberdade de partir da minha infância no terceiro capítulo para explorar as outras infâncias, inclusive as representadas nas narrativas literárias.

1. Contexto histórico e político de Angola e Guiné-Bissau no pós-independência

Em África, se consolidou uma classe de intelectuais que se tornaram líderes das lutas pelas independências em meados de 1950, como por exemplo em Gana, através do líder Kwame Nkrumah. Assim ocorreu também em Angola, liderado por Agostinho Neto e Guiné-Bissau e Cabo-Verde por Amílcar Cabral. Os intelectuais nesses países contribuíram na organização dos movimentos de libertação, e nas configurações daquilo que mais tarde se chamaria de Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo-Verde. Esses intelectuais ideológicos e guerrilheiros, especialmente os intelectuais angolanos engajaram também pelo movimento literário e pela produção literária que tinha como objetivo se opor à colonização. Aliás, a obra “Sagrada Esperança”, de Agostinho Neto, exemplifica essas produções em Angola. A esse propósito também podemos notar essas características de possibilidade de renovar os padrões estabelecidos na sociedade guineense em os “7 poemas”, de Amílcar Cabral, contido na “A Antologia poética da Guiné-Bissau” (1990). Os versos “Meu grito de revolta ecoou pelos vales mais longínquos da Terra / atravessou os mares e os oceanos”, já deixam entrever o futuro revolucionário” que Cabral nutria nesse período (COUTO; EMBALO, p.70, 2010).

Ressaltamos que essas relações com a literatura se estabelecem ainda na Casa dos Estudantes do Império – CEI, um espaço de congregação para os estudantes de ensino superior, vindos das colônias e que surgiu durante o salazarismo em Portugal nos anos de 1940 com sede em Lisboa e delegações em Coimbra. Vale ressaltar que esse espaço só foi reconhecido em 1944 com forte vigilância por parte do governo salazarista. Mesmo com as constantes represálias, havia uma mobilização de pensamento questionador pelo viés emancipatório e revolucionário por parte dos estudantes. Portanto, destaca-se que nesse espaço reuniu-se algumas das futuras lideranças das independências do continente africano, até 1965, quando a casa foi fechada pelo governo.

Os estudantes foram, aos poucos, desenvolvendo, com base em análises da conjuntura histórica, um sentimento nacional totalmente avesso aos interesses do salazarismo, visto que entraram em contato com os partidos comunista de Portugal e França, assim como contato com outros intelectuais oriundos de outras colônias. A literatura, por sua vez, teve, nesse contexto, um papel significativo, uma vez que a partir dos movimentos artístico-culturais, os estudantes como Amílcar Cabral, Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto, Pepetela, por exemplo, passaram a discutir os problemas das colônias e a revoltar-se contra o sistema colonial.

Compreender o início dos conflitos é fundamental para elucidar acontecimentos do período analisado a partir do tempo das narrativas. As lutas pela independência nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) foram iniciadas, oficialmente, 1961 em Angola e, que logo se espalhou nos demais países. Angola e Guiné-Bissau obtiveram apoio de países dentro e fora do continente africano.

Nesse percurso, as realizações de conferências, encontros, formação, e rede de apoio são demonstrações de nível de articulação, de ação consciente e coordenada desses movimentos, que por via do diálogo e, sobretudo, da luta armada em várias frentes de batalha, minaram as forças armadas do colonialismo português em 1974, em Guiné-Bissau, e 1975, em Angola. Após a independência, as relações de apoios estabelecidas no processo anterior contribuíram para as instabilidades políticas de ambos os países em estudo. Assim, as guerras civis iniciadas após as lutas armadas internacionalizaram-se porque houve o envolvimento militar de atores externos, como Gana, EUA e a Rússia, além do jogo diplomático entre as excolônias. Apesar de diferentes circunstâncias, Angola e Guiné estavam dentro do mesmo contexto político mundial, uma vez que esses novos países independentes procuravam caminhos para se erguerem aos seus próprios destinos. Contudo, ressaltamos que as duas narrativas em análises, *Bicicleta que tinha bigodes- histórias sem luz elétrica*, de Ondjaki, e *Comandante*, de Jorge Araújo, são novelas que retomam nas suas narrativas momentos distintos da história desses dois países, isto é, a narrativa da primeira se situa na década de 80 e a segunda na década 90, respectivamente.

Compreendemos que a pós-independência e o desafio da fundação e formação de uma nova Nação nesses países, tem sido marcado pelas permanentes instabilidades políticas, econômicas e sociais, deve-se, fundamentalmente dentre outras, a fragilidade dos Estados, ausência de uma burguesia diversa. Como Bayart (1999) alerta-nos para o fato de desde as

independências, a integração de diversos agentes políticos e da sociedade civil numa elite que se unifica em torno de instituições como o partido-Estado, a administração do Estado pelo PAIGC ou as forças militares, resulta em uma desigualdade cada vez mais explícita no continente. O que podemos compreender entre outras coisas, é que ainda na área da independência o Estado

Em correspondencia entre ocupar cargos en el aparato del estado y amasar fortunas coincide, a grandes rasgos, con la jerarquía política. Concretamente, el ejercicio de la autoridad suprema suele ir acompañado de una acumulación proporcional (...). En este sentido, el estado poscolonial indujo un profundo cambio en las sociedades africanas, un cambio de larga duración. Las clases dominantes nunca habían llegado a tener una supremacía económica tan clara sobre sus súbditos⁷. (BAYART, 1999, p.151)

Assim, devido à cultura de política pelo viés autoritário, que reflete em uma ausência de uma cultura de diálogos, atrelada às interferências políticas nos órgãos de justiça, perda e inversão dos valores e condições sociais, insegurança e pobreza, bem como encorajamento das manifestações de violência, como argumenta Bayart, inseridos em um sistema de “politica del Vientre” (p.154). Tudo isso faz com que África, em especial Angola e Guiné-Bissau, não conseguissem ainda sair desses ciclos de violências. Diante dessa postura, talvez estes dois estados precisem de uma mudança o que requer movimento e, por vezes, “rompimento com velhos hábitos ou junção deles com novas perspectivas, mas que tenham como objetivo o bem e melhoria para as sociedades” expostas neste trabalho. (AGÊNCIA LUSA, 2020, s/p)

As contextualizações históricas dos países após as décadas de 80 e 90, justificam-se aqui para um melhor entendimento dos acontecimentos que estão vinculados à violência, por exemplo, assim como os que sucederam esse recorte mostram um ciclo de cultura política na qual essas violências, seja político ou social, ainda vigoram para além da narrativa literária. Sabemos que as narrativas se limitam a um determinado tempo e espaço que é o nosso recorte de trabalho. No entanto, para além das manifestações de violências apresentadas pelo objeto artístico, nossa pesquisa não se limita apenas ao texto literário e tem como tentáculos os estudos sociológicos e históricos, que compõem uma análise adjacente do ciclo espiral de violência.

⁷ A correspondência entre manter cargos no aparato estatal e acumular fortunas coincide, em linhas gerais, com a hierarquia política. Especificamente, o exercício da autoridade suprema é geralmente acompanhado de acumulação proporcional (...). Nesse sentido, o Estado pós-colonial induziu uma profunda mudança nas sociedades africanas, uma mudança duradoura. As classes dominantes nunca passaram a ter uma supremacia econômica tão clara sobre seus súditos (grifo nosso).

Para compreender esses momentos históricos específicos de Angola e Guiné-Bissau, seria necessário ter um olhar mais amplo dos acontecimentos do mundo que antecederam e culminaram para essas guerras no pós 1970, a saber: Guerra Fria. Como se sabe a Guerra Fria (1947-1991) foi um conflito militar e global que se instaurou logo depois do fim da 2ª guerra mundial. Esse conflito envolveu a maioria das nações do mundo. Nesse sentido, o que muitas vezes não é informado (por exemplo, no ensino básico), é qual a relação desse conflito com África, uma vez que a imagem construída no senso é de uma guerra entre as duas grandes potências. De um lado, os EUA, uma potência capitalista; de outro, a União Soviética (URSS), uma potência socialista; portanto, em ambos os lados, armamentos com tecnologia nuclear que poderiam causar sérios danos a toda a humanidade. Entretanto, esse apoio dos blocos socialista e capitalista modificou-se. A guerra perdeu forças a partir da década de 1980, devido aos conflitos internos dos bolchevistas e a forte crise econômica pela qual os países do bloco socialista passaram.

De acordo com Rossana Sarmiento Persici no trabalho intitulado *Guerra e paz em Angola: um estudo sobre o papel da ONU e das grandes potências* (2010), o contexto global em que Angola e seus membros partidários se encontravam entre os anos 1996 a 1998, diz respeito ao envolvimento das grandes potências europeias e africanas em outras guerras no continente africano no qual os seus desdobramentos atingiam diretamente os interesses, especificamente, do MPLA em Angola.

Até julho de 1998, as forças militares norte-americanas treinavam as tropas ruandesas em contra insurgência. Os diplomatas e militares norte-americanos estavam presentes na fronteira de Congo e Ruanda quando a guerra teve o seu início, em agosto do mesmo ano. Oficialmente, os EUA alegaram a forte presença das tropas para aumentarem a capacidade de Ruanda em evitar outro genocídio. Nessa ocasião, Angola, Zimbábue, Namíbia e Chade lutaram contra os agressores do Congo e as tropas norte-americanas, para impedir que aqueles países conseguissem alcançar as suas aspirações expansionistas na região. Em 1996 e 1997, já se podia observar a política de Angola contra os EUA, quando lutaram contra os “mercenários brancos” de Mobutu Sese Seko (aliado dos EUA e de Savimbi) e contra as tropas da UNITA, em Kisangani, Lubumbashi e Kenge. Nzongola-Ntalaja (2002) afirma que dos três países da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (Southern African Development Community – SADC) que intervieram no conflito, Angola foi o único com interesses de segurança no Congo. O governo angolano necessitava proteger suas zonas de exploração de minerais, especificamente na parte noroeste de Cabinda, área rica em petróleo. (PERSICI, 2010, p.107108)

Os interesses do MPLA relacionando ao Congo, dizem respeito também ao enfraquecimento dos espaços logísticos e o fornecimento de Eduardo dos Santos receava que Savimbi pudesse usar mais uma vez o Congo como base militar para a sua rebelião” (2010,

p.108), o que representava um grande perigo ao governo angolano. Na narrativa *A bicicleta que tinha bigodes- estórias sem luz elétrica* percebe-se que tempo é Luanda em meados de 1992. Assim, no trecho “um rádio lá longe tocava um som tipo cubano e nós ouvíamos a respiração um dos outros e a do Cãobral também” (ONDJAKI, 2015, p.53) notamos que a presença dos cubanos pode ser compreendida como algo presente, mas não se configuram como força hegemônica.

1.1 Uma lupa em Angola

No caso de Angola, a guerra civil (1976-2002) decorreu praticamente sem intervalo com a guerra da independência, (1961-1975) e prolongou-se pela Guerra Fria e até o pósGuerra Fria. O cessar-fogo entre as forças portuguesas e os três movimentos angolanos foi acordado por etapas. Segundo Douglas Wheeler, “a UNITA assinou primeiro em junho de 1974, seguindo-se o MPLA e depois a FNLA, em outubro de 1974” (2011, p.358). Foram meses de negociação e apenas no dia 15 de janeiro de 1975, entre os dirigentes dos movimentos, foi estabelecido o Acordo de Alvor. Tal acordo fixou uma data de independência. Assim, em 11 de novembro do mesmo ano, a fim dos movimentos cumprissem com algumas exigências um “alto- comissário português permaneceria dotado de plenos poderes em Angola até a independência” (WHEELER, 2011, p.359).

Vale destacar que umas das exigências principais do Acordo do Alvor⁸ era a unificação do exército angolano, isto é, a junção das tropas de ambos os movimentos. No entanto, essa transição, que poderia ter sido suave, não ocorreu, uma vez que os partidos tinham que se organizar e “fornecer pessoal para o governo de transição; organizar campanhas políticas; e assumir funções administrativas, judiciais e policiais” (WHEELER, 2011, p.360). Na verdade, Portugal não tinha mais forças militares para negociar e contornar essa situação. Por fim, o MPLA assumiu à força o país.

Ainda sobre esse contexto político de Angola, é importante destacar que diferente de outros países africanos, inclusive a Guiné-Bissau, no momento de libertação, Angola não tinha apenas um partido configurando para assumir o autogoverno, mas sim três oposições internamente bastante definidas: União Nacional de Libertação Total de Angola (UNITA), Frente nacional de Libertação de Angola (FNLA) e o Movimento Popular de Libertação de

⁸ ARTIGO 43°. Aprovada pelo Governo de Transição e promulgada pelo colégio presidencial a Lei Fundamental, a Comissão Central deverá: a) elaborar um projecto de lei eleitoral; b) organizar os cadernos eleitoris; c) registrar as listas dos candidatos à eleição da Assembleia Constituinte apresentadas pelos movimento de libertação. Mais informações disponíveis em: <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=descon21>.

Angola (MPLA). No final, logo no início da 1ª guerra civil, a disputa entre os blocos foi marcada por apenas dois partidos: MPLA (com orientações marxistas) e UNITA, visto que a FNLA perdeu apoio e, alguns dos seus membros se associaram à UNITA, com apoio ocidental capitalista.

Em Angola, a guerra que começou em 1975 duraria até abril de 2002 e os três principais movimentos nacionalistas se desenvolveram de forma distinta, cada um com apoio internacional específico. Por exemplo, A FNLA, liderado por Holden Roberto, tinha sua base no norte de Angola, principalmente entre os Bakongo, fazia parte dos grupos anti-soviéticos, apoiados pelos EUA, e inicialmente pelo Movimento Nacional Congolês (MNC), de Patrice Lumumba. Assim como MPLA recebia o apoio soviético e cubano, tinha como principal líder Agostinho Neto e como base a própria Luanda. Já a UNITA, a liderança de Jonas Savimbi estava firme e a presença do movimento fazia-se sentir principalmente nas regiões do sul e entre os ovibundos, pós-aliança com a FNLA, via África do Sul, portanto, recebeu apoio norteamericano.

O MPLA havia ocupado a capital Luanda e outras regiões, cujas fontes de riquezas eram o petróleo⁹. Concomitante, “as forças sul africanas, encorajadas pelos Estados Unidos, começaram a partir de outubro de 1975, a entrar em território angolano para apoiar a FNLA e UNITA (que se uniram) avançando para o norte, a fim de atacar a zonas e cidades controladas pelo MPLA” (WHEELER, 2011, p.361). De modo simultâneo, em março de 1976 “as forças do MPLA, apoiadas por tropas cubanas e por peritos da União Soviética e dos estados de seu bloco de aliados, bem como uma infusão maciça de armas, tinha derrotado e dispensado às forças rivais” (2011, p.362). No entanto, o líder da UNITA: Jonas Savimbi recebeu novos apoios da África do Sul, em 1979. O interesse de África do Sul, substanciada pelos Estados Unidos, em apoiar a UNITA, era, segundo o historiador, uma tentativa de combater o apoio que o MPLA dava ao movimento que lutava pela independência da Namíbia (SWAPO).

Nesse contexto, o derradeiro combate do MPLA e a UNITA, alimentado pelas potências capitalista e socialista, foi “a batalha mais decisiva que tenha ocorrido no cerco de Cuito Cuanavale. Durante um combate de quinze horas no 23 de março de 1988, quando as

⁹ Angola produz 630 mil barris/dia, perspectivando-se nos próximos tempos atingir os 700 mil. Os diamantes constituem a segunda fonte de divisas do país. Ferro, cobre, ouro, chumbo, zinco, manganês, volfrâmio, molibdênio, urânio, fosfatos, enxofre, mármore e asfalto são outros recursos que o país oferece. Mais informações disponível em <http://www.consuladogeralangola-porto.pt/pt/petroleo-e-diamantes>.

forças cubanas do MPLA derrotaram as forças da África do Sul e da UNITA” (WHEELER, p.365).

No ano de 1991, foi um ano de tentativa amenização do conflito interno existentes entre os partidos em Angola, através da qual foi aprovada em maio deste mesmo ano, “uma lei constitucional (a Lei nº 12/91) que coincidiu com os acordos de Bicesse, pondo fim ao regime monopartidário” (CHIMANDA, 2010, p.10). Assim, proporcionada pelos acordos entre os movimentos e as organizações das eleições multipartidárias, até 1992, ano da tentativa de uma primeira eleição, cujos resultados foram contestados por Jonas Savimbi que teve consciência que perderia o poder territorial e político que havia conquistado durante os anos de guerra. Já que o MPLA saiu como vitorioso, “o reacendimento da guerra civil depois das eleições de 1992 constituiu um sério desafio para a política democrática” (2010, p.10), conseqüentemente o retorno à intensificação dos conflitos foi inerente.

A segunda fase (1992-2002) da guerra civil em Angola já não foi mais alimentada pelas potências EUA e URSS, agora ambos os movimentos tinham suas próprias fontes de riqueza para sustentar o conflito. Durante a primeira fase, a UNITA conseguiu dominar um território de minas de diamante. O MPLA, por sua vez, estava situado na área de petróleo. Assim, cada um vendia suas riquezas e alimentava a guerra. Todavia, compreende-se com isso, quem mais se beneficiava desse conflito era o comércio exterior, pois negociava as riquezas por um preço miserável. Nesse período, “seguiu-se a destruição das infraestruturas de transportes, comunicação e instalação de minas terrestres em grande escala” (2011, p.368).

Durante essa fase houve alguns momentos de negociação de paz, um deles foi em novembro de 1994, na capital zambiana. O Protocolo de Lussaka era uma tentativa de recuperar os acordos de Bicesse. Esse novo acordo previa eleições novamente com supervisão da ONU, mas dessa vez, com um “contingente máximo de sete mil soldados”. Porém, ambos os partidos, mais uma vez, não cumpriram a convenção. Por isso, em “1997 e 1998 as Nações Unidas aplicaram vários pacotes de sanção”, entretanto, “retirou o grosso das suas forças de manutenção de paz” deixando o país apenas com uma “força residual simbólica” o que pode ter contribuído para o fracasso dos acordos (2011, p.369). Ao buscar fatores internacionais que influenciaram as circunstâncias locais, é possível entender que o primeiro momento pósindependência ainda era marcado sob as regras da guerra fria e o segundo momento, de adaptação ao neoliberalismo.

No contexto micro da história política de Angola, aproveitando a maioria no parlamento, o MPLA introduziu um novo modelo de governança em que o presidente passaria a ser eleito em eleições parlamentares o que desencadeou a reincidência dos conflitos e o rompimento dos acordos feitos anteriormente. As eleições previstas para 1996 (legislativas) e 1997 (presidenciais) foram adiadas para 2008 e 2009 respectivamente, sucumbindo assim à periodicidade e o direito de uma estabilidade política democrática e de paz.

Por fim, em Angola, esse conflito só teve fim quando a UNITA entrou em declínio, pois, seu território de ação foi tomado pelo seu adversário e, conseqüentemente, as minas de diamantes. Aliada a esse fator, a morte de Jonas Savimbi em fevereiro foi um ponto decisivo para o fim da guerra em abril de 2002.

1.2 Uma lupa em Guiné-Bissau

Enquanto em Angola os acordos de paz não chegaram a ser colocados em prática, de 1992 a 1998, especificamente; em junho de 1998, Guiné-Bissau enfrentou um dos mais difíceis e devastadores conflitos. Os acontecimentos, que antecedem a década de 80, têm relações diretas com os fatos ocorridos em 1998 em Guiné-Bissau. Na obra ficcional os acontecimentos que desencadeiam o início da guerra é o passeio que o personagem brigadeiro Raio de Sol dá em torno da capital: Bissau. O ex-militar e rival do presidente, na narrativa, depois de anos sem sair de casa ou das proximidades de sua rua, se depara com crianças famintas e com sintomas de desnutrição. O ex-militar ao constatar essa calamidade que para seu espanto ainda permanece, ele decide e anuncia: “A Guerra do Balão começa hoje” (ARAÚJO, 2009, p. 31).

De acordo com a historiadora Artemisa Odila Candé Monteiro “o ano de 1963 marcou o início da ação armada com ataque ao quartel de Tite, no centro sul do país, sinalizando o marco oficial da luta que se estendeu por várias regiões da Guiné-Bissau” (2016, p.19).

Inicialmente, “os guerrilheiros contavam com algumas pistolas e metralhadoras que eram incompatíveis com o arsenal e o aparato militar de que dispunham os colonialistas portugueses” (MONTEIRO, 2016, p.20), mas como dispunham de domínio do conhecimento territorial, que por vezes, ajudou-lhes nas estratégias de emboscadas e de armadilhas que permitiu, com o tempo, “apropriarem-se de quantidades importantes de material de guerra do inimigo” (p.21). Além disso, houve colaboração de outros países com armamento de guerra e de sobrevivência para enfrentar o período de luta.

As repressões se tornaram mais intensas, porém a persistência em expulsar o colonialismo português e o desejo de liberdade, impulsionou os membros do PAIGC a prosseguir a luta armada. Assim, os impasses que tiveram no início não intimidaram os guerrilheiros, e o “desenvolvimento de luta fortaleceu-se no interior do país, organizada em estruturas correspondentes às frentes norte, sul e leste, no sentido militar, subdivididas em subregiões e unidades de guerrilha” (2016, p.21). É certo que a luta armada não se desenvolveu de forma idêntica em todas as diferentes frentes do país, mas é notável que houvesse muita organização e estratégias de batalha e no início de 1964, aconteceu uma intensa ação na ilha de Como, no sudoeste do país.

Segundo a autora, esta ocorrência “denominada de Batalha de Como, constituiu uma das mais relevantes ofensivas já desencadeadas pelo PAIGC” (2016, p.26), e a partir da vitória, esse território passou a fazer parte das regiões denominadas de “zonas libertadas”, as quais estavam sob domínio do PAIGC, “que tinha como comandante das operações João Bernardo Vieira [Nino Vieira], responsável pela frente sul” (p.27). Como estratégia, essas zonas facilitaram o trânsito com a República de Conacri, onde o partido tinha uma base militar. Simultaneamente, a Batalha de Como, “Amílcar Cabral convoca o I Congresso do Partido, em fevereiro de 1964, na zona libertada de Cassacá, sul do País, tendo como participantes os principais dirigentes das bases militares, delegados de tabancas” (p.28). Esse encontro teve duração de mais 5 dias e abordaram temas, principalmente, de ordem disciplinar dos guerrilheiros. Além disso foi primordial na organização do partido que “concentrou-se em dois níveis: político e militar” (p.30), isto é, uma criação de comitês com intuito de suprir as carências e proporcionar bens de saúde, educação e política aos novos territórios libertados.

Para Monteiro, “os motivos da convocação gravitavam em torno de vários aspectos, entretanto, o mais preocupante recaía sobre os desvios dos princípios do partido e da conduta, por parte de alguns dirigentes do partido, nas bases da unidade de guerrilha” (p.28). É possível imaginar o quanto difícil é coordenar e orientar uma equipe, ainda mais quando se trata de uma equipe de guerrilheiros formados pelas mais variadas visões de mundo atrelada a etnias e a decisões pessoais de cada sujeito envolvido no combate. Mas o que destacamos aqui são os resquícios do que mais tarde afluíam como violência e novas configurações de poder, uma vez que as “denúncias de desvio de comportamento de alguns dirigentes do partido pautado no abuso excessivo do poder e na intimidação das populações, abusos cometidos pelos guerrilheiros (...), seguida de assassinatos, estupros das mulheres, maus tratos” (p.28-29) tornaram-se um desafio para os fundadores do partido.

Atrelada a isso, houve muitas críticas à ausência dos cabo-verdianos nas frentes de combate, cuja presença predominavam no quartel general de Conacri ou em Cabo verde, desde então, passa-se a ter mais presença dos cabo-verdianos como a figura do irmão de Amílcar Cabral, Luís Cabral que ocupou o cargo presidencial de 1973 a 1980 no PAIGC. Especificamente 1982 (Luís Cabral – o primeiro presidente é substituído por Nino Vieira), assim, houve uma ruptura entre Cabo Verde e Guiné Bissau, que outrora lutaram pela mesma independência.

Outro ponto importante a partir do Congresso de Cassacá foi que houve a parceria entre o poder político e o poder tradicional, assim como forte articulação com os países, tais como Líbia, Marrocos, Gana, Senegal, Congo, Argélia e, como já foi citado, Guiné-Conacri. Assim, essa rede de apoio foi ampliada com a ajuda de “Checoslováquia, China, Bulgária, Hungria, Alemanha Oriental, Noruega, da Suécia (...), no sentido de formação política, treinamento militar e de suporte do abastecimento material para o desenvolvimento da luta armada” (p.37). Ainda no âmbito da conjuntura internacional, o PAIGC recebeu apoio da ONU, em particular dos países socialistas, a exemplo da então URSS e, em especial, Cuba.

Desse modo, o governador português sentia-se ameaçado com o desenvolvimento dos apoios políticos, das dimensões do que estava acontecendo e dos meios de comunicação, promovido pelo PAIGC, com o propósito de ampliar a mobilização da população local. Neste sentido, ele atacou a grande fragilidade do projeto de Cabral: unidade entre Bissau-guineenses e cabo-verdianos. A partir do ano de 1969 os confrontos se fortaleceram e as partes usavam de suas estratégias para vencer, mas o PAIGC já havia conseguido uma boa parte do território guineense.

Segundo Artemisa Monteiro, uma “atitude desesperada foi empreendida pelo governo português: em 22 de novembro de 1970 (...), desencadeou um ataque denominado “Operação Mar Verde”, contra a região vizinha de Guiné-Conacri onde o PAIGC tinha a sua retaguarda de guerra” (2016, p.46). Três anos depois, em Guiné Conacri, Amílcar Cabral foi assassinado e o crime ainda gera muitas especulações e debates, uma vez que sua morte “constituiu um dos maiores golpes que o PAIGC (...), visto que ali morreu não apenas um ideólogo do partido como também todo o projeto visionário de um Estado nacional centrado na justiça, liberdade, igualdade de todos os cidadãos e na unidade binacional” (2016, p.49). É importante frisar que Guiné-Conacri serviu também de base transitória para Angola, pois alguns membros da Casa dos Estudantes do Império (CEI), que traçaram as estratégias ideológicas para o

desenvolvimento da luta de libertação, passaram por lá e o país foi um ponto de apoio logístico para as estratégias de alguns de seus líderes políticos.

Após a morte de Amílcar Cabral, seu irmão assumiu a liderança do movimento e posteriormente fez parte do governo de transição para instaurar uma democracia na Guiné-Bissau. Esse governo foi muito criticado, de tal modo que em 1980, Cabo Verde e Guiné-Bissau romperam com o projeto Binacional. Luís Cabral, que teve uma presença mais acentuada nas zonas libertadas na organização e na formação do exército, a partir do congresso em Casamansa, saiu do poder através do que é denominado pelos historiadores como golpe de Estado.

Nessa ocasião, Nino Vieira que liderou o então golpe teve apoio do Ansumane Mané, amigo íntimo e companheiro de armas desde as lutas pela independência e que mais adiante, especificamente nos conflitos de 1998, estavam em lados opostos. Portanto, muitas dessas redes de quebras de relações permanecerão no pós-independência, o que arraigou certos conflitos posteriores, certamente, por disputas ideológicas, permanência e/ou novas configurações de poder.

Assim, as tensões que se instauraram no país refletem um ciclo de violência que inicia no campo político e se ramifica para outros campos sociais. É possível notar acontecimentos no pós-independência que se repetem como um ciclo, conforme escreveu Pepetela¹⁰, “Portanto, só os ciclos eram eternos” (2013, p.9). O primeiro acontecimento foi o que ocorreu em 1980, por insatisfação política ocorreu uma separação entre os países (Cabo Verde e Guiné-Bissau) e o partido que os representavam. Esse fato é considerado por alguns pesquisadores como golpe militar ou levante militar orquestrado por Nino Vieira contra Luís Cabral. Desde então, instaurou-se um regime monopartidário (PAIGC-1980 -1994) sob o comando de Nino Vieira.

Em 1994, houve eleições multipartidárias e Nino Vieira venceu as eleições presidenciais contra o candidato da oposição, Kumba Yalá do Partido para a Renovação Social (PRS). Apesar de algumas dúvidas relativas à eleição do Presidente, “os resultados foram aceites quer seja dentro do país quer seja internacionalmente” (RUDEBECK, 2001, p.12). No entanto, passados quatro anos (1998), novamente Nino Vieira é eleito para continuar na liderança do partido, entretanto essa vitória foi contestada. Mais uma vez, houve uma

¹⁰ Pepetela é um escritor angolano, nasceu em 29 de Outubro de 1941 em Benguela, mudou-se para Portugal 1958, para fazer faculdade. Morou na França e mais tarde trabalhou como professor de Sociologia na Argélia e na representação do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e no Centro de Estudos Angolanos, que ajudou a criar. A citação exposta aqui é da obra **A geração da utopia** (1992). A narrativa percorre momentos distintos do processo sociopolítico e cultural das décadas de 60 a 90 de Angola.

interrupção de continuidade governamental. Dessa vez, orquestrado pelo General Ansumane Mané contra Nino Vieira. Esse acontecimento desembocou na guerra civil de 1998.

Abrindo parênteses para ressaltar que não há consenso entre os estudiosos, porque há aqueles que não consideram um golpe em 1980, pois foi necessário se fazer o levante, um levantamento junto aos militares devido à falta de compromisso para com o cidadão guineense. Sabemos que discurso é construído muitas vezes pelos que detém o poder, por isso, a importância de ficarmos atentos. Segundo o pesquisador guineense Ricardino Teixeira, a data de 1980 mostra que,

além dos conflitos de cunho étnico e regional, o golpe de Estado de 1980 também trouxe à tona os conflitos ideológicos entre a ala moderada do PAIGC, que defendia uma reforma interna do partido – na sua maioria, jovens que haviam acabado de retornar dos estudos (...) – e a ala de linha-dura, formada, na sua maioria, por velhos combatentes guineenses que defendiam uma política conservadora em defesa de seus interesses e privilégios (TEIXEIRA, 2010, p.22).

Essas dualidades entre permanência e renovação no seio do partido tiveram forte influência nos acontecimentos de 1998. Após esse conflito, houve eleições em 1999, e em 2000 Kumba Yalá do PRS assumiu como presidente. No mesmo ano Ansumane Mané, que outrora foi visto, na história, como herói da pátria, foi assassinado como uma figura de vilão da democracia. Os acontecimentos de crises políticas continuaram e em 2003, Kumba Yalá é deposto da presidência, e o governo do país, em meio a muitas instabilidades, passou novamente para um regime provisório até novas eleições parlamentares. Em 2004, aconteceu um novo assassinato político, a saber, do Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, General Veríssimo Correia Seabra, estritamente ligado a Ansumane Mané.

No ano seguinte houve eleições, e de acordo com Moema Augel:

Em junho de 2005, foram realizadas as eleições presidenciais, já previstas para este ano. Essas eleições aconteceram sob muitas tensões, e, no segundo turno, em 24 de junho, o vencedor foi João Bernardo Nino Vieira (Nino Vieira) que, depois de ser expulso do PAIGC ao ser derrubado pela junta militar, regressou ao país depois de passar alguns anos em asilo político em Portugal, mesmo sendo proibido de voltar, e se candidatou a presidência da república, vencendo as eleições. (AUGEL, 2007, p.71)

Entende-se que as forças armadas de Guiné-Bissau venham derrubando os governos eleitos pelo povo, com o discurso da própria segurança pública e da ordem social. Esse é um rastro de violência que vem desde a morte de líderes políticos ou chefes das Forças Armadas como a de Amílcar Cabral em 1973, do General Ansumane Mané em 2000, do general Tagme Na Waié e Nino Vieira em 2009 (TRAJANO FILHO, 2016, p.924-925). Observa-se que as impunidades

tem sido fortalecidas pela falta de diligências e de comprometimento com a transparência, crimes políticos ainda pendentes de explicações e investigações, os rompimentos de relações de alianças políticas, constituem mecanismos de violência e de (re)organização do poder.

É notório que as raízes dessas tensões estão presentes em todas as camadas da sociedade guineense e não só no governo, mas em todas as instituições da República e também das organizações da sociedade civil. O pesquisador Ricardino Teixeira (2010) traz informações e dados eleitorais no processo da democratização da Guiné-Bissau e chama atenção para os sucessivos conflitos violentos do Estado misturados com as questões étnicas na disputa política para garantir a soberania eleitoral entre as principais forças políticas. Assim, a criação de mecanismos - que visam acabar com a pobreza no país - vão se tornando mais distantes e a população guineense acaba por especular uma saída para tais situações.

Ressaltamos que na escrita literária de Jorge Araújo, esse período em que Nino Vieira, representado pelo personagem ficcional comandante Trovão, esteve no poder é denominado de “regime”. Na narrativa, o presidente comandante Trovão usa da violência como modo de governar como o dia em que “mandou os seus engenheiros navais construir uma gigantesca frigideira para fritar um professor que ousava explicar aos alunos o significado da palavra liberdade. — Assim, a liberdade já enche a barriga — ironizou quando cozinhava a sentença de morte” (ARAÚJO, 2009, p.72). Assim, dentro da narrativa o autor descreve o presidente como uma figura perversa, que mata com crueldade, sem resquícios de arrependimento, tudo para “mostrar às gerações vindouras os seus últimos feitos, mas uma demonstração de sua enorme coragem” (p.61), isto é, tudo em prol de uma vitória egocêntrica.

Para o sociólogo Teixeira “os militares continuam a exercer influência sobre o poder civil. Em alguns casos, ou quase sempre, a escolha do governo civil se deu e ainda se dá mediante consentimento das chefias militares”. Eles atuam na política guineense implodindo a implementação de uma política mais justa e eficaz para toda a população (2006, p.9).

Em síntese, partindo do pressuposto acima, os ciclos de instabilidades políticas só tiveram fim no ano passado, quando o José Mário Vaz (PAIGC) – o partido pelo qual o presidente derrubou o seu governo - concluiu seu mandato como presidente em 2019. A nosso ver, as inúmeras instabilidades políticas pelas quais Guiné-Bissau passou e passa apresenta consequências em todas as camadas sociais, uma vez que quando as discussões são geradas a partir das crises políticas deixa margem para traçar planos econômicos, educacionais, culturais, entre outros, eficazes para uma construção de um país justo, democrático e acessível a todos os cidadãos guineenses.

De acordo com as informações do jornal eletrônico das Nações Unidas publicado no dia 8 de fevereiro de 2020¹¹: “o processo eleitoral na Guiné-Bissau, que contou com o suporte das Nações Unidas, teve como principal objetivo evitar que o país transformasse em conflitos armados os impasses da crise política atual.” (NEWSUN, 2020, s/p). Assim, recentemente, o relatório das Nações Unidas pediu um envolvimento “maior dos jovens e mulheres no processo de paz”¹², o que comprova que o país se encontra no ciclo constante de instabilidades políticas, consequentemente, em outras esferas da sociedade, vigiando qualquer rastro que possa legitimar uma violência armada. O que corrobora para o “país africano [ser] um dos 17 beneficiários de apoio da ONU para enfrentar desafios políticos, socioeconômicos, de desenvolvimento e segurança” (NEWSUN, 2020, s/p).

Retornar para o passado e ao presente é essencial para compreendermos a profundidade desses conflitos. Embora esse trabalho não tenha a pretensão de fazer um percurso histórico profundo sobre as relações impostas pelo colonialismo, pelo neocolonialismo e pelas configurações sociais instauradas depois das independências, que permeiam as sociedades angolana e guineense, pois esse trajeto nos levaria por direções distintas a que pretendemos com esta pesquisa. De fato, o que pretendemos é fazer uma correlação com alguns acontecimentos que podem ser considerados como potencial de violência, o que permitiu novas guerras logo após as independências, em ambos os países sobre os quais a narrativa *Comandante Hussi* se propõem a narrar e a diegese da *Bicicleta que tinha bigodes- histórias sem luz elétrica*. Por isso, a importância de entender como o contexto da macro-história atinge os dois países, para analisarmos cada diegese das narrativas que ocorrem em períodos diferentes, nos quais a instabilidade política de ambos os países pode ser observada e que cada um vivencia a sua forma as mesmas influências externas e criando suas próprias circunstâncias internas, no caso das narrativas, um autor foca em 1980 e o outro em 1990.

Além dos diálogos travados entre os líderes partidários para fortalecimento das relações de lutas pelas independências; pós-independência, às instabilidades político-institucionais que caracterizam ambos os países, conduziu-os a uma degradação profunda das condições de vida. Uma vez que ao desviar recursos dos países para as despesas improdutivas, como as guerras civis, aliada a destruição de equipamentos produtivos de infraestruturas de energias, comunicação e transportes deficientes pós-conflito de 1998 em Guiné-Bissau e pós-guerra civil

¹¹ Mais informações dispõem em: <https://news.un.org/pt/story/2020/02/1703562>.

¹² Mais informações em : <https://news.un.org/pt/story/2020/09/1725932>.

em Angola, resultaram nas incapacidades de fomentar ambientes ricos em oportunidades e crescimento econômicos para toda população.

Pensando dessa maneira, os conflitos de guerra civil em Guiné-Bissau e Angola não foram apenas resultado de uma luta interna pelo poder, pelo domínio territorial e pelo controle dos meios de produção. Também não foram só um cenário de uma versão da Guerra Fria assim como, não foram apenas conflitos financiados pelo ocidente para ganhar o acesso e controle das riquezas dos territórios. Foram também, por assim dizer, resultados de algo que está no imaginário social sobre um nascimento de um projeto político onde coubesse, de certo modo, os sonhos projetados, mas que não se romperam com as datas lineares das independências e se tornaram rastros de uma estrutura social.

Por todos esses aspectos históricos apresentados anteriormente, procuramos analisar a perspectiva histórica e ficcional dos fatos abordados no período das décadas de 80 e 90 em Angola e Guiné Bissau. Assim, vemos a importância de contextualizar os enredos das narrativas, visto que na literatura uma forte compreensão do contexto histórico, por trás da criação de uma obra, pode nos dar uma melhor compreensão e apreciação da narrativa. Portanto, os acontecimentos que antecedem e, sucedem, esse período revelam-nos que se tratam de ciclos de violência estruturada.

1.3 Um *continuum* de violência

Vale ressaltar que o governo angolano é dirigido pelo MPLA há 45 anos sob constantes denúncias de corrupção e autoritarismo. José Eduardo dos Santos esteve no poder presidencial de, praticamente de 1979, até as últimas eleições em 2017. Atualmente o presidente é João Manuel Gonçalves Lourenço, também representante do MPLA e que venceu as últimas eleições. Depois de 2002, as eleições multipartidárias que haviam sido planejadas para o ano de 1998, só foram ocorrer em 2008. Até esse período, o país continuou sob o governo de Santos, que permaneceu após a vitória nas eleições em 2010. De acordo com as entrevistas realizadas pelo pesquisador Nelson Domingos Antonio, para a elaboração de sua tese intitulada *Transição pela transação: uma análise da democratização em Angola* (2013), um novo modelo institucional criado pelo MPLA favoreceu o partido nas eleições presidenciais em 2010. “Os fatos, portanto, indicam que a nova Constituição foi aprovada para assegurar a permanência do presidente José Eduardo dos Santos no poder”. Segundo seus entrevistados,

Os cidadãos angolanos foram convocados para elegerem os deputados em 2008 e no ano seguinte elegerem o presidente, mas houve uma manobra com a aprovação da nova Constituição. Isso beliscou a legitimidade do chefe do executivo. (Belarmino Jelembi, diretor-geral adjunto da Ação para o Desenvolvimento Rural de Angola - ADRA.- Entrevista realizada em 24 de setembro de 2011, em Luanda. A ADRA é uma associação da sociedade civil angolana) (...) O presidente José Eduardo dos Santos não encontrou ambiente favorável para a sua eleição em 2009, e forjou a Constituição para um sistema político de eleição presidencial indireta, em flagrante violação aos princípios constitucionais e democráticos (...) ao ser eleito presidente na lista de deputados viola-se o princípio da separação e independência dos poderes. (Mfuca Fuakaka Muzemba, secretário-geral da JURA e atual deputado pela UNITA-Entrevista realizada em 01 de Outubro de 2011, em Luanda.) (ANTONIO, 2013, p.134)

Seguindo esse modelo, em 2012 foram realizadas as eleições dando ao MPLA uma maioria dos votos, confirmando, assim, a estabilidade de Santos como presidente. Observa-se que em um contexto como Angola, em que a democracia não está ainda consolidada, são compreensíveis as inúmeras discussões geradas em torno do MPLA e suas atitudes para uma melhoria social.

No caso da Guiné-Bissau, a constante instabilidade política de que o país é vítima, demonstra uma questão de impotência democrática, pois desde 1974, ano em que o Partido Africano para Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC) declarou, unilateralmente, a sua independência. Até 1994 não houve eleições multipartidária. Apenas em 03 de julho foi instaurada a democracia no país com as primeiras eleições multipartidárias. Guiné-Bissau tem um vasto histórico de crises políticas e apenas um presidente eleito, José Mário Vaz (PAIGC) conseguiu concluir um mandato completo de cinco anos, que chegou ao fim no dia 23 de junho de 2019. As eleições aconteceram no final do mesmo ano e, em 27 de fevereiro de 2020, Umaro Sissoco Embaló eleito como presidente apoiado pelo Movimento para a Alternância Democrática (Madem-G15) tomou posse¹³. Porém, mais uma vez, a tensão política voltou a aumentar em Guiné-Bissau. Dessa vez está sendo desencadeada pela insatisfação do PAIGC em relação aos últimos resultados eleitorais, pois o partido ainda não reconheceu a vitória de Sissoco Embaló, alegando irregularidades nas eleições presidenciais.

Embora os resultados da última eleição divulgados pela Comissão Nacional de Eleições (CNE) da Guiné-Bissau, tenham sido dados com cautela e serenidade por parte das

¹³ Informações em: <https://www.africanews.com/2020/01/01/former-guinea-bissau-pm-embalo-wins-presidentialelection-official/> <https://www.ufrgs.br/cebrafrica/2020/01/02/o-ex-primeiro-ministro-da-guine-bissau-vence-aeleicao-presidencia> / e em: <http://www.cne.gw/noticias/239-a-cne-considera-os-resultados-das-eleicoespresidenciais-definitivo>

organizações envolvidas, como a ONU. Os resultados foram: “Umaro Sissoco Embaló, apoiado pelo MADEM-G15, que venceu o escrutínio com 53,55% dos votos; enquanto Domingos Simões Pereira conseguiu 46,45%” (CNE, 2020)” (CNE, 2019), ou seja, fazendo uma análise das porcentagens dos votos, inferimos que o país se encontrava dividido e para os 53,55%, a esperança projetada na figura do atual presidente que conseguiu vencer seu adversário Domingos Simões Pereira (PAIGC). Para Arnaldo Sucuma, “as constantes crises políticas e golpes militares têm sido um dos obstáculos que afetam o processo do desenvolvimento (...) evidente que a instabilidade política do país está sendo motivada pelo acesso ao poder e controle do Estado fora das regras do jogo democrático” (2018, p.62-64).

Compactuando com esse mesmo pensamento, o cientista Jean- François Bayart aponta que “podemos dar por hecho que es la relación con el estado la que, en primer, lugar, confiere a los actores la capacidad para enriquecerse y dominar la sociedad”¹⁴ (1999, p.151). Portanto, a instabilidade política da Guiné-Bissau pode ser resumida na disputa de controlar fontes de riquezas que se concentram nas instituições estatais, sair desse sistema significa perder, ou seja, desliga-se das fontes dos recursos financeiros. Para Sucuma

Após a independência a situação de violação dos direitos humanos deveria ser combatida e superada pelos atores políticos que assumiram o poder, através de legislações mais modernas e políticas públicas que ajudam a preservar a integridade física e política dos indivíduos na sociedade. Infelizmente, constatou-se que, na história recente do país, os sucessivos governos que geriram o país ao longo dos quarenta e dois anos da independência constituem os principais violadores dos direitos humanos. Seus agentes usam prestígio do cargo para cometerem atos que violam direitos humanos em nome do Estado. (2018, p.65)

Por outro lado, uma parte da sociedade guineense, em especial na diáspora, acredita que o motivo que tem mantido o país em constante instabilidade é a má preparação dos políticos e suas ídoles duvidosas. Segundo Ianes Augusto Cá em sua dissertação de mestrado intitulada *Identidade e violência na construção da nação guineense: uma leitura das narrativas de Abdulai Sila* (2020)

Essa violência subjetiva permeia as relações do cotidiano, seja nas casas, nas ruas, no funcionamento do sistema político-social ou no aparelho do Estado. [...] a ascensão da violência na cidade de Bissau tem a ver com o problema nacional, devido às crises políticas, as tentativas de golpe de estado, constantes mudanças de governos, desestruturação das instituições estatais e interferências das forças armadas na vida política do país (p. 110).

¹⁴ Podemos assumir que é a relação com o Estado que, em primeiro lugar, dá aos atores a capacidade de enriquecer e dominar a sociedade (1999, p.151, grifo nosso).

Na narrativa *Comandante Hussi* (2009) as violências estão intrínsecas nas vidas dos personagens antes da guerra de fato ter início, como podemos ver nas condições socioeconômicas da família de Hussi, bem como a presença dos militares da reserva simbolizados pelo personagem Raio de Sol envolvidos nos desfechos da política de Guiné-Bissau. Essa interferência dos militares é vista por muitos estudiosos como sendo os verdadeiros causadores de todos esses problemas da instabilidade, uma vez que, todos os golpes ocorridos no país tiveram a participação das forças armadas (TRAJANO FILHO, 2016).

2. Uma atmosfera de violências nas narrativas literárias *A bicicleta que tinha bigodes: estórias sem luz elétrica* e *Comandante Hussi*

Partindo dos pressupostos do contexto exposto no primeiro capítulo, sobre os dois países, e tendo como objeto de pesquisa as duas obras literárias - *A bicicleta que tinha bigodes: estórias sem luz elétrica* de Ondjaki (2015) e *Comandante Hussi* de Jorge Araújo (2009) - para compreender de maneira interdisciplinar, as manifestações de violências, tensões e contradições político-sociais por meio da representação das infâncias. Neste segundo capítulo, abordaremos as atmosferas de violências que se manifestam e são percebidas através do silêncio, do comportamento das personagens e dos espaços descritos pelos autores. O recorte é investigar como a voz da criança é representada ou/e construída no discurso literário, tendo como principal método de aproximação o da História. Assim, investigaremos como Ondjaki e Jorge Araújo trabalham, no discurso literário, a violência e a infância no contexto de guerra civil em Angola e Guiné Bissau, entre o final da década de 80 e 90.

Segundo Antonio Cândido “o problema fundamental para a análise literária (...) é averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela ser estudada em si mesma” (2010, p. 9). É sabido que cada obra é concebida de modo diferente, pois cada indivíduo e/ou sociedade veicula uma ideia diferente de ser e de estar. Por isso, é de se esperar que tal diversidade se expresse nos textos que as sociedades produzem, conseqüentemente, os contextos de recepção diversos. Assim sendo, as narrativas de Ondjaki e de Jorge Araújo captam as complexidades de vidas e de mundos guineenses que se apresentam cada vez mais múltiplas. Cada uma nas suas especificidades narrativas e, assim como “viver a totalidade-mundo a partir do lugar que é nosso é estabelecer relação e não consagrar exclusão” (GLISSANT, 2013, p.68).

Era comum ouvirmos dizer que a literatura é o espelho da realidade. Embora algumas vozes ainda insistam em ecoar essa afirmação, ela só é válida se entendermos que todo espelho produz imagens. Isto é, representações do objeto que se refletem por vezes distorcidos. É importante salientar que a imagem é uma forma de aludir algumas características de determinado objeto, pois a mesma não reproduz por completo esse objeto. Uma vez que não é possível transferir o cheiro ou a textura, apenas descrições, através da linguagem que interpreta o “real” de um determinado modo, para narrativa.

Porém, existem convenções de visualidade que tendem a nossa maneira de distinguir se uma imagem chega a ser, aparentemente, fiel ou não a um determinado objeto?. Da mesma forma que não estamos habituados a nos ver em uma imagem refletida em um espelho convexo. O espelho plano não mostra exatamente como somos, mas como estamos acostumados a nos pensar/ver. Portanto, tal afirmativa, ao nosso ver, só tem fundamento se entendemos que reproduzir significa produzir novamente esse objeto, através da linguagem, nesse caso, as narrativas escritas de guerras de pós- independências, em ambos os países, sob perspectivas e visões diferentes, revelam outras dimensões desse real.

Pensando dessa maneira, isto é, de que o texto de ficção é uma reconstrução de um objeto sob um certo modo de olhar, vale ressaltar que a ficção não é sinônimo de mentira, mas de construções de realidades verossímeis. Em síntese, um texto verossímil não é necessariamente aquele que cria um mundo semelhante com o que denominamos de real, mas que desenvolve uma coerência própria, na qual é possível ver sentido na narrativa. Assim, as narrativas desses dois autores são uma reconstrução ficcional sobre acontecimentos que se sucederam a partir ou em paralelo a história oficial dos países, ou seja, a Literatura reelabora os dados do processo social na matéria literária.

Tendo isso em vista, por meio do objeto artístico, compreendemos que a literatura funciona como nível micro de uma macro-história¹⁵, que muitas vezes subverte-a, sendo ela oficial ou não. Importa dizer, que a micro história¹⁶ traz o cotidiano, os sujeitos anônimos para o âmbito da ciência Histórica, do reconhecimento em si, não simplesmente dos fatos, mas dos processos individuais e coletivos que perpassam a vida de cada um. Seguindo o raciocínio de que essas vozes - através do olhar infantil - são maneiras de se observar e ressignificar o objeto em análise, por ângulos diversos em que se coloque em indagação. Nesse caso, os detalhes que pareciam invisíveis para a história macro dos acontecimentos em questão - as guerras civis-, são articulados pela perspectiva da micro história, portanto, compreendemos a literatura nessa perspectiva.

¹⁵ O texto intitulado “Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado de Jaque Rave “esboça um modelo analítico que convida a pensar que é em todos os níveis, desde o mais local até o mais global, que os processos sócio históricos são gravados ser compreendidos, portanto, como resultantes de uma multiplicidade de determinações, projetos, obrigações, estratégias e táticas individuais e coletivas”(RAVEL, p.590, 2010)

¹⁶ A literatura é a ponta de escala tanto para a micro história como para a macro história, pois podemos encontrar, nos enredos, relação com acontecimentos globais, (como a presença dos cubanos em Angola nos anos 80), bem como podemos perceber os acontecimentos em uma escola menor, qual a relação que as crianças luandense tinham com esses cubanos,. A literatura é rica para o historiador que se usa de vários documentos: imagens, documentos oficiais, relatos, e a própria literatura.

Essa pesquisa parte duma perspectiva de literatura comparada e da micro história, a qual delimita a grandeza da investigação a partir do cotidiano e não de grandes fatos. Ou seja, se vale da “micro-história como uma prática essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (LEVI, 1992, p.136). Por outro lado, uma compreensão do processo macro da história é importante para melhor entendimento do caminho literário desses países, no que diz respeito à temática da infância e da guerra, dado o contexto das obras.

Nessa perspectiva, “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177) então, a literatura é um meio pelo qual podemos averiguar e decifrar as estruturas sociais existentes nas obras a fim de compreender as configurações instauradas. Neste trabalho as palavras, as cenas, a narrativa são sinais para entendermos, por exemplo, a violência daquele momento histórico. Vale ressaltar que o percurso não é apenas histórico, dado que consideramos que é por meio da linguagem literária que se percebem os acontecidos.

A visão pluralizada de Angola e Guiné-Bissau, por meio do resgate da memória, pode assim ser lida como uma reconstrução, na qual os conflitos foram significativos e cruéis para uma sociedade que esperava por tranquilidade no pós-independência. Devemos assim, levar em conta a multiplicidade de culturas que formam suas bases sociais, em ambos os países, e que é nutrida a partir da sensibilidade proporcionada pelas narrativas.

Esta pesquisa foca as manifestações de violência com dois pilares de sustentação: sistemas de tensões e sistemas de contradições sociais percebidos nos enredos, em que o mundo infantil prevalece. Nessa perspectiva, Mahmood Mamdani¹⁷ e Frantz Fanon¹⁸ são fundamentais para compreendermos os meios pelos quais a violência se apresenta em *A bicicleta que tinha bigodes: histórias sem luz elétrica* e *Comandante Hussi*.

Fanon exerceu funções de médico psiquiatra em Argélia. Enquanto esteve nesse país africano observou, com mais profundidade, o cotidiano de violência física e psicológica provocada pelo colonialismo, e notou principalmente a alienação e a despersonalização dos seus pacientes. É através da descrição dos conceitos de “violência atmosférica, à violência à flor da pele” (FANON, 1968, p.54) que notamos como as estruturas de violência colonial se

¹⁷ Mamdani nasceu em Bombaim, na Índia em 1946. Tem nacionalidade de Uganda e desenvolveu estudos sobre Histórias e Políticas Africanas.

¹⁸ Fanon nasceu em 1925, na Martinica, foi um psiquiatra, militante negro, e um intelectual influente do século XX sobre os temas da descolonização e da psicopatologia da colonização

alteraram, uma vez que essa violência não se propusera apenas manter os homens submetidos, mas tratou de desumanizar. Contudo, Fanon afirma que

O povo colonizado não está só. A despeito dos esforços do colonialismo, suas fronteiras permanecem permeáveis a novidades, aos ecos. Ele descobre que a violência é atmosférica, escala aqui e ali, e aqui e ali derrota o regime colonial. Essa violência triunfante desempenha um papel não somente informador como também operativo para o colonizado (1968, p. 53).

Dessa forma, os elos entre colonizador e colonizado tornam-se estreitos até que as relações entre essas “duas espécies” atinjam o ponto da “violência em ação” (1968, p. 54), nas quais é fundamental para compreender as décadas de guerra que se instauraram em Angola e os 11 meses em Guiné-Bissau. Assim, como outras tensões que seguiram dando continuidade ao processo de instabilidade social, vinculada à violência depois das lutas de libertação. Portanto, essa violência que designada como permanente, entranhada em todas as relações, e que se manifesta sob diversas formas, é captada pelas narrativas de Ondjaki e Jorge Araújo.

2.1 Infância e Silêncio

Pensar nas configurações de determinado item é pensar nas estruturas que se interrelacionam, seja na forma diagonal, vertical, rizomática, de forma intensa, sorradeira, camuflada, de pequena ou longa distância. Ou seja, pensar nas estruturas de violência que criam formas e tomam dimensões incalculáveis de destruição, é, principalmente, indagar como elas se manifestam, se relacionam, e perceptível pelos indivíduos envolvidos.

O conceito de violência é complexo, por vezes ambíguo, visto que implicam vários elementos, posições teóricas e variadas maneiras de definição, de solução ou de eliminação. A origem em latim do termo violência - *violentia*, que significa abuso de força e que expressa o ato de violar o outro ou, de violar a si mesmo. A violência é todo mecanismo usando a força, para ir contra a natureza de alguém; é todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de algum ser. Nessa perspectiva, dado que o termo parece indicar comportamentos que são utilizados sem justificativas ou legitimidades. São formas estruturais de violências que deixam os corpos e as mentes das vítimas exauridas. Essas formas provocam atos de brutalidades, danos físicos como ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, produzido através de humilhações, ameaças, ofensas, caracterizados, certamente, pelas relações intersubjetivas e sociais, definidas pela intimidação, medo, opressão e terror.

É notório que as características e conceitos de violência variam no tempo e no espaço,

seguindo os padrões culturais de cada grupo ou época. Na perspectiva de Mamdani, o que “deixa a sensibilidade política moderna horrorizada não é a violência *per se*, mas a violência que não faz sentido” (2016, p. 384). Nessa visão, a violência se faz necessária, em certos momentos, para que haja uma criação e sentido na violência legalizada pela ordem estabelecida.

Pois que, pouco a pouco, aparecem aqueles personagens que desempenham o papel de mediadores, reguladores e, inclusive, que apontam para uma construção das sociedades. Como no caso das crianças que aparecem nas narrativas, *A bicicleta que tinha bigodes: estórias sem luz elétrica* de Ondjaki (2015) e *Comandante Hussi* de Jorge Araújo (2009), na qual Ondjaki revela que “não há como fugir ao que tem de ser dito: escrevemos em busca da voz que mais nos fala por dentro. (...) escrevemos para lembrar o que ainda não tinha sido contado” (ONDJAKI, 2015, Orelha). Compactuando com a fala do escritor, as obras funcionam como gatilhos para uma interpretação e reelaboração de períodos de violências.

A novela de Jorge Araújo apresenta um narrador onisciente que, por vezes se confunde como a voz dos personagens, o que caracteriza o discurso indireto livre: “Hussi amanheceu em sobressalto, uma sensação estranha colada na pele, rosou um incômodo, passou a mão vezes sem contar pela testa para tentar acordar as recordações, reavivar o pesadelo, mas nada, nem uma única imagem. Era estranho. Há dias que vivia essa história sem fim.” (ARAÚJO, 2009, p. 19). Pelas afirmações feitas na orelha do livro, o autor assume um compromisso com o leitor e alerta-nos para uma história baseada em fatos. Esse pacto ficcional faz com que a leitura se torne mais atenta, crítica e, sensível, uma vez que o leitor, de antemão, já espera certas atrocidades causadas pela guerra, anunciada ironicamente: “uma boa guerra sempre foi o melhor antídoto para a depressão” (2009, p.68).

Na ficção de Ondjaki, essa caracterização da guerra vai sendo notada pelo leitor aos poucos, a guerra criou outros ciclos que vão sendo moldados à narrativa que segue o seu fluxo. Apesar das narrativas de Ondjaki, de modo geral, abordarem temas mais universais como a miséria, a escassez de comida, a falta de água, de luz, a temática da infância, elas se situam sempre no contexto de Angola, e Luanda como centro de poder. Assim, as vivências de quem cresceu imerso em uma cultura de guerra torna-se perceptível, mesmo que *in loco* a guerra ocorresse em espaços distantes da capital.

O espaço e o tempo da narrativa *A bicicleta que tinha bigodes: estórias sem luz elétrica* se passa em Angola do final da década de 80 e início de 90, na capital do país, Luanda, que nesse período era espaço de articulação política do partido MPLA, pois esse partido tinha uma

base predominantemente urbana e com pouca representatividade no interior. O escritor Ndalu de Almeida, conhecido por Ondjaki, cresceu nesse contexto da capital, Luanda, assim sendo, as memórias infantis da narrativa dele sempre partem desse local de fala. Segundo Édouard Glissant, “as literaturas que perfilam diante dos nossos olhos e que já podemos pressentir serão adornadas com todas as luzes e com todas as opacidades da nossa totalidade-mundo” (2011, p.73). Portanto, a literatura desse escritor angolano se configura na geração que estabelece “relação e não exclusão”, em que ele recria e ressignifica o tempo-espaço dos anos 80 e 90, por meio de uma linguagem leve, poética, bem-humorada e crítica. Embora tenhamos consciência de que o ponto de partida de suas narrativas possam ser memórias e que estejam restritas a um determinado tempo e espiral geográfico, todavia, sua narrativa alcança outras infâncias, outros territórios, outras visões da violência desse período analisado. Uma vez que recupere os ecos destes outros espaços/tempos, a capital Luanda acaba por ser o ponto de convergência daqueles que fogem da guerra e suas mazelas.

Nesse sentido, compreendemos que as memórias de qualquer criança (nesse caso essa memória perpassa pelo filtro do adulto-narrador) é um registro da experiência do passado e como tal representa um momento e espaço histórico em uma escala micro. Quando o narrador enuncia “na minha rua” (ONDJAKI, 2015, p.9), ele marca e situa o espaço em que os acontecimentos da narrativa ocorrem. Esse espaço é marcado explicitamente na narrativa, e deixa nítido a delimitação da personagem e do narrador para o entendimento de outras infâncias. O que é reforçado, por exemplo, pela personagem JorgeTemCalma, quando diz que em outras zonas, não acontecem nada e por isso as crianças tem mais tempo para criarem estórias. Observamos que, os não acontecimentos de novos “mujimbos”¹⁹ que não estejam relacionados à guerra, é perceptível que, no sentido de suspensão, o autor tece uma crítica, enquanto a guerra continuar, nada diferente vai ocorrer, pois nenhum assunto de interesse angolano é relacionado ao bemestar da população, como saúde de qualidade, educação ao alcance de todos, e desenvolvimentos de infraestruturas que proporcionasse uma vida digna para o povo angolano será ouvido.

Enquanto na narrativa *Comandante Hussi*, o narrador faz o leitor percorrer o espaço mais amplo que vai desde a capital ao interior de Guiné-Bissau, embora ele não descreva com detalhes o interior, ainda apresenta cenários de violência ocasionada pela guerra, como na passagem a seguir:

¹⁹ Rumores, divulgação de boatos.

“— Por que é que eles estão a dormir? — interrogava Doskas.
 Eles não estão a dormir. — respondia a mãe. — Ainda és muito novo para compreender estas coisas. (...)
 — Por que é que nas nossas guerras entre índios e *cowboys* não há sangue?—
 resmungava Tausab”. (ARAÚJO, p.44).

Assim, os espaços vão sendo descritos e com eles, as infâncias²⁰, isto é, o lúdico em meio ao nefasto, a violência.

A obra *A bicicleta que tinha bigodes: estórias sem luz elétrica* (2015) conta a estória de crianças que ambicionam ganhar uma bicicleta, que foi anunciada como prêmio de melhor estória no concurso da Rádio Nacional de Angola. Por ter na mesma rua um escritor, eles acreditam que tem mais chances de ganhar o prêmio; no entanto, após a recusa do escritor “tio Rui” em colaborar com a elaboração da estória, eles decidem procurar outros meios de conseguirem a estória. Até a possibilidade de roubarem uma suposta caixa mágica que contém letras que, no imaginário infantil, saem do bigode do “Tio Rui”. Vale destacar que o personagem “Tio Rui” é uma homenagem ao escritor angolano Manuel Rui²¹. Nessa atmosfera, surgem vários personagens animados como um sapo, que ganha um fato marcante, isto é, seu atropelamento, cuja consequência o seu enterro torna-se um evento celebrativo para as crianças. Assim, perpassando pela falta de compreensão do mundo dos adultos, a narrativa tece e aborda, de forma lúdica, através de um narrador-criança, críticas sociais, recorte espaço-temporal de Luanda no período de guerra civil no período dos anos 80 a 90.

O tempo cronológico do enredo é de cinco dias, sendo que as ações dos personagens predominam mais no período da noite que vai ao encontro com o projeto *estórias sem luz elétrica*, do escritor Ondjaki. O fluxo de consciência também está presente, como por exemplo, quando o protagonista retorna na noite em que descobriu a caixa mágica do tio Rui. Esse resgate de memória é percebido quando “O sapo Raúl ainda era vivo e saltava perto de nós” (ONDJAKI, 2015, p.47). O espaço, de trânsitos rizomáticos é sinalizado pelo general, o escritor e o advogado, o motorista, a avó e três crianças que circulam pelo bairro, estabelecendo um elo com os adultos. Esse bairro é o Alvalade, onde morava uma parte da elite política e diplomática, os quais pertenciam ao segundo escalão do primeiro governo de Angola, após a independência:

²⁰ No decorrer do texto utilizaremos este conceito, ora no singular, ora no plural, no sentido de demarcar o hibridismo e a complexidade da infância enquanto uma categoria geracional constituída por traços de identidade e de diversidade, afetada por condições existenciais concretas (gênero, classe, etnia, localização geográfica) que alteram os modos de vida das crianças, nos convocando a tratar da pluralidade das infâncias.

²¹ Manuel Rui Alves Monteiro, mais conhecido por Manuel Rui, é um escritor angolano, autor de poesia, contos, romances. Nasceu em 4 de novembro de 1941 em Huambo. Em 1969 licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. No pós-independência, tornou-se Ministro da Informação do MPLA no governo de transição, primeiro representante de Angola na Organização da Unidade Africana e nas Nações Unidas.

vice-ministros, diplomatas, militares. Estava localizado na parte mais próxima do mar, isto é, na Baixa, próximo à Praia do Bispo.

As imagens das construções são vivendas, sobrados onde anteriormente moravam os portugueses do tempo colonial, funcionários administrativos. Atualmente, o bairro tem uma configuração bem diferente, uma vez que muitos prédios foram demolidos e avenidas foram construídas. Como já foi dito anteriormente, diferente de Guiné-Bissau, em Angola, a guerra ocorreu no interior, portanto, o espaço da narrativa angolana se torna um espaço protegido de uma “violência em ação” de manifestações violentas e cruéis das armas de fogo, embora, a capital, Luanda, certamente, não escapasse dos estilhaços da guerra que são manifestadas pelas violências “atmosférica” (FANON, 1968, p. 54).

Neste seguimento, as manifestações de violência vão sendo forjadas intrinsecamente na rotina das personagens como o caso da “Isaura [que] tem sempre ideias complicadas. Fica muito tempo sentada no quintal dela a olhar as andorinhas, as lesmas e até conhece cada gafanhoto do jardim dela” (ONDJAKI, 2015, p.14). Como podemos perceber, a rotina infantil vai se ajustando ao contexto, a vida segue silenciando os hábitos através de readaptações das brincadeiras infantis.

Esse silêncio a nosso ver, é uma maneira de manifestação da violência, uma vez que Isaura fica simplesmente “sentada no quintal dela a olhar” fixamente, mas sem apreender o que se sucedem ao seu redor. Assim, os seres que fazem parte do seu “quintal”, espaço esse que é uma extensão do seu lar e os bichos como membros de sua família são os mecanismos de defesa contra a violência que é captada através da narrativa, pois “com palavras pode-se mesmo traduzir a voz do silêncio” (ONDJAKI, 2015, p.7). Observamos comportamentos similares ao da criança Isaura no adulto CamaradaMudo. O narrador-menino o descreve como sendo “um senhor gordo que fala pouco e está sempre sentado na esquina da nossa rua” (2015, p.9), e o fato de permanecer no mesmo lugar, sem se comunicar muito, como seu próprio nome sugere, pode ser interpretado como uma fuga para os problemas existentes em sua vida que perpassa pela guerra, tornando-se uma forma de proteção, uma arma utilizada tanto pelas crianças, com pelos adultos.

Segundo Eni Puccinelli Orlandi, em seu livro intitulado *As formas dos silêncios* “as palavras são múltiplas, mas o silêncio também são” (2007, p.28), assim como a palavra carrega vários significados, o silêncio é um campo fértil e nos proporciona várias leituras. O termo silêncio parte, segundo Orlandi, da “etimologia de *silentium*, referida a *silens*, que significa:

que se cala, silencioso, que não faz ruído, calmo, que está em repouso, sombra etc” (2007 p. 33). Desenvolvendo, então, essa reflexão podemos dizer que o lugar, o tempo e os acontecimentos dão margem para silêncios, que em outras culturas são vistos como benéficos e louvados durante séculos, como na cultura indiana. Entretanto, na perspectiva que assumimos “o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência.)” (p.29), como visualizamos nas formas de silêncio representados nas análises da personagem Isaura, AvóDezanove, CamaradaMudo, (personagens da obra de Ondjaki), e Hussi, Trovão, Brigadeiro Raio de Sol (personagens da obra de Jorge Araújo).

Retornando a análise das leituras do silêncio, AvóDezanove, insinua que está regando as plantas pela manhã, mas não há água saindo da mangueira e mesmo nessas condições a “Avó ficava bué [muito] de tempo ‘a regar só’”. Nota-se que esse tempo, essa espera é um conjunto de tortura, de violência. Na verdade, a mente funciona como esconderijo, como refúgio de uma realidade que não se quer vivenciar e, assim, essa violência que acontece na “atmosfera” psicológica das personagens, se incorpora nas relações sociais, pois até “as plantas sabem” e a avó “deixava passar esse tempo como se fosse uma demora de molhar. E olhava o céu num pedido de pingo” (ONDJAKI, 2015, p. 40). Assim, como também podemos perceber que, a falta de assistência, de amparo por partes das autoridades governamentais, verbaliza uma violência, que ocorre no plano concreto, no sentido de carências de itens indispensáveis para uma vida íntegra.

O mesmo acontece em o *Comandante Hussi*. O enredo se passa, no primeiro momento, em uma comunidade periférica de Bissau onde a família mora. Hussi é o filho mais velho que é obrigado a deixar sua bicicleta enterrada em sua casa quando foge da guerra. O Pai (Abdelei) vai servir no exército, e o protagonista (Hussi) assume uma responsabilidade de guiar seus irmãos (Doskas e Tausab) e a mãe (Geca) para interior, a fim de preservar suas vidas. No entanto, após chegar e abrigar seus familiares não consegue parar de pensar na sua bicicleta e quer de todas as formas reencontrá-la. Mesmo tendo presenciado pelo caminho mortes e tragédias já em consequência da guerra, ele resolve ir para a Capital. Nesse terceiro espaço, o personagem se torna membro direto do conflito, pois ele passa a ser ajudante dentro das trincheiras. O tempo cronológico da obra do Jorge Araújo é, digamos, 11 meses, pois a narrativa inicia com o início da guerra e termina com a “romaria dos vencedores” (ARAÚJO, 2009, p. 99).

Assim como acontece com a Isaura que encontra refúgio no silêncio e em seus animais de estimação não convencionais, Hussi encontra no silêncio que, na nossa reflexão, já é uma forma de discursar, mas sem palavras. Ou melhor dizer, ele usa do gesto, do olhar, do corpo, do isolamento, como forma de expressão do silenciamento e de resistência. Assim, “neste momentos que Hussi se refugia num canto e tranca as portas do seu mundo” (p.55), ele também encontra em sua bicicleta e nos diálogos telepáticos que desenvolve com ela, uma fuga da cruel guerra. Semelhante ao projeto de Ondjaki em ressignificar o escuro, o menino Hussi “aprendeu com experiência que é no escuro que se faz a transmissão de pensamentos, que é no escuro que consegue dialogar com sua bicicleta” (p.55). A escuridão é vista pelas crianças como uma vantagem perante o medo. Nesse caso Hussi pode demonstrar suas fraquezas, seus medos sem que ninguém o veja e, principalmente, julgue-o. Ao passo que as crianças de Ondjaki, na falta de luz, na escuridão da rua resgatam e encontram a essência de serem crianças nas contradições sociais, que a guerra proporciona.

É importante destacar que o escritor Jorge Araújo é de nacionalidade cabo-verdiana e a maioria das famílias desse arquipélago sempre teve uma forte relação com Guiné-Bissau. O escritor esteve em Guiné-Bissau como jornalista na guerra civil de 1998 e, segundo as informações na orelha do livro, Hussi realmente existiu fora do mundo ficcional. Desse modo, o lugar de fala de Jorge Araújo pode ser visto como o que se denomina de *entre-lugar*. Essa expressão é um termo cunhado por Homi Bhabha, um dos autores dedicados ao pensamento pós-colonial, refere-se ao contato intensivo e permanente de mais de uma cultura, em que possibilita o estranhamento e a aproximação, ao mesmo tempo, dos dois mundos. Ao ponto, de redimensionar as experiências vivenciando-as no entre mundos, sem identificar-se inteiramente com algum dos dois mundos. No caso do escritor-jornalista, fundando micro histórias, a partir de Cabo Verde e de Guiné Bissau.

Essas micros histórias são observadas na narrativa, quando as camadas de violências vão sendo descascadas até o momento em que o pai do protagonista, Abdelei Sissé pega nas armas. Nessas malhas de violência, a que vão sendo submetidas à família Sissé, notamos, gradativamente, o que denomina Fanon de “violência em ação” (1968, p.54). As dores, as dificuldades que a sociedade guineense enfrentava não são percebidas por Hussi, como coloca o narrador. Inicialmente, “era domingo, dia de missa e futebol. (...) Dia em que nada acontece e o sono tem mel”. (ARAÚJO, 2009, p.15). Vale destacar que o autor começa e termina a narrativa usando essas afirmações na parte I do livro, o que podemos ver como uma tentativa

de reforçar a falsa harmonia existente, baseada num silenciamento, provocado pelo narrador, do estopim que sucederá os acontecimentos que levarão a guerra. Ora, eles “viviam felizes, porque a felicidade também se faz de pequenas coisas” (ARAÚJO, p. 21). Deste modo, o filtro do narrador nos coloca a pensar que os personagens não têm consciência de violências, as quais são submetidos, isto no primeiro plano de análise. No segundo plano de análise, a mais profunda do personagem Hussi, notamos a tomada de consciência da violência sofrida antes e durante a guerra e que passa, primordialmente pelas suas expressões e comportamentos. Como por exemplo, o seu humor, em que “nestas ocasiões o que mais magoava a sua bicicleta era o fato de Hussi, normalmente tão brincalhão, perdia o sentido de humor (...) ninguém lhe tirava da cabeça que era fome quem comandava essas variações de humor” (2009, p.58). Aqui, a fome é um gatilho para a tomada de consciência das violências sofrida pela personagem, enquanto violência física, vivencia a guerra.

Apesar de viverem em uma “casa com paredes de cartão” sendo que “a única mobília era um calendário de nossa senhora de Fátima” (2009, p.21), é através da superação dessa violência, que até então acontece no plano individual. Ou nesse caso, na família Sissé que a metamorfose de espírito de coletividade e tomada de consciência ocorrem. Quando o personagem brigadeiro Raio de Sol “resolveu afastar a máscara de apatia e atirar-se ao mundo com os olhos” e “cruzou com uma criança com a barriga em forma de balão. Andou mais uns metros e viu outra, ainda outra” (2009, p.28) um sentimento de revolta lhe invade. Consequentemente, ele “atravessou o campo de futebol, passou pela porta de Abdelei Sissé” e pronunciou: “ — A guerra do balão começa hoje” (2009, p.31). A guerra, no enredo, foi nomeada de “guerra do balão”, fazendo referência direta às barrigas inchadas das crianças, proporcionadas pela desnutrição infantil, causada pela falta de itens básicos de sobrevivência.

O termo também pode conotar uma leitura para *balon*, palavra em crioulo de GuinéBissau designada para o artefato de borracha, ou de plástico, relativamente grosso que, cheio de ar, se eleva na atmosfera. E é utilizado, principalmente, em comemorações, em celebrações de aniversários infantis, deixando o ambiente mais colorido e alegre. Nesse sentido, sua simbologia está relacionada às reuniões familiares, a diversão. Assim como podemos perceber na descrição do início da guerra feita pelo narrador, ironicamente, diz que “era tam, tam, tam” e as crianças como “Bitunga julgou que era fogo de artifício e partiu em direção ao local onde soava a festa”. Ao perceberem que se tratava de uma guerra as crianças são confrontadas com essa nova realidade e cada uma se comporta de modo diferente, “Batcha começou a tremer que nem gelatina, Pudjim refugiou-se por detrás do poste da baliza (gol),

Hussi partiu em disparado para casa” (p.35). Apesar da guerra ter dado início, o narrador utiliza do filtro da inocência infantil para camuflar o entendimento das crianças sobre os motivos da guerra.

Fanon afirma que “[a] atmosfera de violência, depois de ter impregnado a fase colonial, continua a dominar a vida nacional” (1968, p.59). De fato, na narrativa de contexto guineense, notamos que para superar uma violência causada pelo desrespeito e negligências por parte dos dirigentes políticos, foi preciso pôr em ação, por via da violência armada, as reivindicações por melhorias de bens sociais, primordiais para prorrogar existência de uma geração de crianças.

Enquanto na narrativa angolana, a guerra civil já tinha iniciado, porém é o eco de uma violência mais cruel, mais sanguinária que chega à capital Luanda. Os efeitos da guerra aparecem na rotina das personagens pouco a pouco, intrínsecas nas mais diversas dimensões do psíquico e social. No que tange à narrativa de Jorge Araújo, essa violência se configura de forma perceptível para a criança protagonista, e o narrador suaviza essa realidade brutal com a esperança, objetificada na bicicleta.

A violência, nesse caso a fome, a miséria sofrida pelas crianças em *Comandante Hussi* não é aceitável. A narração ficcional faz uma denúncia da violência permanente depois das independências exercida na população, e nas crianças. Apesar dos direitos humanos terem sido projetados nas lutas passadas, a maioria da população continua a viver em condições próximas do que foi a violência do período colonial.

Como a violência se manifesta de forma diversa causando assim destruições de dimensões quase imensuráveis, na esfera política o discurso do processo civilizatório e de desenvolvimentismo impõem-se, muitas vezes, pela força. Uma vez que os argumentos em favor das guerras justas estão ancorados no ideal de pacificação e serve para legitimar assassinatos e mortes de inocentes. Assim, na obra de Jorge Araújo, a ordem partida do personagem comandante brigadeiro Raio de Sol, para pegar em armas, torna-se legítima quando ele constata as irregularidades dos governantes. Porém, como notamos na história do país, para além disso, trata-se de um jogo político que legitima uma violência política, no qual cada um busca ampliar seus espaços de poder sobre o outro.

A frequência com que a promessa de um futuro de paz legitima o uso da força, é algo recorrente nos países estudados. Por exemplo, retornando ao momento histórico da GuinéBissau e a relação do Ansumane Mané e o Nino Vieira, nos anos 80, que usam o discurso

de predominância de cargos e funções exercidas por cabo-verdianos, após a independência, nos departamentos de gestão e institucionalização guineense, a fim de legitimar e justificar o rompimento de uma ordem de poderes (M´BUNDE, 2018). Na História, os dois se unem para tirarem do poder Luiz Cabral, através dos episódios de 1980 e, mais tarde, opõem-se um contra o outro em 1998, notoriamente por motivos políticos. Já na obra de Jorge Araújo, a rivalidade entre o Brigadeiro Raio de Sol e o presidente Trovão tem raízes no passado com a relação amorosa de ambos para com uma mulher e que fora assassinada pelo Trovão. O nome dela é

Ayassa, a bela, a menina dos seus olhos, a mulher que um dia se deixou cegar pela luz do amor e o trocou pelo brigadeiro Raio de Sol. Foi o seu amor, sua traição. A punição foi exemplar - O comandante Trovão ordenou que lhe arrancassem o coração e o fizesse cozer durante sete dias e sete noites em *lume brando* (fogo baixo). Com água do mar, para salgar os sentimentos. (ARAÚJO, 2009, p.67)

Essas razões são fatores que ajudam a sustentar e legitimar o conflito, pois, embora a guerra esteja, principalmente, no plano político e público, as razões também se apresentam na esfera pessoal, no privado, uma vez que ambos os personagens, se odeiam ao ponto do Trovão não chama o seu inimigo pelo nome. Aliás, “quatro estrelas — era assim que chamava o brigadeiro Raio de Sol para evitar pronunciar o seu nome e realçar ainda mais as vintes estrelas que lhe enfeitavam as diversas” (p.74). Portanto, é possível depreender que o nome do personagem infere uma interpretação para além de um raio de sol em meio aos trovões em uma tempestade, uma luz no fim do túnel, uma salvação para o futuro do país, também diz respeito ao status de poder que ele ocupa no enredo, simbolizado pelas estrelas, pelas patentes militares.

A cena descrita por Jorge Araújo em que Abdelei Sissé “correu para casa para preparar a guerra” (p.33) mostra que o ato de pegar nas armas é, por assim dizer, uma parteira de uma manifestação de violência para outra manifestação. O personagem se esforça para lembrar-se da última guerra “— Há quanto tempo foi a última guerra? (...) Pelo estado da arma deveria ter sido há uma eternidade” (p.33). Inferimos que a última guerra foi a da luta de libertação, porque o personagem foi um antigo combatente “começou a fazer a revisão da matéria, a recitar mentalmente o manual de instrução das técnicas de combate. Mas não era preciso. A guerra é como andar numa bicicleta, quando se aprende nunca mais se esquece” (p.33-34).

Temos assim, a legitimidade da “guerra do balão” na qual percebe-se que o brigadeiro Raio de Sol justifica, através da voz do narrador, a falta de compromisso dos governos; o pai de

Hussi, “Abdelei Sissé recebeu voz de comando e correu para casa preparar a guerra”, sem questionar, segue as ordens do general aposentado e logo se transforma. Chama-nos atenção essa transformação de Abdelei e o seu nível de militarização, o seu manuseamento quanto às armas. Ele chega até esboçar certo orgulho e satisfação ao pegar na arma enferrujada: quando, “acariciou o gatilho, beijou a culatra, desentupiu o cano, deu lhe um banho de massa consistente” (ARAÚJO, 2009, p.33). Notamos que essa “violência ordenada” que se alastra, depende do nível de envolvimento da sociedade e da “presença de uma de cultura de utilização de armas e de violência para a resolução de tensões sociais” (BORGES COELHO, 2013, p. 177), que no caso da Guiné-Bissau sempre esteve aflorado.

Essa mudança de papel social, a qual Mamdani chama de “uma violência derivada, da violência de vítimas que se tornaram assassinas.”(2016, p.391) abrolha para comportamentos legítimos de impulso genocida e é explicado pelo Fanon “Aquele de quem eles nunca pararam de falar que a única linguagem que entende é a da força, decide se manifestar pela força [...] O argumento que o nativo escolhe foi fornecido pelo colonizador e por uma irônica virada de mesa agora é o nativo que afirma que o colonialista só entende a força” (1968, p.65). As conclusões sobre a violência dizem respeito à tomada de consciência daqueles que tinham deixado de lado seu papel de vítima, sem receio de julgamentos que os colocassem como culpados, mas como reivindicadores de sua própria História.

Apontamos três observações nesta cena de preparação de Abdeli Sisse: a primeira é que ela reforça o que a História fala sobre o apoio dos antigos combatentes e dos militares para com o Ansumane Mané (brigadeiro Raio de Sol) no acontecimento de 1998 em Guiné-Bissau. Segundo Timóteo M'bunde, “além de jovens descontentes com 18 anos de regime de João Bernardo Vieira, o contingente dos revoltosos era fortalecido por ex-combatentes da liberdade de paz” (M' BUNDE, 2018, p.83). Do lado de Nino Vieira (Trovão) estava “os militares fiéis do presidente (...) e o apoio e envolvimento direto de Senegal (...) com acordos secretos que teria existido, [e] uma decisão política cujo propósito era de assegurar apoio ao governo guineense em relação ao combate contra os independentistas de Casamança” (M'BUNDE, 2018, p.82-83). Assim, o narrador da obra do Jorge Araújo, apresenta os motivos, legitimidades e desdobramentos da guerra, constrói a narração verossímil a partir da interpretação de fatos históricos da guerra civil de 1998, depois da independência da Guiné-Bissau.

Segundo apontamento: Fazemos uma retomada na fala de Artemisa Odila Candé Monteiro sobre o início da ação armada em 1963 e os aparatos militares dos combatentes na

época de guerrilha. Suscitam indagações a respeito do comportamento do personagem Abdelei Sissé e o seu ato de desenterrar a arma que há tempo estava guardada, mas no momento descrito pela narrativa foi considerado válido para tomar posse novamente. Por isso sua atitude chama atenção e nos leva a questionar: quantas armas podem existir enterradas no território guineense só esperando um rastro de configuração de violência armada? Quantos Abdelei Sissé existem na Guiné-Bissau? Um homem que o narrador coloca, ironicamente, como encadernador de cadernos escolares em tempo de paz, se transforma, quase que mecanicamente, ao ponto de ganhar outra profissão na guerra, “atirador de metralhadora” (ARAÚJO, 2009, p.47). Essas indagações são importantes para suscitar compreensões e interpretações dos ciclos de violências que se instaurou no país. De fato, Guiné-Bissau tem na sua história conflitos políticos recorrentes, mortes sem explicações e sem versões plausíveis de pessoas públicas e, certamente, de pessoas civis. Ao mesmo tempo, configura-se como um país que tem grandes falhas na educação como um todo, ausência de políticas públicas para erradicar a pobreza.

A terceira observação, partindo da nossa compreensão de que a violência submetida ao personagem na guerra tem profundo enraizamento no psicológico. A comparação da guerra e o ato de aprender andar de bicicleta feita por ele reforça que a violência fica no esconderijo da mente, mas que em algum momento vem à tona. Assim, as atividades como caminhar, dançar, tocar um instrumento, dirigir, escrever e andar de bicicleta são entendidas pelo cérebro como importantes para a nossa vida e sobrevivência. Para o pai de Hussi, a guerra também é uma questão de sobrevivência, por isso as informações que ficam armazenadas nos lobos frontais e que são responsáveis pelo controle dos tônus musculares, do equilíbrio, dos movimentos voluntários e automáticos formaram conhecimentos, preciosamente, guardados e que surge de forma inconsciente quando Abdelei Sissé necessita utilizá-los. Assim como Abdelei aprendeu a guerrelhar, Hussi que outrora aprendeu a andar de bicicleta, agora tem uma árdua lição ainda na infância: aprender a sobreviver e andar na guerra. Hussi sofre uma transformação passando pelo mesmo processo de metamorfose que o pai, como veremos na análise do personagem infantil, no capítulo três.

2.2 Infância e sociedade

As ordens para a guerra surgem de um discurso de estabilidade e, como já foi dito acima, parte do “comandante Brigadeiro Raio de Sol”, o qual o narrador apresenta como “um velho militar da reserva” e “muito respeitado entre a rapaziada” (ARAÚJO, p.26). Essa figura do mais velho, assim como aparece no tio Rui em *A bicicleta que tinha bigodes*, é relevante para entender a

divisão dicotômica das relações de poderes representadas por esses personagens. O brigadeiro Raio de Sol, como seu próprio nome infere, se configura na esfera militar, que no caso da Guiné Bissau, por vezes, se confunde com a esfera política do país. De acordo com Ricardino Jacinto Dumas Teixeira essa relação sempre foi tênue, uma vez que,

Não obstante o processo de democratização iniciado em 1991, na GuinéBissau, que exigiu a despartidarização das Forças Armadas, na verdade, estas continuaram a ser constituídas essencialmente por militares provenientes da luta armada, e, de certo modo, ligados ao partido do poder, o PAIGC. Logo, era necessário que esses militares, antigos combatentes, passassem à reserva. Perante este impasse - o facto de a maior parte dos antigos combatentes recusarem a condição de reserva – surge, na opinião de Leonardo Cardoso, uma rivalidade entre os novos militares, que passaram por várias academias e diferentes escolas militares e a maioria dos oficiais oriundos da luta de libertação nacional (TEIXEIRA, 2006, p.48).

Retornando a descrição do brigadeiro Raio de Sol da narrativa de Jorge Araújo, que sempre era escolhido para ser o árbitro dos jogos de futebol das crianças. Esse respeito nutrido por todos, lhe dá uma característica de detentor de poder no contexto pelo qual é representado. Sendo assim, ao tomar a iniciativa da guerra, “ninguém ousava fazer perguntas. Todos sentiam orgulho em colocar o destino nas mãos de um velho, sobrevivente de mil e uma batalhas, vencedor de mil e uma guerras” (ARAÚJO, 2009, p.31). Por outro lado, a narrativa capta esses nuances de relação de poder, da qual o Teixeira aponta acima, a democratização da Guiné-Bissau passa, inevitavelmente, "por militares provenientes da luta armada" que atuam como juízes. Ou seja, a função do juiz se desloca, não mais no campo de futebol infantil, mas no campo político do país.

Pensando desse modo, a violência proposta pelo comandante brigadeiro Raio de Sol e seguida, imediatamente, pela sociedade representada pela personagem Abdelei, é uma resposta ao sofrimento que estavam sendo submetidos. Isso vai ao encontro da perspectiva de Mamdani, considerando “a sensibilidade política moderna horrorizada não é a violência *per se*, mas a violência que não faz sentido” (2016, p. 384), isto é, a guerra precisa fazer sentido. A violência sem sentido é uma característica de outros governos, de outros que buscavam poder individual: em que o Outro (Aqui representado pela figura do Trovão) é violento, mas Nós (brigadeiro Raio de Sol) somos pacíficos, pois só usamos a força quando não resta mais opção de acordos e resultados satisfatório. Para o que inferimos ser o melhor para toda população civil de GuinéBissau.

Seja no jogo de futebol de Hussi e seus amigos, seja no jogo político, o árbitro tem um papel fundamental, pois é ele quem conduz os jogos. Por isso, os meninos, na narrativa de Jorge

Araújo, “deixaram para o final da reunião os problemas do dia *guarda-redes* (goleiro) e o árbitro”, e após “analisaram os vários cenários possíveis, estudarem a tática mais adequada para o jogo” as crianças descobrem que o “senhor do apito (...) brigadeiro Raio do Sol” que “era justo na apreciação dos lances mais polêmicos”, não poderia estar presente naquela partida de domingo. Ora, o jogo do juiz tornou-se mais sério e, assim como as crianças admirava-o, “ninguém ousava em discutir suas decisões”, os adultos, no enredo, também esperavam uma atitude de comando e depositavam esperança nele (p. 26). A não participação do brigadeiro Raio de Sol no jogo causa estranheza nas crianças.

— Por que é que hoje não pode arbitrar? — estranhou Tetse —

Hum...— respondeu Batcha com um encolher de ombros.

— Deve estar doente...nunca falha um jogo — pronunciou Bitunga.

— Não, não está — esclareceu Hussi, para quem o brigadeiro era como um segundo pai.

— É estranho — repetiram os outros em coro. (ARAÚJO, p.26)

Dessa forma, o texto de Jorge Araújo apresenta uma linguagem literária capaz de tanto legitimar o que os discursos sociopolíticos e históricos apontam, quanto de questionar, destrinchar e despir, metaforicamente e artisticamente, o que o sociólogo Teixeira e o politólogo M'bunde abordam em seus estudos. Sabemos que o processo de violência contra a população vem muito antes do período colonial em ambos os países. Mas é durante o processo de colonizador que temos mais visibilizado os registros violências. Fanon explica que o único meio para romper com as amarras do colonialismo é usando o mesmo instrumento que os colonizadores utilizaram para a colonização. Isto é, só é através da violência, tanto no plano da “violência atmosfera”, quanto por meio da “violência em ação” (FANON, 1968, p.54) que os subjugados conseguiriam a liberdade. No entanto, após as independências políticas, os países africanos de língua portuguesa, em sua maioria, enfrentam contínuas formas de violências, dentre delas as guerras civis que tiveram como alavancas motivos políticos relacionados a rupturas, permanências e manutenções de poderes. Como podemos ver, na obra de Jorge Araújo, representado pelos dois lados da guerra: brigadeiro Raio de Sol e Trovão.

Se por um lado o comandante brigadeiro Raio de Sol é exaltado pelos personagens do enredo, por outro o “comandante Trovão” é ridicularizado e é descrito fisicamente como uma

personagem gorda, tão pesada que o chão tremia com as passadas de elefante. O seu rosto era uma cascata em alvoroço tanto o suor que lhe escorria pela testa, ainda assim nada comparado com lago escondido por debaixo do enorme casaco de pele de foca que um presidente de um país frio lhe oferecera

e que teimava usar naquele mórbido calor. (...) Os seus dedos eram pequenos e redondos. Por isso sempre usava luvas de boxe forradas de cetim vermelho e recusa-se a cumprimentar os visitantes com aperto de mão. Os buracos do nariz pareciam crateras de um vulcão, os lábios, grossos e carnudos, (...) sempre apoiado em uma bengala com cabo de marfim onde mandara esculpir a juba de um leão. (...) felizmente andava pouco. (...) Era assim que passava os dias, o futuro encalhado num glorioso passado, hibernando num palácio fantasma onde o silêncio era tão forte que até doía” (p.63-64).

No plano psicológico, é descrito como alguém desequilibrado, que se impõe através do medo, da violência, “quando o comandante Trovão tinha esses ataques de fúria, a sua corte ficava paralisada, nunca sabiam se eram ordens para cumprir ou o delírio de mais um pesadelo” (p.64). Sua fisionomia, seu modo de vestir e seus comportamentos descritos pelo narrador, deixa-o sem credibilidade diante do brigadeiro Raio de Sol. Observamos que o autor tece uma crítica na figura do Comandante Trovão, que representa um país que após sua independência tenta se manter de pé, mas que há muitos desequilíbrios estruturais na nação a serem resolvidos.

Nessa mesma direção, tomamos o silêncio como reflexão mediante a relação entre linguagem, mundo e pensamento dá um significado para o silêncio o qual o comandante Trovão vive. Ou melhor, o silenciamento do espaço e a política de opressão para com as pessoas que estão a sua volta, é interpretado como omissão e ausência da parte do presidente em gerir de modo eficiente o país. Não será “encalhado num glorioso passado” (ARAÚJO, 2009, p.64) que um futuro melhor, digno e justo para todos acontecerá. Não obstante, esse silêncio, atrelado à cegueira também se encontra no personagem brigadeiro Raio de Sol, como podemos observar na sua descrição, O brigadeiro Raio de Sol era mais alto do que uma girafa, mais magro que um antílope. Tinha porte altivo, olhar contemplativo, sorriso discreto, carnes secas e barba cor de marfim. Vivia divorciado do mundo na sua modesta casa do porto dos Batuquinhos, cercado por uma horta. Alfaces, couve, tomates e cebolas convivem na mais perfeita harmonia (ARAÚJO, 2009, p.27)

Observamos que a violência sofrida pela sociedade guineense é estrutural. Assim, como o comandante Trovão, brigadeiro Raio de Sol também vive como um glorioso em seu próprio mundo na “mais perfeita harmonia”: omissos às manifestações de “tantas queixas” feitas pelo povo na tentativa de um ato de socorro. Após um tempo ele resolve “afasta a máscara de apatia e atira-se ao mundo com olhos de ver” (p.28) e só depois anuncia a guerra. Notamos, que os dois personagens são ex-combatentes, mas se encontram enclausurados em seus próprios ideais de vida, e usam a guerra como arma política, para se tornarem algozes de si mesmos.

Para Fanon, “O homem colonizado se liberta na violência e através dela” (p.66). Portanto, foi através desse principal instrumento de violência (guerra) que Guiné-Bissau e Angola conquistaram suas independências, e traçaram um caminho na história assumindo não mais o papel de coadjuvante. É importante salientar que Fanon e Mamdani alertam-nos que a descolonização precisava ocorrer em todos os planos, uma vez que as violências são

demasiadamente estruturadas e os indivíduos que a sofrem, por vezes, não percebem em que ponto se tornam alienados em seus próprios anseios de superação, e aceitação por parte dos indivíduos que detêm o poder. Como podemos ver na obra do Jorge Araújo, o poder e a confiança atribuído ao brigadeiro Raio de Sol, pode se dizer perigoso, já que o discurso de paz e bem-estar social não se configura apenas no âmbito público, mas também podem ter raízes nas conquistas individuais, de ego e triunfo, de vencedor, representado na narrativa *Comandante Hussi*, pelo amor em comum de uma mulher. Vale destacar que o narrador constrói uma imagem do brigadeiro Raio de Sol como salvador da pátria, mas tal imagem é uma construção, por via do narrador, de uma visão dos personagens que estão à sua volta, representados pelo Abdelei Sissé. No entanto, o narrador nas entrelinhas do discurso, desmitifica ou reconstrói essa imagem, e nos mostra que as atitudes do militar não estão ancoradas às reivindicações aos direitos humanos, mas por questões políticas, amorosas e particulares.

Por sua vez, na narrativa angolana o comandante denominado de “GeneralDorminhoco” é uma figura satirizada pelo autor. O próprio nome infere sua característica de alguém que não resolve os problemas como deveria, como diz o ditado, é alguém que dorme no ponto. “O nome é de fato um designante fundamental da personagem. Realiza várias funções essenciais. [...] funciona em interação com o ser e o fazer das personagens. Chama-se esse fenômeno de *motivação* do nome [...]. Isso pode se efetuar de maneira explícita [...] (REUTER, 2011, p.101-103). Podemos perceber esse fenômeno ocorre em outros personagens na narrativa como a criança denominada de JorgeTemCalma “que não conseguia estar quieto. Nem calado”(ONDJAKI, 2015, p.29).

Embora esteja representado no meio privado, isto é, a rua que é o espaço em que ocorre a narrativa, o GeneralDorminhoco está também no âmbito do público, pois, notadamente, seu espaço de trabalho se entrelaça com o seu espaço familiar. Isso torna plausível a sua primeira atitude de mediação de conflitos diante do atropelamento do sapo Raúl da criança Isaura: não dar credibilidade a voz da criança e usa o silenciamento como fim do problema, como podemos perceber em “não sabes nada. E acabou a conversa porque a rua está muito escura e vocês nem deveriam estar aqui a brincar. Já para casa todo mundo” (ONDJAKI, p.22). Entretanto, o tio Rui aparece e interrompe essa ordem de poder e violência, mostrando que “isto não é brincadeira, camarada General. Estamos num país onde os direitos das crianças são respeitados. E por adjacência os direitos sapais” (p.24). Ao usar a sátira, o narrador nos adverte e nos remete para os problemas de uma geração que teve seus direitos violados, além de revelar uma falta

de fé na função do exército angolano. Diferente da narrativa de Araújo, em que o narrador nos leva a pensar que a tentativa da resolução dos problemas vem por meio da figura do militar.

Como podemos ver, a essa violência designada como permanente, estrutural, entranhada em todas as relações, e que se manifesta sob diversas formas, as quais são captadas pelas narrativas dos dois autores. Retomando ao assunto de violência atrelada ao poder vemos essa mesma figura detentora de poder, na narrativa de Ondjaki, mas que é vista em outra esfera, isto é, na esfera intelectual e jurídica da sociedade angolana, que também se imbricavam no meio político. No caso do Tio Rui, em primeira análise não é possível ver uma violência ocasionada por ele para com as crianças, uma vez que a boa relação entre o mundo adulto e o mundo infantil é representada na figura do escritor e sua sensibilidade com as crianças. Por exemplo, “no dia 1 de junho [dia das crianças em Angola] podemos entrar todos no quintal da casa dele para ouvir algumas histórias que ele lê diretamente dos papéis amarelos onde ele escreve, fala com uma voz constipada e algumas palavras mesmo são difíceis de entender” (ONDJAKI, p.13). Para um contexto de guerra, esse momento de contação proporciona uma ideia de infância, tema a ser desenvolvido no capítulo três dessa dissertação.

Nos países africanos de língua portuguesa, os intelectuais, ou como os guineenses chamam “os quadros²² intelectuais”, fazem parte, geralmente, os indivíduos que alcançam uma formação acadêmica e que se destacam na política. Há, portanto, uma divisão tênue entre o campo político e o campo intelectual, sendo difícil definir quem são os intelectuais, partindo de uma visão de conhecimento ocidental. Entretanto, vale destacar que, se retomando ao contexto histórico da Guiné-Bissau, a formação educacional e a constituição de grupo de intelectuais fazem parte do projeto de Amílcar Cabral, o qual muitos militares passaram por esse processo durante as estratégias de luta feitas ainda nos países vizinhos. Notamos na narrativa de contexto guineense a figura do intelectual no personagem chamado de “Aristoflocos Pastelório Tuó”, também apelidado de “Bemfeito Celestial”. Atendido por “intelectual do regime” pelo presidente Trovão, mas é uma pessoa que aparenta ter pouca idade ao assumir o cargo político de “engraxador do regime” (ARAÚJO, p.85-86).

O termo “engraxador”, em primeira análise, nos pareceu um erro de digitação, uma vez que poderia ser embaixador. Porém, segundo o significado do dicionário, engraxador é “subst.

²² Quadro tem um dos significados no Brasil como executivo que, em geral, exerce funções de direção, concepção ou controle numa empresa ou afim, beneficiando-se de um estatuto especial. Já em Portugal e nos países africanos de língua portuguesa o termo define um funcionário de nível superior, ou seja, um diretor ou gerente de uma grande empresa.

pessoa que limpa e dá graxa nos sapatos: O engraxador engraxa os sapatos. 2. bajulador: Ele é um engraxador, uma pessoa bajuladora”²³. Levando em consideração o segundo significado atrelado ao modo como ele usa as palavras, fazendo com que o presidente “(Trovão) — Não compreendo nada do que está a dizer” (ARAÚJO, 2009, p.85). O termo engraxador, bajulador melhor se adequa, pois, como veremos, os funcionários do comandante trovão utilizam de todas as armas e artifícios para sobreviver perante o modo de governar do presidente. No caso do personagem Aristoflocos que se expressa de forma empolgada é recorrente nas literaturas africanas, como no conto “*Mestre*” *Tamoda*, do escritor angolano Uanhenga Xitu. Nessa obra, autor aborda, às vezes de modo satírico, questões referentes às condições sociais e psicológicas que subjazem o processo de assimilação no período anterior à independência. Além de bajulador, a linguagem empregada pelo Aristoflocos é uma forma de manter longe os que não o entendem - um mecanismo de defesa, para demonstrar superioridade e poder. Assim, concluímos, a partir deste personagem, que o meio intelectual, militar e político, estão imbricados tenuamente.

Em Angola, a complexidade e pluralidade caracterizou o processo de formação dos grupos de intelectuais no país. Essa formação perpassa, principalmente, pelo caminho da língua portuguesa (vista como língua do poder) atrelado à existência de três maiores partidos políticos de independência que se dividiram em torno de questões linguísticas, culturais e, digamos, territoriais sobre o que conta como nação angolana. Existe uma linha tênue entre os militares da luta armada e os intelectuais que sempre estiveram nos movimentos angolanos, como Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade, Antônio Jacinto. A literatura, certamente, caracterizou o percurso, uma vez que ela existe anteriormente à independência de Angola. O discurso literário que se configura e se estabelece um discurso de liberdade, mas que também alçaram cargos políticos, ou exerceram influência de poder como Agostinho Neto e Manuel Rui, por exemplo.

Partindo dessas reflexões, encontramos na narrativa a figura do intelectual no personagem do escritor Tio Rui. Paralelamente a essa questão, o adulto que torna o cotidiano das crianças mais ameno na guerra civil pós-independência, estabelece uma relação de poder no espaço que é descrito na narrativa. Ambos os personagens, brigadeiro Raio de Sol e tio Rui assumem uma personificação do poder político de Angola e Guiné Bissau. Na narrativa de Angola o escritor é símbolo do poder, a saber, “(...) o general queria ir para casa, concordou em dar comida ao sapo Fidel por um período de dois meses, segundo tinha pedido o próprio tio

²³ Significado disponível em: <https://www.lexico.pt/engraxador/>.

Rui que, além de escritor, também era advogado e todo mundo tinha receio de ele levar as coisas para um tribunal” (ONDJAKI, 2015, p. 25).

As atribuições dadas a cada personagem estão ancoradas nas configurações do espaço, do poder e situações envolvidas. Sendo assim, notamos os diferentes significados para o antigo combatente, brigadeiro Raio de Sol, da narrativa Jorge Araújo e para GeneralDorminhoco da narrativa Ondjaki. Um assume a liderança no espaço onde vive, e o outro é colocado a dúvida sobre sua patente de oficial, perante as crianças e os demais adultos em uma rua de Luanda. Não descartamos completamente a relação de poder que o personagem GeneralDorminhoco possa ter. O conjunto de comando é representado pelo personagem chamado “Nove” que segue suas ordens quando é solicitado a trocar de nome para “Dez” depois de ter assassinado o sapo da criança. Mesmo resistindo e alegando que sapo não seria gente e que não caberia a mudança de nome como fez com as outras mortes de sua autoria. Portanto, a esfera em que o general exerce o poder é no campo militar, uma vez que o Nove/Dez é o motorista do seu jipe. O poder que não é, totalmente, compactuado como os demais personagens, em particular o tio Rui que, nitidamente, exercer uma relação de poder perante o GeneralDorminhoco, e parte desse poder está na retórica do personagem, isto é a retórica do jurista. Assim, o escritor e advogado faz o julgamento, dá a sentença do atropelamento do sapo e designa-lhe (GeneralDorminhoco) a pagar uma indenização em forma de alimento para o outro sapo da Isaura.

A representação de poder atrelada à figura do tio Rui, é construída pelas descrições e atribuições dada a ele pelas crianças que passa, necessariamente, pelo narrador-menino. O sentimento de importância e de empoderamento do escritor, é visto logo nas primeiras páginas da narração como em “na minha rua vive o tio Rui, que é escritor e inventa estórias e poemas que até chegam a outros países muitos internacionais, (...) com nome comprido, parece que se diz “julgoeslavia” (ONDJAKI, p.9). Pelo olhar infantil, ser um escritor internacional tem muita relevância, principalmente porque aquele escritor, famoso, mora na rua deles. Para os adultos, como o general, o tio Rui entende de leis, sendo assim, por ter conhecimento provoca uma cautela e digamos, respeito, para não dizer medo. Esse respeito é reforçado pelo eco da voz de uma criança não identificada na narrativa, que comenta quando presencia o julgamento do atropelamento e morte do sapo: “quando eu crescer também quero ser advogado e escritor. Assim nenhum general vai me enganar - falou alguém” (p.26).

Reavendo a análise do GeneralDorminhoco, notamos uma crítica nas relações de poder representadas pelos personagens em que, um (GeneralDorminhoco) não tem tanta credibilidade

por parte dos civis. Enquanto o outro (tio Rui) demonstra, na visão das crianças, ser um sujeito importante que está sempre envolvido e articulando projetos com outras pessoas, que é percebido através da rotina do intelectual que “é simpático e tem sempre bué (muita) de pressa” (p.13). Para a criança, o fato do tio Rui de estar sempre em movimento, sendo interrompido pela “tia Alice [que] entrou a dizer que estava um camarada importante ao telefone que queria falar com o tio Rui” (p.64), reforça a representatividade do poder em Luanda, na obra do Ondjaki.

Assim, entendemos que a violência é, por inclinação, instrumental, está sempre à procura de orientação e justificativas pelo fim que almeja, a saber, o poder, ou a permanência e manutenção dele. Entendemos por poder, todo indivíduo, grupo, ou entidade que o se distingue de determinadas camadas sociais, por possuir certos mecanismos de autoridade perante os demais. Compreendemos que o poder é a parte essencial em qualquer governo e faz parte da vivência de todos, como podemos ver na relação familiar entre o pai e filho, em que a dualidade da ordem e obediência, esperança e fragilidade entre Abdeli Sissé e Hussi. No enredo, o filho de Sissé, após seguir e obedecer às ordens do pai em levar a família até o interior volta para capital, com o intuito de se reaver com o progenitor e converte na figura do pai, uma esperança de encontrar, juntos, sua bicicleta. Entretanto, essa imagem de “pai herói” (ARAÚJO,2009, p.21) feita por Hussi, mesmo passando por fragilidade, não impediu o de continuar com o desejo de reencontrar sua bicicleta. Ao avistar o pai Hussi se enche de esperanças e corre para abraçá-lo. No entanto, “quando deu de caras com o filho, Abdelei quase perdeu a fala. — O que é que andas aqui a fazer? Perguntou ainda mal feito do susto. (...) — Quero ficar aqui contigo. Ao ouvir este desabafo, o velho perdeu a compostura (p.50) e o agrediu fisicamente com o “cinto e foi um festival de pancadaria. O velho bateu, bateu-lhe tanto! De nada serviu, porque Hussi não se vergou à força desses argumentos” (p.50).

Notamos que o menino está rodeado de violência, que vai desde a falta de bens de sobrevivência que antecedente na guerra: como o transtorno de se sentir só, com medo, com fome vinculados à violência da própria guerra; bem como o uso da força física, utilizada pelo pai para coagir o filho a desistir dos planos absurdos, na visão do adulto, em se preocupar mais com uma bicicleta na guerra do que a própria vida. Observamos, mais uma vez violência usada como argumento e para legitimar uma atitude relacionada ao poder, nesse caso, ao poder exercido pela hierarquia do pai em relação ao filho. Vale destacar o comportamento de Hussi diante da surra levada, ele não se rende e usa naquele momento o silêncio para manter sua decisão. Assim sendo, os rastros de violências que se incorporaram no cotidiano pós independência ocorre, como

notamos no texto literário, nas diversas configurações de estruturas que interrelacionam o ser social bissau-guineenses e angolano.

Segundo os apontamentos de Orlandi “há silêncios múltiplos: o silêncio das emoções, o místico, o da contemplação, o da introspecção, o da revolta, o da resistência, o da disciplina, o do exercício do poder, o da derrota da vontade e etc” (2007, p.42). A figura do comandante Trovão, que na narrativa aparece como o presidente do país, utiliza das formas de silenciamento para amedrontar, coagir seus funcionários e seus inimigos. O silêncio aparece na cena de sua derrota contra o seu inimigo brigadeiro Raio de Sol.

Esse personagem literário suscita questões que foram apontadas na contextualização históricas de Guiné Bissau: as relações de poder político e militar que colaboraram para a guerra civil em 1998, as conjunturas política de 1980 a 1998, denominada com presença de características de governança autoritária: destruições de equipamentos e espaços públicos na guerra civil em 1998 e enigmas relacionados à morte de envolvidos em Guiné Bissau. Em relação a essas datas, é possível perceber, na figura do personagem Trovão, características do totalitarismo que os historiadores apontam sobre o mandato de Nino Vieira em Guiné-Bissau.

Como já foi apontada, a fisionomia do Trovão é ridicularizada pelo narrador, de tal modo que o ridículo, no início da narrativa, se torna humor. Contudo, o humor também desperta uma consciência ao passo que o riso, que é provado ao leitor, vai dando espaço para serenidade dos acontecimentos. Ao retomar a narrativa, o narrador assume uma nova perspectiva e mostra que o ridicularizado é um assunto muito sério, no momento em que introduz os comportamentos violentos de Trovão em relação aos seus funcionários e os que estão a sua volta. Trovão é um indivíduo de personalidade difícil, hostil, violenta e desumana. O narrador constrói a imagem do personagem por diversos ângulos narrativos, veiculados às visões de outros personagens.

Revisitando a expressão “lugar de fala” do historiador, do sociólogo, do crítico literário, vale sublinhar o lugar de fala do escritor Jorge Araújo, pois é notório o posicionamento que o jornalista toma, por via do narrador, em relação às partes envolvidas no conflito, a saber, Ansumane Mané (brigadeiro Raio de Sol) e Nino Vieira (Trovão). Destacamos os acontecimentos de 1980 em quem o Luiz de Cabral de nacionalidade cabo-verdiana, foi deposto do cargo de presidente por Nino Vieira com a colaboração do Ansumane Mané. Nesse período, as relações partidárias entre os dois países foram rompidas e certamente as relações com a sociedade civil. Após essas novas configurações políticas, Nino Vieira assume a presidência

de Guiné Bissau, assim como os estudiosos apontam características no governo de Vieira semelhante à de regimes autoritários, a narrativa literária reforça essa visão, sendo sustentado pelo personagem coadjuvantes como o “pintor do regime”, o “feiticeiro do regime” o “engraxador do regime”, e com as atitudes agressivas e violentas, o Trovão. Dessa forma, a visão do narrador é condicionada por esses acontecimentos, assim o ato de desconfiar do narrador é fundamental para interpretarmos a narrativa com mais precisão. Desconfiar, não no sentido de que ele diz serem mentiras, mas que nos leva a uma maneira de ver os fatos narrativos. Partindo dessa premissa, as leituras do personagem Trovão estão condicionadas à construção feita pelo narrador na obra *Comandante Hussi*.

A percepção que temos do Eu, visto por nós mesmos e do Eu visto pelo olhar do Outro são construções imaginadas de identidades. Na obra *Comandante Hussi* o comandante Trovão faz uma imagem de si como alguém glorioso, invencível, destemido, bonito, sem defeitos e suas qualidades, na sua maneira de ver, refletem em suas ações, uma vez que ele acha que suas atitudes estão corretas: como no caso da morte da sua amada Ayassa por ter lhe traído, como a morte do professor por estar a ensinar sobre liberdade, como a morte do general por lhe falar a verdade sobre a guerra, e as demais mortes das quais ele foi autor. Para os seus funcionários e aliados, o presidente Trovão é uma pessoa com as faculdades mentais desequilibradas, fato que interfere diretamente no comportamento deles, vejamos:

(...) crente na palavra dos seus generais que, com medo de lhe dizer a verdade inventaram sagas de vitórias memoráveis, planos de ofensivas, relatos das mais macabras chacinas. E ele rejubilava de prazer, suas gargalhadas parecem banda sonora de um filme de terror. — Vou mandar fazer um quadro para comemorar mais este feito- desabafava quando lhe contavam o que queria ouvir. (...) Os generais nunca sabiam se o comandante falava a sério ou a brincar quando se referia ao pintor do regime. O que sabiam é que ele nunca mais voltaria a pintar - O presidente tinha mandado arrancar-lhe os dois olhos com alicate por não gostar da maneira como pintara o seu nariz no último quadro. (...) O pintor do regime até costumava ser generoso na maneira como retratava o todo-poderoso-líder. Era, aliás, graças aos sucessivos retoques de generosidade que conseguiu adiar a morte. Mas não podia exagerar e foi para dar algum realismo ao seu último quadro que optou pelo meio termo. (...) Foi o seu único pecado: esquecer que o comandante Trovão se achava como pinta de estrela de cinema (ARAÚJO, 2009, p.60-62).

O processo social, dentro da estrutura narrativa, mostra que a violência, o medo e o silêncio são os fatores estruturantes pelos quais o presidente governa. Notamos que a identidade do Trovão é produzida pelo discurso do narrador e pelo contradiscurso, que são simbolizados pela perspectiva dos que trabalham para ele. A violência está impregnada nesse personagem, no ambiente em que vive, aliás, a violência é personificada nele próprio. Após ser questionado pelo presidente sobre o andamento da guerra,

o chefe do Estado-Maior sentiu um calafrio na espinha, um prenúncio de morte, não poderia mais enganar o chefe com evasivas. Uma palavra a mais, um adjetivo mal colocado, e era o fim. (...) — A verdade é que estamos empatados—esclareceu o militar (...), foi fuzilado (...) para carimbar o atestado de óbito, encostou a arma a têmpera do defunto e voltou a disparar. Em seguida esperou ódio, as paredes ficaram caídas de medo, o *dióspiro* da poltrona empalideceu. O soalho gemeu. (2009, p.69)

Como podemos ver, na narrativa literária, o presidente não mede esforços para se manter no poder. Seus atos de governança são utilizados pelo narrador como forma de reforçar e de legitimar a violência armada, porque Trovão não proporciona espaços e momentos de diálogos. Nos estudos endógenos sobre Guiné-Bissau visibilizados por Teixeira, Monteiro e M'bunde, esses estudiosos apontam potenciais de violências que colaboraram para a guerra civil que se instaurou em 1998, no país. Para M'bunde “as violações dos direitos humanos de cunho étnico ocorrido em 17 de outubro de 1985, evidenciava o fracasso do processo de construção do estado nacional guineenses, pois estava em curso a edificação de uma máquina ditatorial” (2018, p.77). Esse dia é caracterizado por várias execuções, ainda segundo o pesquisador “dos executados, 39 (mais de 90%) eram oficiais e intelectuais Balantas” (2018, p.76). Teixeira (2008) argumenta que esse fato de 1985 viria a ser decisivo em 1998, na explosão da guerra, para que os ex-combatentes da etnia Balanta instituíssem, em sua maioria, a “junta militar” que viria a combater as forças do governo do presidente Nino Vieira.

Para Mamdani (2016) a violência colonial foi forjando indivíduos ou grupos que se diferenciavam de outros através de certas qualidades, poderes, apagamentos ou renomeações identitárias, atribuídos a eles pela força do Estado. As independências não romperam com esses vícios de violências, apenas recebem denominações diferentes. A relação de poder e violência atrelada às configurações políticas sociais, vistas dentro e fora da narrativa, parte não só dos indivíduos que ocupam o topo dessa pirâmide de poder representado, tanto pelo presidente Nino Vieira na História, quanto pelo presidente Trovão na Literatura. A violência é estrutural e está presente nas camadas mais baixas, como podemos ver na personagem Aristoflocos Pastelório Tuó, que após a morte do “anão albino” assume o cargo. Quando o Trovão manda chamar o escriba,

Na ausência do anão albino o corcunda zarolho quem deu o corpo ao manifesto. (...) Nada mais natural, era a sua primeira grande missão. Acabara de assistir ao triste fim de malograda criatura de meio palmo. Mesmo assim sentiu-se um privilegiado, era mais um passo na carreira, mais um degrau na escala (p.85).

Visualizamos nesta cena os artifícios usados para permanecer ou alcançar em uma hierarquia mais privilegiada na pirâmide do poder em que a violência se normaliza e acaba

virando rotina na mente dos envolvidos. Assim como o Trovão usa de todos os mecanismos violentos para se manter como presidente, os demais que estão a sua volta usam do silêncio, da cautela da fala, da cegueira, da omissão para preservar seus postos de poder e suas vidas. A cena descrita acima mostra um sentimento individualista, narcisista que se configura na sociedade civil pós-independência.

Esse personagem tem uma característica peculiar de lidar com o presidente Trovão, Chama-nos atenção o modo como o Aristoflocos Pastelório Tuó fala: de forma culta, em “tom pomposo” usando palavras difíceis para o entendimento do Trovão. Esse é um artifício de defesa utilizado pelo personagem para se manter vivo, pois tem consciência que qualquer falha poderia lhe custar a vida, como ocorreu com o anão albino. Tuó não utiliza o silêncio ou o medo explicitamente como o General das Forças-Maior, ele usa as palavras, com cautela e sagacidade, para ganhar o respeito e admiração do presidente Trovão. Como podemos ver na fala dele ao se dirigir ao presidente: “— Reverendíssimo comandante Trovão, caríssimo líder. Permita-me anunciar o súdito que a vossa excelência solicitou. Desde já manifesto os meus mais sinceros obséquios por interromper os seus augustos pensamentos” (p.85). Nesse momento, o presidente “apreciou palavreado rebuscado (...) que estendeu o tapete de diálogo” (p.85). Destacamos que a figura do escriba configura-se uma crítica sobre as manifestações de violências estruturadas ainda no período colonial sobre a língua, ou melhor, sobre os status da língua portuguesa dentro de uma nação multilinguística. A postura do presidente só se transforma perante a intelectualidade perpassada pela língua portuguesa representada pelo personagem Tuó.

De acordo com o narrador “as portas pararam de ranger, o candelabro estacionou o balancear, os quadros colocaram-se em sentido, as paredes caíram- se de admiração. Os dotes oratórios do corcunda zarolho hipnotizaram o Palácio Presidencial” (p.86), Trovão, assim como o ambiente, tornaram, aparentemente, mais harmonioso, mais tolerante, o que nos leva a interpretar como uma crítica ao que vem de fora: as soluções para problemas internos que vem de outros países que não conhecem a realidade de Guiné-Bissau. O autor tece, nas entrelinhas do discurso, os problemas do país que deveriam ser resolvidos pelos próprios guineenses, nas suas compreensões e dimensões das micro-identidades simbolizadas pelos grupos étnicos que compõem a nação Guiné-Bissau.

Outro personagem que permeia o espaço do presidente Trovão é o feiticeiro, também denominado de professor Bambara. Na narrativa literária de Jorge Araújo, o desfecho da guerra

passa pelo teor mágico, pela feitiçaria. Inconformado por estar perdendo a guerra, Trovão questiona os feiticeiros sobre o que está havendo. Como não encontrava uma resposta convincente, disse que o inimigo brigadeiro Raio de Sol tinha uma arma secreta e como a “história da arma secreta tinha-lhe saído assim, quase sem querer” (p.72). Teve que tornar a história mais fantasiosa para que o presidente se convencesse que estava a perder a guerra por motivos de força maiores. Por isso, disse-lhe que a arma secreta era uma bicicleta mágica. A partir de então o feiticeiro, que era só um feiticeiro, assumiu o comando das forças armadas para encontrar a bicicleta. Sendo assim, “fizeram inversão de marcha e partiram à caça da bicicleta mágica, a bicicleta de Hussi. Mas desta vez a expedição não foi comandada pelo chefe do Estado-Maior, que jazia no soalho do salão presidencial. Contra um inimigo com poderes mágicos, o comandante só podia ser o feiticeiro” (p.77).

No entanto, o medo mais uma vez toma lugar, pois, acreditando que realmente a bicicleta era mágica eles não têm coragem de “matá-la” e o feiticeiro do regime “não teve outro remédio senão assumir de novo as rédeas da missão. Deambularam de bairro em bairro, rua a rua, casa a casa, porta a porta (...) quando finalmente encontraram uma bicicleta [não a de Hussi] decapitem-lhe o selim e colocaram-no sobre uma bandeja de prata. E fizeram um pacto do silêncio” (p.82). Mais uma vez o silêncio aparece como uma arma de cumplicidade, de proteção, tanto para manter-se no poder, quanto para salvaguardar as vidas dos envolvidos. De fato, o ponto importante no final da narrativa é a presença do silêncio e o desaparecimento do presidente Trovão, que também passa pela explicação do místico,

Vencido, humilhado, o presidente enterrou-se nas catacumbas do palácio juntamente com sua galeria de retratos. Ainda gritou umas ordens, mas nenhum general, nenhum criado, respondeu presente. O único que se manteve ao seu lado, fiel até o fim, foi o feiticeiro. — quero que me transforme em mosca tsé tsé — ordenou o presidente Trovão. (...) como o comandante nunca mais foi visto em carne e osso, a porção deve ter funcionado (p.95-96).

Essa cena reforça o que os estudos sobre a história do país apontam a respeito das mortes ainda sem explicações, sem versões finais e sem um responsável oficial penalizado, de pessoas envolvidas na política e no meio público. Assim como a destruição dos espaços físicos e públicos ao término da guerra como Moema Augel aponta,

Hussi assistiu a ofensiva final na linha da frente (...) viu o estado lastimável em que os mercenários estrangeiros deixaram o mais bonito hotel do país e o mercado principal (...). O “aguentas-a célebre milícia privada o comandante Trovão — que antes passeavam a sua violência pelas ruas da cidade, tinha perdido a sua valentia (...). Viu os estrangeiros encurralados na sua arrogância a fugir com o rabo entre as penas para se refugiarem na sede das nações

unidas, viu também os livros, que nunca teve serem consumidos pelas chamadas assassinas (p.96-99).

Retomando Mamdani, os europeus costumavam, durante o século XX, distinguir “guerras civilizadas e guerras coloniais. As leis de guerra se aplicavam a guerras entre indivíduos civilizados, mas as leis da natureza se aplicavam a guerras coloniais” (2016, p.387). Assim sendo, as guerras que ocorreram em Ruanda, em Guiné-Bissau, em Angola, entre outros países do continente africano, depois de suas independências políticas, são entendidas, a nosso ver, como algo estruturado, moldado aos poucos e, que se configuraram até as tensões se romperem. Ressaltamos que esses conflitos tiveram raízes mais profundas, com fortes influências externas, além dos frequentes desentendimentos internos. Sendo assim, como argumentamos ao longo do texto, as variadas formas de silêncios, são manifestações de violências, reelaboradas nas narrativas pelas ações e gestos das personagens.

3. A infância de um EU - personagem

A infância é uma coisa assim bonita: cáimos juntos na relva, magoamo-nos um bocadinho, mas sobretudo rimos. (ONDAJKI, 2009, p. 27-28)

Segundo Pierre Bourdieu (2004) quando nos propomos a observar o mundo científico, faz-se necessário notar os determinantes associados às posições e posturas que assumimos no mundo social, os quais são substanciais para compreender as lentes utilizadas para entender o objeto de pesquisa, que, muitas vezes, passam despercebidos nas produções científicas. Assim como na filosofia socrática o “conhecer-te a ti mesmo” é o primeiro passo para conhecer alguma coisa. Essa premissa de autoconhecimento muda a relação que estabelecemos com o mundo, abrindo oportunidades e possibilidades para aprender coisas novas. Não pretendemos dizer que os dois autores atribuíram o mesmo significado para o sentido do autoconhecimento, mas pensar sobre tal significado, permite-nos ampliar a reflexão sobre o momento em que o pesquisador(a) se depara com o duplo esforço de compreensão, objeção e objetivação: do objeto e temática que pretende estudar, e enquanto sujeito que irá estudar esse objeto/temática.

Durante o percurso da reflexão e análise das obras, as formas como as crianças se comportam e se relacionam dentro do espaço literário fez-me refletir sobre esse tema perpassando pela minha própria infância. Compreendi que analisar as infâncias nessas obras teria que compreender a minha trajetória infantil.

Sendo assim, falar sobre infância é adentrar em memórias individuais e coletivas, uma vez que retoma a experiência da própria comunidade e as vivências infantis que nos fez driblar as dificuldades e as violências simbólicas da própria forma de convivência. Ou seja, reviver mentalmente situações de vulnerabilidade, táticas de resistência, de sobrevivência, brincadeiras, banho no rio, e caminhadas na mata. É lembrar-se dos dias de domingos em que acordávamos cedo para pegar água no poço que ficava longe de casa, arrumarmos a casa, varrermos o terreiro²⁴, enfim, ajudar nos afazeres domésticos para que, no final da tarde, minha mãe pudesse sentar, mais cedo, no alpendre²⁵ e nos contar inúmeras histórias que hoje a memória já ofuscou os detalhes.

Eu sou filha de um agricultor que estudou até a quarta série e uma mulher que foi professora pedagoga por muitos anos ganhando metade de salário-mínimo por ter em sua

²⁴ Quintal ou área externa ao redor da casa.

²⁵ O alpendre é todo o espaço aberto que circunda a casa, se aproveitando do beiral do telhado da moradia, pode ser tanto na parte da frente como dos lados ou na parte de trás, rodeados de bancos feitos de concreto. É bem ventilado.

carteira de trabalho o contrato de auxiliar de sala desde aos 19 anos de idade. Sou a mais velha de quatro filhos. A maior parte da minha infância foi cuidando dos meus irmãos, zelando da casa e estudando, enquanto minha mãe trabalhava na creche no turno da manhã. Outra forma de sobrevivência e que, analisando hoje: éramos apenas crianças brincando de caça tesouro na floresta e que fazíamos na maior diversão, mas que voltávamos para casa com uma “feira do sábado”. Eram frutas tiradas dos pés, como acerolas, goiabas, uvas, bananas, tangerinas, limões, seriguelas, e quando tínhamos sorte de encontramos ninhos de galinhas com ovos voltamos para casa com um grande sorriso no rosto, uma vez que tínhamos a mistura/tempero dos almoços da semana.

Ressalto que as frutas colhidas nessas brincadeiras infantis eram, em sua maioria, de outros sítios, de vizinhos. Algumas vezes pedimos aos donos, outras vezes só pegávamos. Não víamos aquilo com maldade, como um roubo. Na memória infantil éramos apenas crianças brincando na mata e voltando para casa com um dos maiores tesouros: Alimento. De fato, percebo no decorrer da pesquisa e análise literária que as narrativas retomam a própria experiência humana independente do espaço, porém cada uma com os seus matizes.

Andar na mata por muito tempo foi como uma diversão, contudo, o peso da responsabilidade e da condição social não eram tão nítidos. Nessa época, meus pais ainda estavam separados e, como irmã mais velha, assumi muitas obrigações. Encontrei o refúgio nos livros, assim fugia das brincadeiras que eram fora do entorno da casa. Em período de férias em que os primos da cidade estavam no sítio, eu inventava atividade doméstica para fazer ou dizia que tinha um livro que eu estava lendo e queria saber o final o quanto antes. Utilizando esses argumentos, eu li muitos livros durante minha infância e adolescência, das mais diversas áreas, mas reconheço que os da literatura e da botânica foram os que mais cativaram.

Ao visitar a minha memória de infância e refletir sobre ela compreendo o quanto o mecanismo de sobrevivência praticada durante a infância na ausência de itens básicos de consumo e que constitui uma violência simbólica, perceptível também nos personagens das obras. Lembro quando adentrávamos na mata e nos sítios dos vizinhos, às vezes acompanhada da minha avó materna, outras apenas com minha irmã ou em grupo com primas em busca de mudas de plantas e flores para o jardim improvisado no terreiro de casa. Pelo caminho, brincávamos de pega-pega, esconde-esconde, subíamos nas árvores para pegar ingá, ou pegar manga no pé e que degustávamos ali mesmo no meio da floresta.

Na volta para a casa, esses passeios rendiam frutas e pequenos troncos de madeira seca que colhíamos para ser utilizados no fogão a lenha, uma vez que o botijão de gás ficava de 8 meses até anos sem ser abastecido. Foram muitas vezes, durante o inverno, que saímos para pegar o transporte escolar por volta das 6 horas e esse lugar ficava distante há quilômetros de casa. A essa distância caminhávamos sem café da manhã porque a lenha estava molhada e o fogo não pegava. O instinto de sobrevivência era tão marcante que durante o percurso até o ponto de ônibus, observamos onde tinha árvores secas caídas para que, em outro dia, voltássemos para pegar e fazer as lenhas.

Essas estratégias de vida, durante a infância e as formas de violências expostas aqui, apesar da peculiaridade, foram narradas também por amigos de Guiné-Bissau e Angola que, em encontros informais, descreviam experiências e brincadeiras de infâncias com certas similaridades. Assim, percebi o quanto as nossas infâncias estavam conectadas, apesar dos espaços geográficos e circunstâncias locais. Por isso, compreendi que era necessário trazer essas experiências nesta pesquisa para demonstrar o quanto, às vezes, as infâncias são conectadas apesar das especificidades. Sendo assim, partimos das seguintes indagações: O que é infância? Existe uma única infância? Quais as singularidades e pluralidade do ser infantil? Até que idade se pode considerar que um indivíduo está na fase da infância? E como as crianças têm a tomada de consciência sobre os conflitos e quais os meios que elas usam para preservar uma lembrança boa de infância? Reconhecemos que falar desse assunto é um desafio, uma vez que abrange discussões mais precisas de outras áreas como o social psicológico, pedagógico entre outros, e que por questão de caminhos metodológicos não caberia uma discussão mais profunda sobre como essas áreas podem compreender essa problemática.

A minha perspectiva neste relato é expor a sensibilidade de uma infância onde a violência simbólica esteve presente, e fazer notar os mecanismos usados pela criança para enfrentar as realidades. Mecanismo de sobrevivências faz parte do ser humano, portanto, ao analisar e compreender o meu eu- protagonista dentro de uma história, ou seja, a minha trajetória de vida foi um trajeto escolhido para compreender também as crianças dentro das narrativas e como elas se comportam e se entrelaçam com o mundo dos adultos no espaço pós-independência e de guerra civil de ambos os países.

Compreendemos que cada criança tem sua história e, que cada uma é sujeito de seus mundos. Enfrentam a realidade com inocência, coragem e determinação, como Hussi, personagem de Jorge Araújo. Subcreve uma realidade paralela como a Isaura, personagem de

Ondjaki. Preservam a inocência infantil pela forma de ler o mundo dos adultos como menino protagonista da narrativa angolana. Ao esboçar a narração de uma personagem infantil com cunho autobiográfico, na qual a infância foi marcada por sofrimento e situações de vulnerabilidade, não pretendemos colocar no mesmo nível os traumas dessa infância como os traumas de uma infância em contexto de guerra.

Assim como o eu-personagem encontra refúgios e elabora táticas de sobrevivência para lidar com adversidades encontradas durante essa fase da vida. Os personagens infantis dentro da narrativa dos escritores Ondjaki e Jorge Araújo também constroem as estratégias para driblar as dificuldades. Enfrentando, os seus cotidianos tingidos pelo medo e as violências. Esperamos encontrar em cada criança uma visão singular e geral do tema infância em contexto de guerra pós-independência nesses dois países africanos de língua portuguesa.

Portanto, ao expor o meu eu - personagem através dessa pequena narrativa, nas páginas anteriores, me faz lembrar do menino-narrador de *A bicicleta que tinha bigodes* – na qual descreve a guerra pela sutileza do olhar infantil, ora camuflada pela inocência, ora pelas tomadas de consciência. Assim como a personagem Isaura e suas táticas de sobrevivência para amenizar a realidade da guerra civil pós-independência em Angola na obra de Ondjaki, bem como remete ao garoto Hussi que encontra refúgio e força no seu brinquedo lúdico (bicicleta) para enfrentar e sobreviver a guerra civil de 1998 em Guiné-Bissau. Depreender a infância constitui um exercício desconfortante, já que esse tema vai do particular ao coletivo, do introspectivo ao extrovertido, e por vezes, lastimoso e perigoso no sentido singular de cada indivíduo. Porém, tocam em pontos convergentes, o lúdico considerado universal como por exemplo, as brincadeiras, as degustações de frutas no pé e as relações com os adultos.

É necessário ressaltar que a infância analisada na obra do escritor angolano é uma infância enquadrada dentro de um contexto social, político do qual o autor cresceu e representa em sua obra. Durante uma palestra intitulada *África, socialismo, guerra fria* em Lisboa em 2017, disponível no meio digital, em que se pretendeu contextualizar as relações entre independências nacionais, as parcerias socialistas, as relações afetivas e a guerra fria a partir de experiências concretas e história de vidas dos convidados entre eles estavam o escritor angolano. Notamos em sua fala a perspectiva da qual ele se propõe a falar:

[...] **Em nasci em 77, portanto cresço durante os anos 80 no que seria a plenitude, não a plenitude, mas o tempo mais concreto desse socialismo angolano.** Eu gosto mais do termo do Manuel Rui que é o peixefritismo ou ainda o socialismo esquemático (2min53s-3min13s). [...] mas fisicamente, socialmente, na realidade não se traz uma coisa e a coisa vem intacta e chega

intacta naquela cultura, naquele contexto, portanto houve de fato algumas adaptações[...] **A perspectiva que eu queria falar aqui muito de uma coisa da infância. Porque é outra perspectiva e vocês têm outra e, eu só posso falar dessa: que como é que nós recebíamos aquilo?** Como é que uma criança (fala interrompida por outro participante). Veja alguma coisa interessante: Ao passo que para outras pessoas ouvir as crianças dizer: “bom dia camarada professor”, “bom dia camarada é isto”, vai aos comícios, vai não sei quem. Ao passo para quem está de fora está a ver numa perspectiva consciente de que aqui tá em *off* ou um monte de coisas por trás. **E isto não é igual para todas as crianças angolanas porque não todas as crianças angolanas estavam em regiões controladas pelo MPLA. Eu cresci numa região do país, em Luanda, onde estávamos sob o controle do MPLA**, o controle no sentido da presença e, portanto, pra nós era normal, quer dizer, mais que normal. Como é que eu vou explicar: Não havia outra coisa. A primeira vez que eu percebi, por filmes, antes de vir aqui, por filmes e histórias na televisão que havia lugares onde saia água na torneira, toda hora, todos os dias e quando as pessoas queriam e bem entediam. Isto pra mim era anormal! Mas como assim?! Tu precisavas abrir a torneira e sai a água?! **Nós ali tínhamos nossos dias que vinham água, que não vinha e às vezes os dias que viriam também não vinha. Mas isto não era exótico, nem preocupante, nem nenhum problemático, era normal. [...] o modo como nós lidávamos com a água ou com a presença ou ausência da luz não tinha nada do outro mundo.** (transcrição nossa do áudio. 3min 48s- 5min 34s) (ONDJAKI, RedAfrica, 2017, grifo nosso).

Além da perspectiva, nota-se como o autor se recorda enquanto criança no contexto de carências de bens materiais ocasionados pela guerra civil do país. A marcação da memória individual se entrelaça com a construção da memória coletiva, quando revela: “estou a tentar passar as coisas sem julgamentos, [...] passar os fatos crus como eu às vezes me esforço a lembrar: como é que uma criança aceita aquilo que estar, que ver, que vive como o natural? Hoje eu olho pra aquele tempo e entendo outros contornos” (ONDJAKI, 2017, 8mim20s8min34s). As normalidades das ausências e o processo de lembrar-se dos “fatos crus” são evidenciados através das marcas linguísticas da escrita literária.

Ao analisar o trecho a seguir observamos o uso do pronome possessivo “nosso” quando o menino-narrador se inclui nesse processo. Na memória infantil-criança ou não repudia ou se adapta- a maioria se adapta- e aceita a guerra, ora, se todos os adultos e crianças a sua volta falam da guerra com frequência e seus familiares estão servindo, lógico que a criança se coloca como sujeito e participante da guerra também. Aliás,

O CamaradaMudo ligou o rádio para ver se mudamos de conversa. Era hora do noticiário e explicaram coisas da **nossa** guerra, falaram também da falta de água e **de uma** falta de luz que também **poderia** acontecer devido aos

combates perto de Cambambe²⁶. Só já quase no fim, (...) é que falaram do concurso (ONDJAKI, 2015, p.43).

Outro termo que interpretamos como uma tentativa do autor em narrar os fatos sem julgamento e analisando como uma criança entendia o contexto da época, é através do distanciamento ocasionado pela junção da preposição e artigo indefinido “de uma”. Ao fazer uso desses termos a criança na narrativa está dizendo que a falta de luz deve ser em outros lugares onde ela está mais presente. Ora, a criança ouve no noticiário sobre mais uma possível falta de luz, entre muitas que ocorrem em Angola. Nesse contexto, para elas não era anormal não ter água, luz quando se precisava. Na narrativa literária fato excepcional, para as crianças, que sai da rotina delas, era o concurso que estava sendo divulgado na rádio tendo como prêmio uma bicicleta.

Assim, como a justificativa para a ausência do item de necessidade básica é questionado pelo uso da incerteza e descrença quando ele diz “poderia”, isto é, para a criança o argumento se tornou desnecessário, pois na guerra as dúvidas são constantes, ao passo que a preservação da infância é mantida pelos interesses da criança, ou seja, o único assunto que lhe interessava era saber sobre o concurso da bicicleta. Ao recriar a representação de uma infância o autor, necessariamente, fala também de identidades como podemos ver ao analisar seu lugar de fala, seu contexto histórico, político e social: os afetos envolvidos, as tomadas de consciência e a preservação da infância.

Na pedagogia, o afeto influencia no processo de ensino-aprendizagem infantil. Sabemos que cada educador tem um jeito de ser, um brincar diferente, um carinho, um olhar atencioso para com a criança e isto ajuda na construção de vínculos, de identidades- portanto, compreende-se que o afeto está ligado à identidade. Segundo Ondjaki “afeto tem o lugar que por vezes a história não pode abarcar ou explicar” (13min29,2017). Assim, ele discorre e narra sobre o tema infância, construindo memória e identidade coletiva (ONDJAKI, Lisboa, RedAfrica, 2017).

Compreende-se que quando Ondjaki opta em escrever seus textos, na maioria com a temática da infância, ele nos revela algo muito peculiar e enfático sobre as perspectivas e memórias infantis de um espaço e de uma violência que atravessa uma geração em Angola depois dos anos de 1975. Muitos outros autores quando escolhem falar sobre a infância em

²⁶ No Cambambe há uma hidroelétrica e se localiza fora de Luanda. O que ocorria fora do entorno da cidade afetava o cotidiano da capital

meio à guerra, optam por enfatizar os traumas e os conflitos existentes que levam os leitores a chorarem ou a sentir pena dos personagens envolvidos como no caso do nigeriano-americano Uzodinma Iweala autor do livro *Feras de lugar nenhum* (2015) – no qual conta a trajetória de uma criança chamada de Agu, com características de soldado, em meio a uma guerra no qual o espaço geográfico não é definido e sendo sua voz infantil que nos conduz pela guerra e seus horrores. Ou como o Jorge Araújo que destaca, metaforicamente, os motivos da guerra civil em Guiné Bissau, em 1998, de forma impactante.

O tema infância é certamente conflituoso, pois muitas das perspectivas apresentadas na narrativa passam, recorrentemente, pelo filtro do pensamento ocidental. Um dos precursores a colocar esse tema em estudos foi o francês Philippe Ariès, em seu livro *História Social da Criança e da Família*. Em seus estudos ele aborda como e quando foi criada a ideia moderna de infância. Airés (1986), na primeira parte do livro conclui que a descoberta da infância se inicia no século XIII e sua evolução pode ser acompanhada, através da iconografia, entre os séculos XIV e XVI, mas é durante o século XVII que os sinais de seu desenvolvimento se tornam mais abundantes e mais significativos.

Seus estudos abordam uma interpretação das sociedades tradicionais em que nelas a infância se reduzia ao período muito frágil em que o indivíduo mal adquire algum desenvolvimento físico e passa a ter a função de um adulto. Para Lana Lage da Gama Lima:

Socialização se fazia fora da família, que tinha como missão a conservação dos bens, a prática comum de um ofício, a ajuda mútua quotidiana e a proteção da vida, sem que isso implicasse uma relação afetiva entre seus membros. As trocas de afeto e a socialização se davam num meio muito mais amplo, através da vida comunitária com suas festas, jogos e cerimônias coletivas. (LIMA, 1986, p.182)

De fato, falar de infância é falar sobre identidades, já que a concepção de infância também flutua como a identidade como sugere Zygmunt Bauman (2006), pois ela tanto é objetiva quanto subjetiva na medida em que a memória de quem conta são pintadas de vários matizes do tempo e espaço sobre as violências silenciadas que atravessam esses elementos. Isto é, na medida em que o escritor angolano traz a experiência do particular ele traz a experiência do coletivo, as vivências de uma geração, além do lúdico, também expõe os desejos (a necessidade de adquirir uma bicicleta, a luz elétrica, a água em abundância) e as violências simbólicas.

Ao se deslocar da zona periférica para cidade encontramos espaços diferentes e, conseqüentemente, infâncias diversas e singulares. Quanto mais nos deslocamos dos nossos espaços, mais flutuamos, e conseguimos enxergar as necessidades, os anseios que há nele. Isso

nos desvela os elementos que contribuem na construção da identidade desses sujeitos envolvidos nos seus espaço-tempo. Hussi sai da periferia da cidade para o centro da capital durante a guerra civil de 1998, quando experimenta outro tipo de vida, a de guerra. A travessia dele também nos dá a compreensão que a infância flutua, e sempre marcada pela adaptação do espaço e novas estratégias de sobrevivência no ambiente precário de guerra.

No entanto, a característica lúdica que ressalta o mundo infantil é o jogo de futebol organizado com preparação, cautela e coragem no qual “Hussi era o senhor das alturas. Voava entre os centrais adversários com a mesma agilidade de uma andorinha a quem uma brisa primaveril limpou as asas” (ARAÚJO, 2009, p.25). Após o início da guerra a infância adquiriu outros contornos atrelados ao espaço e ao contexto, onde Hussi “transportou armas e munições para a linha da frente, fez de pombo-correio, foi ajudante de cozinheiro (...) partilhou o dia a dia de combatentes com nomes estranhos como Capacete de Ferro ou Rambo das Facas, assistiu ao espetáculo dos abutres” (2009, p.53). Em *A bicicleta que tinha bigodes* às crianças já estão inseridas na guerra, não houve uma mudança de um estado tranquilo e sem peso para um estado de devastação e medo explícito como ocorre em Comandante Hussi.

No contexto angolano o cenário é degradado e se tornou parte do mundo infantil: “Íamos a correr muito, a saltar buracos, a desviar dos carros antigos abandonados e a olhar para o céu onde dançava parado um papagaio de papel que tinha ficado preso na antena de um prédio (...)” (ONDJAKI, 2015, p.7). Como já foi dito, os conflitos armados em Angola aconteciam, principalmente no interior do país, mas isso não significa que Luanda não estivesse na guerra. A guerra e as mazelas se conviviam, mas as crianças usam mecanismos de proteção e resguardo na tentativa de preservar a própria inocência ao fazer uso dos espaços de guerra com ludicidade.

3.1. As ruas de Luanda pelo narrador-menino

O que difere as duas obras quanto ao narrador, é que na obra Comandante Hussi (2009) o narrador não é uma criança, mas sim um narrador onisciente observa e conta os fatos narrativos. Na narrativa *A bicicleta que tinha bigodes- estórias sem luz elétrica* (2015) é conduzida pelo Narrador- criança. Um menino que também circula em outras obras do escritor Ondjaki. Assim, a representação da perspectiva do infante, isto é, da criança considerada ingênua, por vezes sagaz, e lacunar, nessa obra, faz se questionar - embora se tenha consciência da ótica do escritor, um indivíduo adulto, letrado, inteirados das discussões políticas, culturais

e acadêmicas - se esse narrador dará conta da densidade e dimensão do espaço narrativo e temáticas (Luanda, bairro guerra e infância).

Como toda obra literária em análise, o(s) narrador(es) é uma categoria de fundamental importância, pois é ele(s) quem conduz o leitor para os acontecimentos. Analisamos que a preservação dessas categorias (espaços e temáticas) e o próprio narrador-menino faz parte de uma amplitude de leituras e possibilidades para descrever, através da literatura, infâncias em Luanda em contexto de guerra pós-independente da década de 80, dentro das obras literárias de Ondjaki.

Investido do perfil de uma criança, de quem não se espera maturidade para desenvolver análises e comentários críticos profundos, ele age como um astuto observador dos acontecimentos e do comportamento dos outros, selecionando situações capazes de delinear um quadro pessoal, mas também social e político dos anos 80. (NASCIMENTO, 2019, p.28)

Assim como Hussi e seus amigos se encontram no espaço público para as brincadeiras, o narrador- menino também se encontra com seus amigos, em especial, JorgeTemCalma e Isaura para as ludicidades, imaginações e indagações filosóficas para a memória infantil. Esse espaço é presente também em outras obras dando “continuidade à infância, através da permanência ficcional dos espaços e das pessoas que cercam o menino” (NASCIMENTO, 2019, p.27). Na qual é vista

uma espécie de hipernarrativa que conduz o leitor por percursos que vão do texto literário aos paratextos (**apresentações, prefácios, epígrafes, cartas e outras modalidades textuais**) sobre a infância do protagonista [...]. Esse contexto comparece em mais duas obras do prosador, visto que a personagem central, à maneira de um alterego, protagoniza ainda as novelas juvenis (NASCIMENTO, 2019, p.27 grifo nosso)

O narrador, o espaço, o tema infância está em obras que foram publicadas há mais tempo como *Bom Dia Camaradas* como também aparece nessas recentes obras citadas aqui.

Entre os paratextos da obra aqui em estudo, o espaço é tema logo nas primeiras páginas da obra e por isso é revisitado com certo saudosismo pelo tio Rui.

– Tio Rui, posso falar dos restos de letras que a tia Alice tira do seu bigode à noite? [...] –Sobrinho, claro que podes que ainda a rua já não é a mesma outra de nome mudado e tudo, não se pode mais jogar futebol, nem ouvir pássaros, nem sapos, é só o engarrafamento dos jipaços, parecem estilhaços de sirenes do cimento bem armados de mãos no bolso dos calos dos sapatos” (ONDJAKI, 2015, p.07).

É perceptível que o espaço e tempo mudam e recriar artisticamente esses mundos se faz necessário, por parte do escritor visitar memórias coletivas e individuais a fim de preencher

lacunas e proporcionar verossimilhança nas narrativas de Ondjaki. Em *A bicicleta que tem bigodes* (2015) o narrador-menino se coloca como que não compreende por completo as coisas dos adultos, mas apresenta uma maturidade se comparada às outras crianças. Na passagem em que o narrador-menino descreve o escritor que “fala com a voz constipada e algumas palavras mesmo são difíceis de entender. Eu pensava que era só o modo de falar” (2015, p.14), notamos que na visão infantil ele faz uma tentativa para explicar o tom da voz, os movimentos corporais artificiais que dão força na literatura oral (contação de história do tio Rui). Esse estilo do Ondjaki que recupera uma oralidade que fica entre como uma criança diz e a reelaboração da escrita.

Ao passo que conduz a narrativa colocando a personagem Isaura como a que tem uma lógica infantil para as coisas dos adultos, vejamos,

Mas minha amiga Isaura é que me explicou um dia -
 Não ver como são os bigodes do tio Rui?
 -São como?
 - São assim tipo capim que já não se corta desde o último cacimbo.
 - e depois?
 -Depois que alguns sons e algumas palavras ficam presas no bigode. Então só ouvimos já o resto. (2015, p.14)

Durante toda narrativa, ora vemos o narrador-menino que indaga e tenta formular respostas para a rotina como mais maturidade e assumindo uma característica perspicaz. Ora ele se coloca como observador, ouvinte das interpretações de Isaura.

Essa maneira de ver o mundo dos adultos é um artifício utilizado pela criança para manter uma ingenuidade²⁷ e amenizar a realidade perante a situação de guerra civil. Quando o personagem MotoristaNove atropela o Sapo no escuro da rua, o narrador-menino é travesso quando não explícita para o Nove quem ele realmente matou:

– Mataste o Raúl – a Isaura chorava encostada ao CamaradaMudo (...).
 – Afinal mataste o Raúl? – JorgeTemCalma perguntou também. – Matei o Raúl? Mas qual Raúl?
 – O irmão do Fidel – Respondi para ele se assustar” (2015, p.20).

²⁷ Traduz com ingenuidade inocência uma perspectiva criada pelos autores dentro das narrativas. No entanto, nós tentamos encontrar nas entrelinhas do discurso que as crianças não são tão inocentes assim em relação ao contexto micro e macro da guerra civil na Guiné-Bissau e em Angola. Os narradores, ora colocam as crianças sendo crianças (travessas, simples e com leituras diferentes para os acontecimentos que sucedem) ora, elas em as tomadas de consciência sobre os contornos da guerras. Portanto, são essas alternâncias que apontamos nesta pesquisa.

Observamos dois pontos: primeiro o menino tem consciência da intertextualidade dos nomes Raúl e Fidel que fazem referência aos irmãos Castro, líderes políticos do socialismo nas Américas. Segundo que ao saber da importância dessas personalidades e de ter notado a incompreensão do adulto na cena seu lado travesso característica do ser infantil é acionado ao ponto de deixar subentendido que o atropelamento poderia ser mesmo de um líder político. A personalidade do menino ou até mesmo o olhar diante do mundo muitas vezes passa pelo filtro da amiga Isaura. No trecho a seguir, percebemos que o menino-narrador é descrito fragmentado, em conta gota. O que só é possível fazer uma análise, digamos, mais complexa, desse personagem recorrente nas obras do Ondjaki se adentrar nas outras narrativas que não vem ao caso nesta dissertação. Naturalmente, esta análise não propõe conclusões exatas, muito menos definitivas, ainda mais por se tratar do texto literário, cuja multiplicidade de sentidos enriquece e dinamiza a interpretação

– tio Rui, a tarde, fica na varanda dele a escrever. Primeiro ele pensa, depois fala em voz alta e depois escreve. – Como sabes que ele estás a pensar?
 – És burro ou o quê? – Isaura olhou para mim espantada. – Não sabes que quando os mais velhos coçam muito o bigode é porque estão a pensar?
 (p.15)

Mas o contexto em que essa criança está inserida ainda é a guerra, muito embora seja uma recriação ficcional. Isto é, as famílias e os amigos até estão inseridos em um sistema de racionamento alimentar, água, luz do governo em que recebem alguns itens básicos, mas não estão no fragor das balas. Assim, Ondjaki representa, através do humor, do lirismo uma ideia de infância na guerra que ele recupera através da memória.

Para exemplificar um processo da narração literária elaborada pelo escritor da obra *A bicicleta que tinha bigodes* (2015) sobre como é que uma criança luandense via e entendia a guerra civil de pós-independência, vejamos: “a lagoa ficou toda cercada de iluminação com direitos a choro da Isaura e de alguns que chorava para acompanhar as lágrimas da Isaura, e que nunca nem tinham conhecido o sapo Raúl” (p.28). Na visão da criança é apenas um enterro de um sapo, no entanto, o acontecimento fez com que as pessoas da rua se reunissem e se expressassem emocionalmente pelas perdas de familiares, amigos, e pessoas próximas através da personificação da perda do Sapo. Por isso, para a criança é incompreensível o choro dos outros sem ter conhecido a vítima: sapo Raúl.

3.2 O que ainda temos de Isaura?

Portanto, só os ciclos eram eternos (PEPETELA, 2013, p.9).

Isaura é uma personagem que faz referência a outra Isaura²⁸. Como Ondjaki diz na orelha do livro: “o corpo deste texto é um abraço de amizade e de saudade: ao Luis Bernardo Honwana- esta minha Isaura é em homenagem à tua...; obrigada pela tua voz, pelo Cão-Tinhoso, pelos olhos da tua Isaura” (ONDJAKI, 2015, orelha). O conto do moçambicano Honwana intitulado *Nós Matámos o Cão-Tinhoso* (1980) representa o impacto de séculos de silêncio imposto àqueles que tinham a vida vigiada pelo poder colonial. A história gira em torno de um cachorro que não é visto da mesma maneira como os demais animais da redondeza. Não faremos uma análise do conto especificamente, mas traremos algumas referências e trechos da personagem Isaura de *Nós matámos o cão-tinhoso* publicado em 1964 de Luís Bernardo Honwana (Isaura de Honwana) para ajudar na análise da construção e características da personagem Isaura feita pelo Ondjaki (Isaura de Ondjaki) em *A bicicleta que tinha bigodes-estórias sem luz elétrica* (2015).

Em análise sucinta da narrativa, o Cão-Tinhoso é como os excluídos da sociedade e a Isaura é a única que o defende fielmente. Ela se coloca na frente dos meninos para proteger o cachorro da morte. A nossa compreensão é que a personagem é a representação daqueles dispostos a falar em voz alta, rompendo com os silêncios, no entanto, suas ações são explicadas como atos de loucura e por ser mulher, enquanto tal nesse sistema opressor, o ato de coragem torna-se mais fragilizado. Retomamos ao silêncio, categoria abordada no capítulo dois desta dissertação, podemos notar como o não dizer, isto é, como o silêncio é um rastro de violência encravada nessas sociedades há muito tempo, uma vez que o conto foi escrito em um período pré-independência. Vejamos através do olhar do narrador:

O Cão-Tinhoso tinha uns olhos azuis que não tinham brilho nenhum, mas eram enormes e estavam sempre cheios de lágrimas, que lhe escorriam pelo focinho. Metiam medo aqueles olhos, assim tão grandes, a olhar como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer (HONWANA, 1980, p.5). A personagem Isaura de Honwana era a única que mantinha um

²⁸ Isaura também aparece no conto de Ondjaki intitulada *Nós choramos pelo Cão tinhoso*, da obra *Os da minha rua* (2007).

vínculo emocional com o cão, pois a sua aparência não agradava os olhos alheios: “tinha sempre muitas moscas a

comer-lhe as crostas das feridas e quando andava, às moscas iam com ele [...]. Ninguém gostava de lhe passar a mão pelas costas como aos outros cães. Bem, a Isaura era a única que fazia isso” (HONWANA, 1980, p.7). Ela não o olhava com pena, medo ou temor, era apenas uma menina que gostava do cão como se fosse dona dele. Para o narrador do conto, que também é uma criança, trouxe uma comparação na qual se assemelhava a Isaura ao Cão-tinhoso revelando o temor e pena que ele sentia do bicho e por consequência da Isaura. “Os olhos dela não eram azuis, mas eram grandes e olhavam como os olhos do Cão-Tinhoso como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer” (HONWANA, 1988, p.6). No fundo Isaura se sentia e era tratada como o cão: rejeitada e forçada a se invisibilizar, pois não agradava aos olhos dos meninos, marginalizada, não se enquadrava no meio social escolar e no sistema *operandi e faciendi* como podem notar no trecho a seguir:

A Senhora Professora já tinha dito que ela não regulava lá muito bem e que o pai a havia de tirar da Escola pelo Natal. A Isaura não brincava com as outras meninas e era a mais velha da segunda classe. A Senhora Professora zangava-se por ela não saber nada e dar erros na cópia, e dizia-lhe que só não lhe dava reguadas porque sabia que ela não tinha tudo lá dentro da cabeça. (HONWANA, 1980, p.3)

Na obra *A bicicleta que tinha bigodes* (2015) a Isaura também gosta de animais e é vista como alguém que não compreende bem as coisas. Vejamos: “A Isaura tem sempre ideias complicadas. Fica muito tempo no quintal dela a olhar as andorinhas, as lesmas e até conhece cada gafanhoto do jardim dela. Dá nomes de pessoas aos bichos, mas não sabe bem a tabuada” (ONDJAKI, 2015, p. 14). Apesar da guerra ocorrer no interior de Angola, a menina cria um mundo paralelo para amenizar as perdas, para preservar as lembranças de uma criança feliz que não deveria ser danificada pelo peso do medo, da carência, da ausência forçada de pessoas amadas.

As duas personagens Isaura, dentro das narrativas, mantêm uma relação afetiva com os bichos e estão inseridas em contextos de violência: regime colonial e guerra civil pós-independência. Em *Nós matamos o Cão-tinhoso*, Isaura de Honwana conversa com ele “— Não liguês a isso tudo porque é pêta do Quim, o Doutor da Veterinária não te quer matar nem

nada, isso é pêta. **Nós ainda vamos falar das nossas coisas**, e eu hei-de dar-te de comer todos os dias, [...] Cão-Tinhoso! Não sejas malcriado! ” (HONOWANA, 1988, p.10).

Entendemos que essa Isaura de Honwana está atrelada a violência do colonialismo, com desejo de liberdade, de poder conversar livremente é marcado pela parceria e intimidade entre

78

os dois personagens (Isaura de Honwana e Cão-Tinhoso) que são rejeitados e excluídos pelos demais na narrativa. A Isaura de Honwana expõe que o sistema colonial é excludente, ou seja, assim como o cão é entre os animais, ela também vivia e se sentia excluída: “A Isaura não brincava com as outras meninas e era a mais velha da segunda classe.” (HONOWANA, 1988, p.4).

Em *A bicicleta que tinha bigodes* a Isaura de Ondjaki conhece cada comportamento e rotina dos animais “[...] o gafanhoto SamoraMachel gosta mais das plantas da casa do tio Rui [...] a lesma Senhor é muito estranha porque anda a fazer uma casa com pedrinhas que vai no fundo do quintal e um dia deste pode ser pisada” (ONDJAKI, 2015, p.14-15). Compreendemos que Isaura de Ondjaki expõe que o sistema pós-independente pode lhe aceitar, e lhe faz acreditar que está incluída no sistema, proporcionando a sensação aparente de um bem-estar simbolizado pela narrativa de Ondjaki em que o governo proporciona luz e água, mas não em todos os dias ou quando proporciona mantimentos como leite, mas não para uma família toda se alimentar adequadamente, como vemos nos diálogos entre avó e menino-narrador. Entretanto, compreendemos cada passo dos indivíduos em um contexto de guerra era conhecido e vigiado no intuito de manter o controle da situação política do território de Luanda.

Quando Ondjaki coloca Isaura sendo aceita pelos amigos: “minha amiga Isaura é que me explicou um dia” (ONDJAKI, 2015, p14) e também sendo ouvidas pelos adultos importantes como o escritor da rua dela “ (Tio Rui) — O que foi, Isaura, diz lá ao tio Rui.

(Isaura) — O nove atropelou o sapo Raúl” (2015, p.23), notamos que ela não está sendo excluída, silenciada ou invisibilizada pelo sistema como ocorre com Isaura de Honwana. No entanto, está sendo vista como um indivíduo que tem uma certa liberdade, mas que tem “ideias complicadas” que podem interferir na estrutura do sistema independente do país.

Observamos que, especificamente, essa criança tem conhecimentos sobre os representantes e líderes políticos, mas porque, exatamente, ela é que tem esses saberes? Se dentro da narrativa a Isaura de Honwana é vista como uma criança com dificuldades cognitivas e com ideias complicadas, incompreensíveis. Em análise a realidade pós-colonial, em Angola, na

representação da personagem Isaura reforça uma ideia de liberdade, porém limitada em que os pensamentos e posições ideológicas são vigiados por esse novo sistema político de guerra civil pós-independente.

Existe a guerra, ela ocorre por questões políticas e históricas sem que a população civil queira de fato continuar com as disputas. Ao encontrar o refúgio nas horas quase intermináveis

79

de conversas e observações dos seus animais. Na verdade, a Isaura de Ondjaki é a metáfora do questionamento da nova realidade angolana após um sistema opressor do colonialismo. Esse novo sistema permite que as pessoas acreditem que estão livres e que são ouvidas por um determinado governo, mas que estão inseridas em uma cadeia de interesses próprios governamentais, nesse caso, o espaço com a presença do governo MPLA na qual a narrativa representa.

Ainda é escasso e/ou inacessível, durante o percurso dessa pesquisa, informações e conhecimento de obras literárias que retratam infâncias em outras regiões de Angola no período da Guerra civil de pós- independência. Mas, podemos notar através do contexto Histórico da guerra civil, no âmbito da guerra fria e, da memória do escritor Ondjaki, que da mesma forma que o governo do MPLA estava mais presente em Luanda, adentrando na mente das pessoas com os jogos de discursos políticos no dia a dia da sociedade civil, isto é, participando e fazendo a guerra acontecer o mesmo acontecia com os outros partidos que estavam nas demais regiões cuja presença era sentida com seus ideais políticos também. Percebemos que cada um (movimento político) carrega sua ideologia e entendimento sobre como Angola deveria ser governada e gerando utopias para os angolanos, na qual, os contornos eram embasados nos próprios interesses.

Analisamos que a Isaura de Ondjaki usa os animais como uma recusa da realidade: a guerra. E como uma proteção para preservar a inocência da infância. A maneira como ela lida com o mundo a sua volta é através dessa realidade paralela. Ao se silenciar, ela está resistindo, se recusando ao sistema instalado no pós-independente em Angola. Ao ficar muito tempo olhando e parada para o vazio ou acompanhado a rotina de seus animais de estimação em seu quintal, entendemos que a criança está se manifestando contra um sistema (em Luanda) que, por um lado proporcionam estudos, saúde, alguns mantimentos básicos e, de vez em quando, água e luz, mas tira seus entes queridos ao ponto de ela preencher esse vazio através dos nomes de pessoas que a criança reconhece no discurso do cotidiano e, atribui aos seus animais. Por

isso, para Isaura de Ondjaki não é estranho um dos bichos ser nomeado de Samora Machel, uma vez que são nomes que fazem parte da sua rotina, do território e contexto ao qual ela está inserida.

Ora, para o governo são apenas pessoas servindo ao governo, pois “numa guerra, pessoas perdem o nome e a profissão” (ARAÚJO, 2009, p.49) ou seja, perdem a identidade. Mas para a menina são pessoas que tinham histórias, filhos, famílias, vínculos afetivos,

80

portanto, tão humanos e importantes quanto os grandes líderes como Amílcar Cabral (nome do cão) Gandhi (nome do gato) Raul e Fidel (nomes dos sapos) Senghor (nome da lesma) Samora, Mobutu, Khadafi (nomes dos gafanhotos) e tantos outros bichos que ela batizou. Na voz do narrador:

A Isaura dá nomes de presidentes aos bichos do quintal dela, e porque são muitos bichos, ela sabe nomes de muitos presidentes. Podem ser nomes também de alguns que já morreram ou mesmo outros que não foram presidentes, mas pessoas assim importantes [...]. Parece que também deu nomes aos passarinhos, mas nunca consegui decorar a lista toda. (ONDJAKI, 2015, p.15)

A criança está dizendo através da personificação desses animais que a guerra gera perdas, lutos, dores e sofrimentos e essa também foi a sua maneira de preservar a inocência infantil: cuidando dos bichos com carinho e proteção.

3.3. O rito de passagem de Hussi: “Numa guerra não há crianças”

— *É uma criança obstinada... Recusa-se a deixar a barriga da mãe.*

— *Não é uma criança obstinada, é uma criança que sabe o que quer. Ela sabe que no ventre da mãe está melhor do que nesta vida!*

(MOMPLÉ, 2008, p.37)

A infância é vista como a fase em que uma matriz social primária é construída, na qual a diferenciação no curso da vida humana, em fases, pode ser encarada como uma adaptação a demandas contextuais. As infâncias vistas pela lente da literatura na Guiné-Bissau são estabelecidas através do personagem Hussi, seus irmãos mais novos e sua relação com os amigos. Compreendemos que as obras literárias proporcionam uma ideia de infância. Segundo um estudo feito no início 2000, no Brasil, já mostra uma mudança de concepção das fases, na qual

A transição da infância/juventude para a vida adulta vem acontecendo em quase todo o mundo cada vez mais tarde e com restrições crescentes. Uma tendência quase universal é o adiamento da idade em que os filhos saem da casa dos pais [...]. Por adolescência em geral, considera-se o grupo etário de 13 a 19 anos. **No entanto, reconhece-se que a vida adulta está começando mais tarde, muito embora a sexualidade comece mais cedo** (CAMARANO et al., 2003, p.52-54 grifo nosso).

O Artigo 01º da Convenção sobre os Direitos da Criança tem a seguinte redação: “Nos termos da presente Convenção, criança é todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo” (ONU, Convenção sobre os Direitos da Criança, 1989, Artigo 01º). Além dessa definição há algumas categorias como: primeira infância, infância e infância-juvenil. No entanto, apesar dessa categorização segundo ONU, destacamos a fase da infância na Guiné-Bissau é construída numa perspectiva cultural e social, isto é, a infância nesse espaço se estende por um período mais longo.

No pensamento ocidental a passagem do infantil para a adolescência é marcada pelo tempo cronológico e pela mudança corporal do menino e menina. O nosso questionamento é seguinte: quais os fatores que contribuem para uma percepção mais tardia dessa mudança de fase na Guiné-Bissau?

Em uma sociedade em que o saber é repassado, principalmente, através da oralidade e de multilinguismo os ritos de iniciação em várias fases da vida são uma maneira de preservar a história e os conhecimentos que, cuidadosamente, memorizados pelos mais velhos de cada fase de idade, é transmitido aos mais novos iniciados e, assim sucessivamente. Cada etnia tem suas particularidades e, portanto, as fases da vida também diferem. Para Dabana Namone em sua tese intitulada *Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino: Caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tomboli* (2020)²⁹, o espaço infantil do grupo étnico, especificamente, Balanta é marcado por questões de gêneros e atividades domésticas. Ou seja,

Os guineenses fazem sempre uso da oralidade na sua vida quotidiana. Nas zonas rurais, as atividades diárias de cada grupo étnico são baseadas estritamente na oralidade, como é o caso dos Balantas-Nhacra. Assim, uma criança Balanta, desde que se entende como gente, aprende todas as suas tarefas domésticas através da oralidade [...] quando nasce uma criança [...]ele/ela mantém-se sempre ligado/a à mãe durante todo processo de amamentação, que dura entre dois a três. Porém, a partir de três a cinco – período de desmame), a criança começa a desvincular-se pouco aos poucos de sua mãe [...] os meninos

²⁹ O trabalho de Dabana Namone é apontado nessa dissertação para exemplificar as diversidades de infâncias, isto é, pluralidade de infância (s).

começam paulatinamente a lidar com as tarefas masculinas e as meninas com as tarefas femininas (NAMONE, 2020, p.160)

Segundo Nomone, as crianças Balanta, tanto os meninos quanto as meninas, recebem denominação de acordo com suas faixas etárias e função social dentro dessa cultura. Os meninos, após o processo de amamentação e desmame³⁰, na “faixa etária de quatro a cinco anos de idade ganham o nome de MOSCLAS (aquele que lambe a colher ou a pá de mexer a comida). [...] entre cinco a seis, surge a classe de NIDAWÁE: aquele que, ao chorar, fala que vai dar queixa à mãe” (NOMONE, 2020, p.160). As crianças “de mais ou menos 6 a 12 ou 13 anos de idade” fazem parte do “grupo BIDOGN NE NHARE (pastores de vacas)” (p.161).

Durante essa mudança de faixa etária o primeiro rito de iniciação entre os indivíduos do sexo masculino Balantas-Nhacra ocorre a partir dos 13 anos de idade, na qual há uma subdivisão em grupo: Os “NGHÁE SONH (Ngháe pequeno), de mais ou menos 13 a 15 anos; Os NGHÁE NHUG (Ngháe do meio), entre 16 a 18 anos e os NGHÁE DÁN (Ngháe Grande), entre 19 a 21 anos”(p.169). Aqui o novo iniciado (NgháeSonh), isto é, que passou pelo primeiro rito de passagem se dedica “fazendo trabalhos mais pesados e de maior responsabilidade, tais como: lavoura, cortar arroz, cortar palha para cobrir a casa [...].Ou seja, ele passa agora a fazer todos os trabalhos que uma pessoa adulta faz na sua casa” (p. 170).

As meninas também recebem suas denominações. Vale salientar que estamos apontando esse grupo, especificamente, para falar das fases de infância na Guiné-Bissau, por se tratar de um trabalho recente em que aborda essa concepção de faixa etária de um grupo específico de uma etnia da Guiné-Bissau.

Embora se trate de uma etnia do país, a explanação e a compreensão ampliam o nosso entendimento e contribui para outras leituras da narrativa *Comandante Hussi (2009)*, além de indicar a diversidade das infâncias.

Na narrativa literária, o rito de passagem na qual Hussi é submetido está atrelado ao simbolizado pelo início da guerra. Ressaltamos que as idades das crianças dentro da narrativa de Jorge Araújo não estão explicitadas, mas pelo contexto da narrativa percebemos que Hussi é o mais velho e tem em torno de 12 anos de idade. Seus irmãos estão em torno de 4 a 8 anos e seus três amigos (Bitunga, Batcha e Tetse) estão entre 10 e 13 anos de idade.

³⁰ O desmame ocorre entre dois a três anos.

O narrador da obra do escritor Jorge Araújo descreve as características de Hussi e de cada um dos seus amigos antes da guerra eclodir. A sentença “na vida como no futebol” está presente em cada descrição, através da metáfora do jogo, das personalidades e qualidades de cada um.

Amigo Batcha,

Batcha era pacato e cauteloso. A defesa é o melhor ataque, dizia. Porque o seguro morreu de velho. Na vida como no futebol, era uma sombra impenetrável, implacável na marcação homem a homem, generoso e solidário na defesa dos interesses dos companheiros. Falava pouco, o mínimo, o estritamente necessário. (ARAÚJO, p.24)

83

Amigo Bitunga,

O mais arrebitado, genica nas veias³¹, o Bitunga, órfão de pai e mãe, tinha Cão Boca Negra a sua única família- Encontrou-o ainda otimista por natureza e, na bebê num contentor de lixo, e o animal deve ter ficado vacinado porque ainda hoje não gosta de comida em primeira mão. Era otimista por natureza e, na vida como no futebol, gostava de distribuir jogo.[...] Nunca baixava os braços mesmo quando a sua equipa era goleada (ARAÚJO, p.22)

O amigo “Tetse era um diletante por natureza, um diamante em estado bruto sem muita paciência para se deixar lapidar, na vida, como no futebol, corria sempre pelos flancos, sempre na periferia de uma margem qualquer” (ARAÚJO, p.24 grifo nosso). Na voz do narrador, “Hussi era o senhor das alturas. Voava entre os centrais adversários com a mesma agilidade de uma andorinha a quem a brisa primaveril limpou as asas, na vida, como no futebol, jogava com a cabeça no ar, o coração ao alto” (ARAÚJO, p.25).

Notamos que as descrições das crianças transparecem questões socioeconômicas nas quais elas estavam inseridas. Antes da guerra receber a denominação de “guerra do balão” as crianças já se encontravam em situações de vulnerabilidade e violência simbólica e, portanto, já haviam desenvolvidos táticas de sobrevivência. Por isso, em alguns trechos as características desses meninos como Tetse, “corria sempre pelos flancos, sempre na periferia de uma margem qualquer” ou Bitunga “o animal deve ter ficado *vacinado* porque ainda hoje não gosta de *comida em primeira mão*”- expressam uma falta de sensibilidade e leveza do ser infantil.

O narrador constrói, em retalhos, uma antítese das crianças. Ao passo que mostra os comportamentos extremos que extrapolam o campo de futebol, como os citados acima, também preserva, por um lado, a inocência infantil quando coloca Batcha que é “generoso e solidário

³¹ Isto é, pessoa cheia de vigor, energia, entusiasmo. (ARAÚJO, p.117)

na defesa dos interesses dos companheiros” ou Bitunga que “era otimista por natureza”. Vale ressaltar que os amigos de Hussi, após o início da guerra na narrativa, só vão se encontrar quando chega ao fim o conflito armado na Guiné-Bissau.

A ingenuidade do menino das crianças dentro da narrativa não é sobre a incompreensão “por que esta guerra – ao contrário das outras – tinha nome” (p.31) e sim pela ausência de uma definição, de uma denominação para as violências sofridas, semelhante a guerra, que já havia se instaurado no país muito antes da “guerra do balão”. O narrador é muito perspicaz e crítico, ao mostrar à violência, a coerção, a fome e a exclusão social que é vivida e sentida pela criança ao descrever o espaço familiar de Hussi “as paredes de cartão [...]. As camas eram esteiras que enroladas durante o dia, serviam de cadeiras, a cozinha [...], não passava de meia dúzia de pedras calcinadas dispostas em círculos [...]. Uma mão de arroz para embalar o estômago, um pedaço de pano para embrulhar o corpo” (p.21).

Assim, inocência das crianças utilizada pelo narrador como modo de incompreensão dos acontecimentos orbitais a guerra é um artifício narrativo, que é forjado no decorrer da narrativa, pois as crianças não entendem os outros contornos sobre os acontecimentos e as condições políticas que se encontravam antes da guerra civil pós-independência.

O bairro, ou melhor o campo de futebol, na qual Hussi e seus amigos circulam é também um espaço de múltiplas possibilidades e simbologias, uma vez que encontramos características do universo infantil, antes e depois da guerra, como brincadeiras e jogos. Por isso, quando a guerra inicia os amigos estão no meio de uma partida de futebol, e ao interpretar o tiro de canhão como comemoração da vitória do time “pela primeira vez na história do *derby* de rio seco um golo foi saudado com uma salva de canhões” (2009, p.35). Elas assumem características de crianças inocentes, dada a situação compreensível pelo olhar infantil do início da guerra. Assim, “Bitunga julgou que era fogo de artifícios e partiu em direção ao local onde soava a festa. [...] Batcha começou a tremer que nem gelatina [...].Hussi partiu em direção a casa” (p.35) A Partir desse momento, Hussi passa por uma metamorfose assim como o AbdeleiSisse passou, a qual oscila entre a criança-adulta³² e criança-infantil³³.

Retomando aos apontamentos do Dabana Namone sobre as faixas etárias e função social dentro da etnia Balanta, o rito de passagem do personagem Hussi na narrativa é ocasionado pelo

³² Termo escolhido nesta dissertação para designar os comportamentos de Hussi, que se assemelha ao de um adulto em guerra.

³³ Termo escolhido nesta dissertação para os comportamentos que ainda prevalecem e remetem ao de uma criança.

contexto social da guerra, pois “Hussi, que ainda nem sequer era dono da sua própria cabeça, estremeceu de responsabilidade” (ARAÚJO, p.35) e o pai do menino lhe atribui o status de “iniciado”:

A recepção não podia ser pior.

— Agora és o homem da casa- determinou abdelei.[...]

— Vai levar a tua mãe e os teus irmãos à aldeia dos teus antepassados- ordenou Abdelei.

— Mas ele ainda é uma criança- protestou dona Geca.

— Era.

— É

— Numa guerra não há crianças.

— Olha só o disparate que estás a dizer.

85

— Oh Geca, as balas nunca perguntam primeiro a idade, pois não? (ARAÚJO, 2009, p.35-36 grifo nosso)

Esse é o ponto de partida da mudança, a criança passar por uma metamorfose. Seus comportamentos e feições mudam e oscilam, ora assumindo característica de um adulto quando lida com situações de vulnerabilidades, pois “ numa guerra não há crianças” há apenas vítimas,

O primogênito de Abdelei e dona Geca sentiu-se no centro do mundo. O pilar da família. E fez o que sempre faz quando quer acrescentar uns anos ao seu bilhete de identidade - encheu o peito com lufada de ar fresco, e passou longamente a palma da mão pela carapinha, empinou ainda o nariz. — Vamos — ordenou. (ARAÚJO, p.36)

No entanto, essas atitudes de coragem representadas pelos comportamentos de liderança oscilam. O garoto Hussi, no trecho acima, não vê uma perda significativa na guerra, isto é, ele se enche de orgulho por se sentir útil dentro de um acontecimento tão singular e fora da sua rotina. Para a criança a guerra não tem a mesma dimensão e significado que para o adulto:

Foi assim que a guerra entrou na vida da família Sissé. Pra Dona Geca era o fim do mundo. Para Abdelei, o princípio de um novo. Para Hussi, nem uma coisa nem outra. Era algo muito estranho e por mais que se esforçasse, não conseguia saber por quê. “Será que a guerra provoca amnésia?” matutou (p.36).

Na verdade, a memória não armazena todas as informações, ela é seletiva, individual e coletiva. Podemos dizer que a afetividade contribui para a memorização, para as lembranças, como notei no processo de escrita sobre a minha trajetória de vida infantil. Durante o processo lembrei-me de algumas histórias contadas pela minha mãe, mas não recordo de todos os

detalhes, o que me fez procurar preencher as lacunas com as memórias de minha irmã e prima que sempre estávamos juntas no momento de contação nos finais das tardes de domingo. Por isso, o narrador em *Comandante Hussi* (2009) coloca o protagonista com falhas de memória, ou seja, Hussi só retorna a ter comportamentos de criança-infantil quando se lembra do brinquedo que remete a sua infância. Na voz do narrador,

O peso da responsabilidade deve alimentar-se de queijo. De queijo suíço cheio de buracos por onde passam algumas lembranças. Só assim se compreende o esquecimento de Hussi. Só assim se compreende que a sua memória tivesse ressuscitado, mal atravessou a soleira da *palhota* (cabana coberta de palha-grifo nosso).

— **A minha bicicleta?** Tenho que levar comigo a minha bicicleta – Disse com sentimento de culpa.

- Estás doido- respondeu-lhe secamente a mãe

(...)

— Vão matar minha bicicleta – Chorou como quem chove no molhado. (p.37 grifo nosso)

Notamos que a passagem de comportamentos de criança-adulto para a criança-infantil, isto é, as transformações observadas na personalidade de Hussi, são rompidas pela voz do narrador quando o traz de volta a realidade. Hussi é uma criança que está em uma guerra e a retomada para o universo infantil, portanto, é através do sentimento de culpa por ter esquecido o brinquedo e, pelo choro que marca o status de criança. A angústia de não poder levar a sua bicicleta o retorna para a posição de uma criança indefesa que perde toda a coragem, assumida anteriormente, de levar sua mãe e seus irmãos para o interior do país como recomendou o pai do garoto.

Em *Comandante Hussi* (2009), alguns espaços tem significados simbólicos como a casa da família, em especial a cozinha. O lugar é escolhido pelo protagonista para enterrar a bicicleta quando percebe o que a guerra significava para ele, ou melhor, “Hussi compreendia finalmente o que é uma guerra – não, não é o fim do mundo nem o princípio de outro. É o dia em que foi obrigado a deixar para trás a sua bicicleta” (ARAÚJO, 2009, p. 42). De fato, a cozinha é um lugar em que se prepara os alimentos. É um espaço coletivo de encontro familiar, para as principais refeições. Ela constitui um espaço onde ocorre trânsito, circulação maior durante a rotina das pessoas da casa. Consideramos a cozinha com um lugar, cuja simbologia é a união, a proteção e a certeza de um retorno, no qual é utilizado pela criança para esconder o objeto de valor, a bicicleta.

3.4 As bicicletas: desejos e utopias

Em função disso, no livro *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração* de Yves Reuter (2011), o autor aponta para *As funções do espaço* em que no “texto carecerá de indicações precisas e referências ao nosso universo ou ainda os lugares serão puramente simbólicos (a casa como o lugar de segurança. A floresta como espaço do medo) [...]” (REUTER, 2011, p.53).

Assim como o espaço tem uma simbologia (casa/cozinha), o objeto (bicicleta) também tem. No nosso entendimento é que a bicicleta é o símbolo da infância, por isso, quando Hussi foi obrigado a deixar a bicicleta ele também foi obrigado a deixar para trás a sua infância, isto é, a infância tranquila de brincadeiras, de jogos futebol com os amigos, e deixou a rotina de ir à missa aos domingos.

Outra leitura para a bicicleta é que a voz atribuída ao objeto lúdico pode ser compreendida como o inconsciente de Hussi. A criança, para não demonstrar fraqueza explícita, camufla, através da linguagem, os próprios sentimentos ao elaborar diálogos com a bicicleta. Vejamos:

Como dona Geca era diferente, as mães têm coração de algodão, não resistem ao choro de um filho.

— Ao menos deixa-me escondê-la- Suplicou Hussi.

— Tens dois minutos- Acedeu dona Geca.

Hussi dirigiu-se para a cozinha, afastou as pedras dispostas em círculo, limpou com a palma das mãos as cinzas que repousava no chão. E começou a cavar. Era preciso cavar muito e, depressa, porque a sua bicicleta era de gente grande [...]. Uma tristeza enorme estrangulou o seu pequeno coração.

Para acalmar a dor começou a falar sozinho.

— Vais ficar bem... e com muito juizinho, prometes?

Quando a bicicleta estava quase coberta de terra avermelhada, ouviu uma voz.

— Tenho medo... tenho medo [...]

— Desde quando é que uma bicicleta fala? – interrogou-se. (p.39-40)

Assim como Isaura, Hussi utiliza de artifícios para enfrentar a realidade como tática de sobrevivência, principalmente a função atribuída a ele pelo pai Abdelei Sissé. Assim, o menino revela seus medos pela voz da bicicleta. Em certo momento da história literária a criança atribui as conversas que tem com o brinquedo para justificar uma intuição, um extinto de sobrevivência. No trecho a seguir também notamos o artifício de defesa da criança para preservar a infância, isto é, trazer à tona, memória que guarda os momentos de brincadeiras e da rotina do lúdico. Salientamos que Hussi não tem muitos espaços de ludicidade durante a guerra se comparado a narrativa angolana, uma vez que

Foi ela quem lhe indicou o norte entre os arrozais, quem lhe salvou a vida naquela emboscada do inimigo (...). Foi ainda ela quem lhe disse para mudar

de trincheira no dia em que uma bomba chacinou quase toda a frente. Era a sua imagem quem lhe mantinha o espírito leve e tranquilo.

— Tenho saudades tuas - confidenciou Hussi na hora do descanso. Para abafar a tristeza recordou os passeios pelas margens do Rio Seco, o cachecol do Barcelona e enfeitar o Guião as partidas que ela, às vezes, lhe pegava.

— Lembra-te daquele dia em que deixaste saltar a correia quando perseguimos o Boca Negra? -Quis saber. (ARAÚJO, 2009, p.56)

Os diálogos entre a criança e o objeto evidenciam uma infância que tenta manter diante dos conflitos armados. Entretanto, nas oscilações de comportamento o protagonista perdeu por um tempo essa simbologia infantil, pois “desde que as armas se calaram, Hussi não tem um minuto de descanso, continua sua marcha Triunfal pelas ruas da cidade de asfalto lado a lado com seus companheiros de armas” (2009, p.101). O menino está entre ser um ex-combatente de guerra ou ser uma criança sobrevivente da guerra, até o seu nome, nesse processo de metamorfose, muda e onde “esteve nas instalações da Armada, onde toda a gente o acarinha e trata por Comandante Hussi” (p.101, grifo nosso). Assim, o elo para preservar seu lado infantil também foi rompido “por mais se esforçasse em fechar bem os olhos, por mais que se esforçasse em criar um mundo escuro na sua cabeça, a sua bicicleta permanecia silenciosa” (p.102). Aliás, a guerra deixou traumas, deixou perdas e, principalmente, deixou Hussi sem rumo. Vivenciando essa situação, no nosso entendimento, a criança indaga filosoficamente e retoricamente: quem eu sou depois de tudo isso? Ainda sou uma criança?

Ele ainda é uma criança, mas reconhecer esse estado foi preciso, metaforicamente, passar por um processo de procura da inocência e aceitação por parte de outras crianças. No paralelismo feito pelo narrador notamos que o protagonista teve que,

E desatou a cavar, as mãos entranhadas na terra vermelhada, desatou a cavar, as mãos a procurar do seu tesouro mais valioso, desatou a cavar, o buraco cada vez mais profundo, desatou a cavar, [...]. Os dedos tropeçaram contra um objeto metálico, de contornos indefinidos (...), bastou um [...] movimento para compreender que o seu tesouro mais valioso estava são e salvo (p.110)

Nesse caso, o objeto é a personificação da própria infância. A bicicleta é único símbolo que está presente no imaginário do personagem desde o início da narrativa e torna-se a válvula que se faz como que ele sempre se lembre dos motivos pelos quais está lutando para sobreviver durante a guerra. Para ele o único sentido é, justificativa para retornar do interior e colaborar na cidade como ajudante nas trincheiras, o desejo de recuperar “o seu tesouro mais valioso, porque fora o único presente que o pai algum dia pôde oferece-lhe” (p.19). Observamos que o autor constrói argumentos que reforçam uma inocência da criança em participar de uma guerra, a qual não houve escolhas. Para Hussi a obrigação de ir para a linha de frente do conflito armado, foi o único intuito dele era rever o seu objeto lúdico.

A participação de Hussi na guerra é legitimada pela própria criança através do desejo de ter a bicicleta de volta. Motivo esse é questionado e incompreensível pelo olhar dos adultos. Ora se Abdelei Sissé tinha um motivo para estar na guerra, para além da sua sobrevivência, o narrador cria mecanismos de legitimar a participação de Hussi. Sabemos que em uma guerra não há muitas escolhas, porém, o narrador nos mostra que a “guerra do balão” apresenta algumas rotinas, na percepção da criança, a saber:

pouco e pouco as pessoas começam a habituar-se aos rugidos dos canhões, a cada estrondo passou a ser melodia para os ouvidos. Entrouse na rotina, bombardeamento a hora marcada (...) as pausas das tardes de sábados para religiosidade, beber, os relatos da bola (ARAÚJO, 2009, p.59).

Vale ressaltar que o conflito na Guiné-Bissau durou 11 meses.

Refletir sobre esse objeto em África, mais especificamente em Angola e Guiné-Bissau é abordar questões sobre poder, mobilidade, economia, ludicidades. Nas duas narrativas a bicicleta é vista como algo valioso, especialmente para Hussi que já possui o veículo, mas se obriga a abandoná-lo quando a “guerra do balão” tem início. Os pontos de complicações, assim como o clímax da narrativa, acontecem em torno da bicicleta de Hussi: a fuga da família para o interior, a volta para a capital, o símbolo místico para o desfecho da guerra, o reencontro dos dois. Já para o narrador-menino e seus amigos (Isaura e JorgeTemCalma) de Luanda, a bicicleta tem seu protagonismo, mas há outros acontecimentos coadjuvantes que impulsionam o enredo como a morte e o enterro do animal de estimação da personagem Isaura.

Em ambas as narrativas, a bicicleta é um objeto de desejos pelos protagonistas, o que difere de um menino para outro é a relação que eles têm perante: Hussi constitui uma relação de amizade com o objeto por meio da qual se faz arriscar a vida para tê-la de volta. Já os meninos luandenses almejam possuir uma, através de um concurso. Junto disso ganha uma dimensão de responsabilidade, um significado de independência, ao ponto de ser digno de ter um bem valioso e o seu próprio meio de transporte.

A bicicleta em *Comandante Hussi* também simboliza um sonho, uma utopia de uma nação com direitos igualitários para com seu povo. Nas primeiras páginas, antes da guerra, Hussi tem um sonho e nele dialoga como a sua bicicleta, mas o que observamos é a confiança depositada no objeto, vejamos:

— Vem comigo — A campanha da bicicleta falou-lhe ao ouvido.
 (Hussi) — Para onde?
 (bicicleta) — Não faço ideia.
 (Hussi) — Então, por que é que queres que eu vá contigo?

(bicicleta) — Porque és meu melhor amigo.
 (Hussi) — Mas preciso saber para onde!
 (bicicleta) — Não te basta saber que vai comigo? (ARAÚJO, 2009, p.1516)

Na verdade, a utopia deixada por uma geração passada é representada pela bicicleta, Hussi representa uma geração que acredita nessa utopia sem saber para onde levá-la. As características de ambas as bicicletas carregam um profundo significado, e a nosso ver, diz muito sobre os desejos das nações Guiné-Bissau e Angola. A medida em que a bicicleta guineense “era uma bicicleta pintada de lama, pedais amputados, selim (sela) desengonçado, os raios das rodas a contorcer-se de dor. Uma bicicleta a cair os pedaços, mas que ainda estava boa para curvas” (ARAÚJO, 2009, p.19) A simbologia é que a população projeta desejos que têm sido traçados, mas que foram borrados por pensamentos e atitudes de ídoles duvidosas e enganosas. O sonho de uma Guiné-Bissau livre das estruturas de violência do colonialismo foi amputados, porém não extinguidos, pois ainda há uma esperança. A narrativa nos leva a pensar assim, uma vez que ao reencontrar sua bicicleta, Hussi “quando sentou no selim sentiu-se de novo dono do mundo. Os dois pedalarão para a eternidade” (2009, p.113).

Já a bicicleta angolana tinha suas atribuições estéticas mais bonitas ao olhos “sonhei com uma bicicleta bem colorida,(...) a bicicleta do meu sonho era bem grande e zunia muito, amarela nas rodas, o quadro e o volante eram vermelhos e os para lamas assim preto, (...), ninguém tinha visto: a bicicleta tinha bigodes igual o tio Rui” (p.38) Nessa a bicicleta ganha uma conotação intelectual, pois para as crianças o ato de “coçar o bigodes” faz como que “ele (tio Rui) deveria estar a pensar” e por isso é um escritor (ONDJAKI, p.35). Os sonhos e a projeção de um país melhor deveriam ser pensados e planejados, e as atitudes de líderes governamentais, isto é, deveriam ser refletidos antes de executados e, principalmente, acordado com os desejos da população, por isso seria “bem grande e zunia muito”. A descrição difere da bicicleta de Hussi, pois essa última é colorida, o que a torna a utopia mais idealizada, mas almejada, mas no desfecho da narrativa, a decepção: a criança de Ondjaki não ganha o concurso.

Atrelado ao desejo de ressignificar um futuro, o enredo de o *Comandante Hussi* transporta uma parcela de responsabilidade de erguer uma nação ao místico, quando o Professor Bambara que troca as letras na fala e em outro momento é chamado de feiticeiro, diz que o inimigo do Comandante Trovão tem uma arma secreta. “— Eles têm uma bicicleta rágica. (ARAÚJO, 2009, p.73). Desde então as ordens do comandante é que a bicicleta seja morta, passando a ser, dentro da narrativa, o símbolo da vitória. No entanto, os seus soldados

interrogam “como é que mata uma bicicleta, Excelência?” e sua ordem é que “matem-na primeiro. Mas quero que a matem devagar...devagarinho” (ARAÚJO, 2009, p.75). Se entendemos a bicicleta como sinônimo de sonhos e desejos, a falta de fé e a perda de credibilidade de uma nação justa, acontece aos poucos, assim como a morte da bicicleta de Hussi. Podemos fazer uma leitura do selim que deve ser destruído por último. Voltando as características da bicicleta, ela só anda pela força de quem a impulsiona de quem a conduz, ou seja, tirar a sela da bicicleta é o último artifício de um rompimento como a esperança, pois sem ela não há condutor, sem condutor não há rumo e por fim, não há um país.

Considerações finais

Uma indagação desafiadora permaneceu durante todo o percurso do trabalho: o que é ser criança na Guiné-Bissau e em Angola? As narrativas literárias representam um recorte dessa concepção (criança que vive em contexto de guerra civil pós-independência, datada, em um local específico do país, uma faixa etária de idade). Mas, para além dessas obras e, para além da literatura, quais outras possíveis infâncias podemos encontrar nesses dois países aqui estudados?

Trabalhar a Literatura e a História foi fundamental para compreender os assuntos aqui expostos, pois colaborou para uma visão mais ampliada dos acontecimentos narrativos, assim como me incentivou (como pesquisadora) a procurar entender como as áreas das ciências humanas compreendem a infância em contexto de guerra.

As violências apontadas nesta dissertação estão ligadas às conjunturas da guerra civil pós- independências. As consequências dos jogos governamentais sempre recaem na população civil, especialmente, crianças, mulheres e velhos que sempre são os mais vulneráveis. Como notamos, dentro da narrativa as maneiras que a população usa para seguir a vida no espaço onde o medo e incerteza prevalece, em especial como as crianças simbolizadas por Hussi, Isaura e o menino-narrador enfrentam essa dura realidade e tentam preservar a inocência, ou melhor, tentam ser simplesmente crianças, que de fato são. Vimos, através dos personagens, que as guerras geram perdas, luto e gera adaptações, pois a vida segue o fluxo.

Mas a guerra é mais uma das violências, apenas com codinome e data como notamos na obra de *Comandante Hussi* (2009), na qual a violência já estava lá quando a guerra ganhou um nome. A raiz e as constantes violência pela qual esse país passa, por vezes camuflada por um

discurso de utopia que agravam ainda mais as frustrações e corroboram para rastros de violências em todas as camadas sociais, políticas e estatais da Guiné-Bissau e Angola, mostram que a recuperação e estabilidade socioeconômica e política dessas nações ainda se tem um longo caminho a percorrer.

A população fica sem saber a quem recorrer, a quem indagar, pois as violências estabelecem uma relação estreita adentrando na rotina, ficando imersos a uma violência naturalizada, como a ausência ou precariedade de itens básicos como alimentação, saúde, educação, tudo isso acabam por ser silenciados e invisibilizados por um novo sistema opressor. As violências presentes nesse sistema opressor que inclui, mas limita e vigia, como observar na narrativa literária angolana, cuja a guerra é mais duradoura, evidencia-se e intensifica-se quando a guerra inicia, no caso da Guiné-Bissau.

Nas narrativas, vimos que o medo é constitutivo e conduz a uma relação ambígua com o mundo, pois após a ida do pai à guerra, o garoto Hussi se depara com uma realidade dura, marcada pela violência do mundo adulto. Separado da família e de sua bicicleta, a criança se dá conta que em um mundo dominado pelo medo, a fraqueza pode ser arriscada, assim, a sua infância, exige tolerância, sacrifício, e, sobretudo coragem, como disse Guimarães Rosa³⁴ “a vida é assim, esquentada e esfria, apertada e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (ROSA, 2016, p.106) e Hussi aprende, desde muito cedo, que viver em meio à guerra é muito perigoso e não há espaço para o medo. Porém, o sentimento aparece, principalmente, quando o menino tem medo de não encontrar mais a sua bicicleta em meio à guerra.

O objeto lúdico é o marcapasso de Hussi enquanto ele está na guerra, pois os diálogos mantidos com a bicicleta fazem Hussi lembrar quem ele é nessa guerra: uma criança. Por isso ele tenta encontrá-la e mantê-la consigo a qualquer custo na tentativa de não tornar uma criança soldado como tantas outras narrativas retratam os temas infância e guerra. Assim com a Isaura que usa mecanismo de proteção para preservar uma infância. Observar animais, como por exemplo um formigueiro, é algo tão característico da infância, no entanto, a menina Isaura não apenas observa, ela denomina, ela se coloca como sendo dona deles e os protege, transportando assim um sentimento de cuidado, de amor e de não abandono durante a guerra.

³⁴ João Guimarães Rosa nasceu em 27 de junho de 1908, na cidade de Cordisburgo, Minas Gerais. Ao lado de sua atividade profissional, como médico ou como diplomata, nunca deixou de escrever. Em 1956 publicou a obra *Grande sertão: veredas* que é uma narrativa épica composta por aproximadamente 600 páginas e que tem a história de um ex-jagunço, representado por Riobaldo, que narra suas memórias, fatos vivenciados durante o período de sua infância, andanças e aventuras pelo sertão.

O menino-narrador observa o mundo dos adultos e ressignificar comportamentos como as letras dos bigodes do tio Rui, bem como tem suas tomadas de consciência quando sua avó argumenta que não gosta de leite na ausência do item e ele nota que sua avó só toma leite junto com ele quando tem em maior quantidade. E o menino narrador intriga: pela construção ficcional da criança em si feita pelo autor Ondjaki, isto é, o dinamismo e fluidez com que ele se comporta não só na obra *A bicicleta que tinha bigodes-estórias sem luz elétrica* (2015), porém nas obras literárias, na qual o menino narrador aparece. Quando nos referimos a fluidez e dinamismo estamos fazendo referência às atitudes que vão desde a atos inocentes até as tomadas e consciência das situações da guerra e as relações com os adultos. O que de fato ocorre, se pensamos na faixa etária do personagem, o amadurecimento gradual do indivíduo sobre certos assuntos.

Nas obras do autor, esse personagem (menino-criança) já se tornou um elo entre suas obras e a temática infância, dando a entender que se trata de um projeto literário em retratar a infância de Luanda no período dos anos 80 e 90. Portanto, investigar o tema infância, seja pelas literaturas, seja por outras áreas do conhecimento, continuará sendo um caminho a percorrer na minha trajetória de pesquisadora.

Apresentamos leituras para as obras *A bicicleta que tinha bigodes-estórias sem luz elétrica* (2015) e *Comandante Hussi* (2009) no que diz respeito à violência que as crianças inseridas em contexto de guerra vivenciam, bem como leituras para o tema infância. No entanto, chegamos ao final desta dissertação à procura de outras respostas desafiadoras e instigantes que não foram possíveis de concluir neste período de estudo. Ainda existem curiosidades para uma continuidade de uma futura pesquisa sobre essa temática. Aliás, o nossa nossa curiosidade permanece o seguinte: Quais as cantigas orais ou parlendas presentes nas brincadeiras infantis desses países? E quais as leituras sociais e históricas possíveis para elas? Partindo de um olhar sociológico e antropológico, quais as divergências e semelhanças de infâncias nas cidades grandes e de interiores de Angola e Guiné-Bissau? Quais os projetos de políticas públicas existentes nesses países voltado para a infância? Como acontecem e será que de fato acontecem na prática? Quais outras leituras, para podemos ter de memórias coletivas e individuais das crianças que sobreviveram aos 11 meses de guerra civil, pós independências, na Guiné Bissau em 1998? E que sobreviveram e cresceram em Angola nos 10 anos de guerra também?

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA LUSA. **Supremo Tribunal pede "calma" aos guineenses**. Deutsche Welle (DW). 2020, s/p Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/supremo-tribunal-pede-calma-aos-guineenses/a-51958426> Acesso em: 30 de jul. de 2020.
- ANTONIO, Nelson Domingos. **Transição pela transação: uma análise da democratização em Angola**. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2013.
- MURARO, Andrea. C. **Luanda: entre camaradas e mujimbos**. Tese de Doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo – FFLCH, 2012
- ARAÚJO, Jorge. **Comandante Hussi**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.
- AUGEL, Moema Parente. **Ficção ou profecia?** Aspectos da prosa contemporânea na GuinéBissau. **Revista de filologia románica**, n. 2, p. 49-83, 2001.
- BAYART, J F. **El Estado en África: la política del vientre**. Barcelona: Bellaterra, 1999.
- BARRETO, Edyanna de Oliveira. **No mar das representações: vozes da infância na literatura infanto-juvenil – Moçambique e Timor leste**. **Anais do VIII SAPPIL-Estudos de Literatura**, v. 1, n. 1, 2017.
- BARROS, M. **Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros/iluminuras de Martha Barros**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- BISPO, Erica Cristina. **Infância, violência e " guineidades"**. *Nau Literária*, v. 9, n. 1, 2013.
- BITTENCOURT, Marcelo. **As eleições angolanas de 1992**. *TEL Tempo, Espaço e Linguagem*, v. 7, n. 2, p. 170-192, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo, Brasiliense, 2004.
- BRICHTA, Laila et al. **A bem da nação: literatura, associativismo e educação no Brasil e em Angola (1930-1961)**. 2012.
- CÁ, Ianes Augusto. **Identidade e violência na construção da nação guineense: uma leitura das narrativas de Abdulai Sila**. (Dissertação do Mestrado). Universidade da Integração Internacional

da Lusofonia Afro- Brasileira - Unilab, Redenção, 2020.

CAMARANO, A. A., Pazinato, M. T., Kanso, S., & Vianna, C. **A transição para a vida adulta: novos ou velhos desafios?**. Boletim de Mercado de Trabalho: conjuntura e análise, Rio de Janeiro, n. 21, 2003.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre Azul, 2010

CHIMANDA, Pedro Fernandes. **Do monopartidarismo à transição democrática em Angola**. 2010. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

COLONNA, Elena. **O lugar das crianças nos estudos africanos: reflexões a partir de uma investigação com crianças em Moçambique**. Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 2, n. 4, p. 3-23, 2009.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau**. PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, v. 20, p. 11-253, 2011.

CORTINES, Paula de Oliveira et al. **A cidade e a infância e Os da minha rua: representações da infância luandense em narrativas angolanas**. Dissertação. Universidade Federal de Goiás (UFG), 2012.

COSTA, Fernanda Maria da et al. **A construção social e jurídica do menor à proteção integral da criança e do adolescente no Brasil: aproximações com a realidade da Guiné-Bissau**. 2012.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **A Literatura Angolana para infância**. Educação & Realidade, v. 38, n. 4, p. 1129-1145, 2013.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**, trad. de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FERREIRA, Patrícia. **“Estados Frágeis” em África: a intervenção externa nos processos de construção do Estado (Statebuilding) e da paz (Peacebuilding)**. 2014. Tese de Doutorado. PhD thesis, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso (A)**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio.

5ª ed. Edições Loyola, 1996. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3111050/mod_resource/content/1/Michel%20Foucault-A%20Ordem%20do%20Discurso%20%282004%29.pdf

GABARRA, Larissa Oliveira. África pós-1970: Do Terceiro Mundo às Propostas de Cooperação Sul-Sul. In.: **Boletim do Tempo Presente**, n. 06, 2013.

GAMA LIMA, Lana Lage da. História Social da criança e da família. In: **Revista de História**,

n. 117, p. 181-186, 1984

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 177

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

HONWANA, Luis Bernardo. **Nós matamos o Cão-tinioso**. Editora Ática. São Paulo, 1980.

Nós Matamos o Cão- tinioso. Edição. Afrontamento. Porto,1988.

IWEALA, Uzodinma. **Feras de lugar nenhum**. Trad. Christina Baum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história In: **BURKE**, Peter (org). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

MACÊDO, Tânia. Luanda: violência e escrita. In: **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006, p. 175-187, 2006.

M'BUNDE, Timóteo Saba. **As políticas externas brasileira e chinesa para a Guiné-Bissau em abordagem comparada (1974-2014)**. Rio de Janeiro: Gramma. 2018.

MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. A **luta de liberdade da Guiné-Bissau de cabo-verde: O Congresso de Cassacá e a criação do partido Estado**. Revista Perspectiva Histórica, n. 8, p. 1952, 2016. Disponível em: <http://perspectivahistorica.com.br/revistas/1481662969.pdf> Acesso em: 10 de agosto de 2020.

MOMPLÉ, Ligia, **O sonho de Alima**. In. Os olhos da cobra verde, Edição da autora. Impressão:CIEDIMA, SARL, Maputo.2008.

MAMDANI, Mahmood. Entendendo a violência política na África pós-colonial. In: **O resgate das ciências humanas e das humanidades através de perspectivas africanas**. Brasília: FUNAG, p. 375-409, 2016.

NAMONE, Dabana. **Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali**. Tese de Doutorado. São Paulo. UNESP..FCLAR,2020.

NASCIMENTO, Marlúcia Nogueira do. **De paisagens e infâncias em Ondjaki ou uma poética dos anos 80**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2018.

NAZZARIO, Roseli; SANTOS, Izabel Cristina da Rosa **Gomes. Geoleituras e geografias: infâncias vindas pela literatura africana**. Revista textura. v. 19, n. 39, jan-abr,2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2711/2033>, Acesso: 23/02/2021.

ONDJAKI. **A bicicleta que tinha bigodes**- estórias sem luz elétrica. Rio de Janeiro: Pallas. 2015.

_____. **Uma escuridão bonita**-estórias sem luz elétrica Rio de Janeiro: Pallas. 2015.

_____. **O convidador de pirilampos**-estórias sem luz elétrica Rio de Janeiro: Pallas. 2018.

_____. O vôlei de Jika. In. **Os da minha rua**, 2019, p.27-28.

Lisboa. RED ÁFRICA, 2017. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=6nJsEMdi7rU>. Acesso: 23/03/2021.

PASTORE, Marina Di Napoli et al. **Brincar-brinquedo, criar-fazendo: entrelaçando pluriversos de infâncias e crianças desde o sul de Moçambique**. UFSCAR. 2020.

PEPETELA. **A geração da utopia**. São Paulo: Leya. 2013.

PERSICI, Rosana Sarmiento. **Guerra e paz em Angola: um estudo sobre o papel da ONU e das grandes potências**. 2010. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. Belo Horizonte.

PORTUGAL, Gabriela; AVELEIRA, Ana Paula. **Melhorando a Educação de Infância na Guiné-Bissau: numa dinâmica de formação, supervisão e avaliação**. Revista Contrapontos, v. 7, n. 2, p. 407-423, 2007.

PORTUGAL, Gabriela; AVELEIRA, Ana. O projecto melhorar a educação de infância na Guiné-Bissau. In: **COOPEDU—Congresso Portugal e os PALOP Cooperação na Área da Educação**. 2011. p. 135-145.

PURITTA, Felipe de Oliveira. **De silêncios e de vozes: uma análise do processo narrativo em Boaventura Cardoso**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.2020

REVEL, Jacques. **Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado**. Revista brasileira de educação, v. 15, n. 45, p. 434-444, 2010

REUTER, Yves. **A análise da narrativa: texto, ficção e narração**. Tradução: Mário Pontes. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL. 2011

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Nova fronteira. 2006.

RUDEBECK, Lars. **Colapso e reconstrução política na Guiné-Bissau 1998-2000: um estudo de democratização difícil**. Nordiska Africa institute. 2001.

SERRANO, Carlos. **Angola. Nascimento de uma nação: um estudo sobre a construção da identidade nacional**. Luanda: Kilombelombe. 2008.

SUCUMA, Arnaldo. **O ensino superior na Guiné-Bissau: elementos estruturais, conjunturais e suas implicações no desenvolvimento das universidades guineenses.** Tese de Doutorado. UFPE. 2018.

TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. **Cabo Verde e Guiné-Bissau: as relações entre sociedade civil e o estado.** Recife: Ed. do autor, 2015.

TEIXEIRA, Ricardino Jacinto Dumas. **Sociedade Civil e Democratização na Guiné-Bissau 1994-2006** – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René. **História de Angola.** Tradução de Pedro Gaspar S. Pereira e Paula Almeida. Lisboa: Ed. Tinta da China, 2013.

Trajano Filho, W. (2016). **O projeto nacional na Guiné-Bissau: uma avaliação.** *Estudos Ibero-Americanos*, 42(3), 913-943. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2016.3.24227>. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24227>

ZECA, Emílio J.. **África Ocidental: Histórico de Golpes de Estado, Instabilidade Política e Paz Precária.** REVISTA CIENTÍFICA DO ISCTAC, [S.l.], v. 3, n. 7, jan. 2017. ISSN

2519-7207.

Disponível

em:

<<http://www.isctac.ac.mz/revista/index.php/revistacientifica/article/view/61>>. Acesso em: 31

out. 2020.